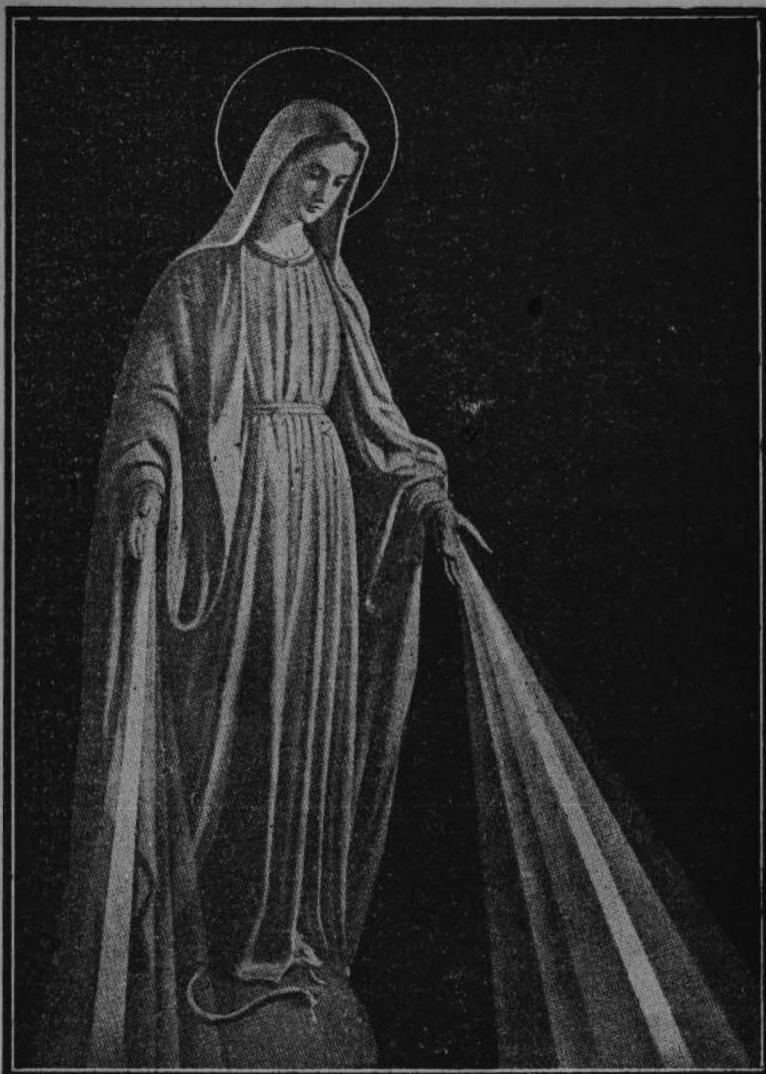
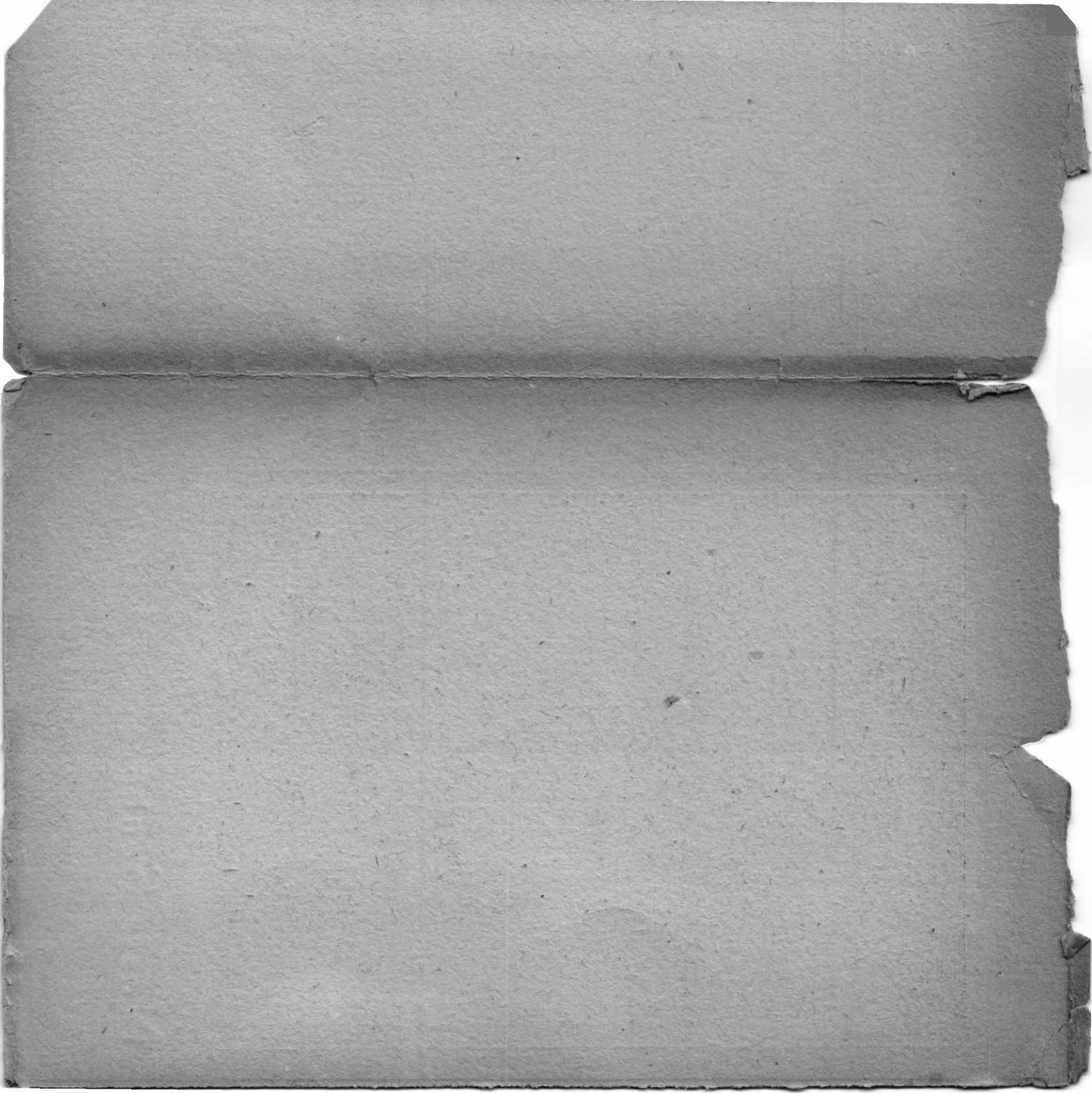


Padre Antônio Miranda, S. D. N.



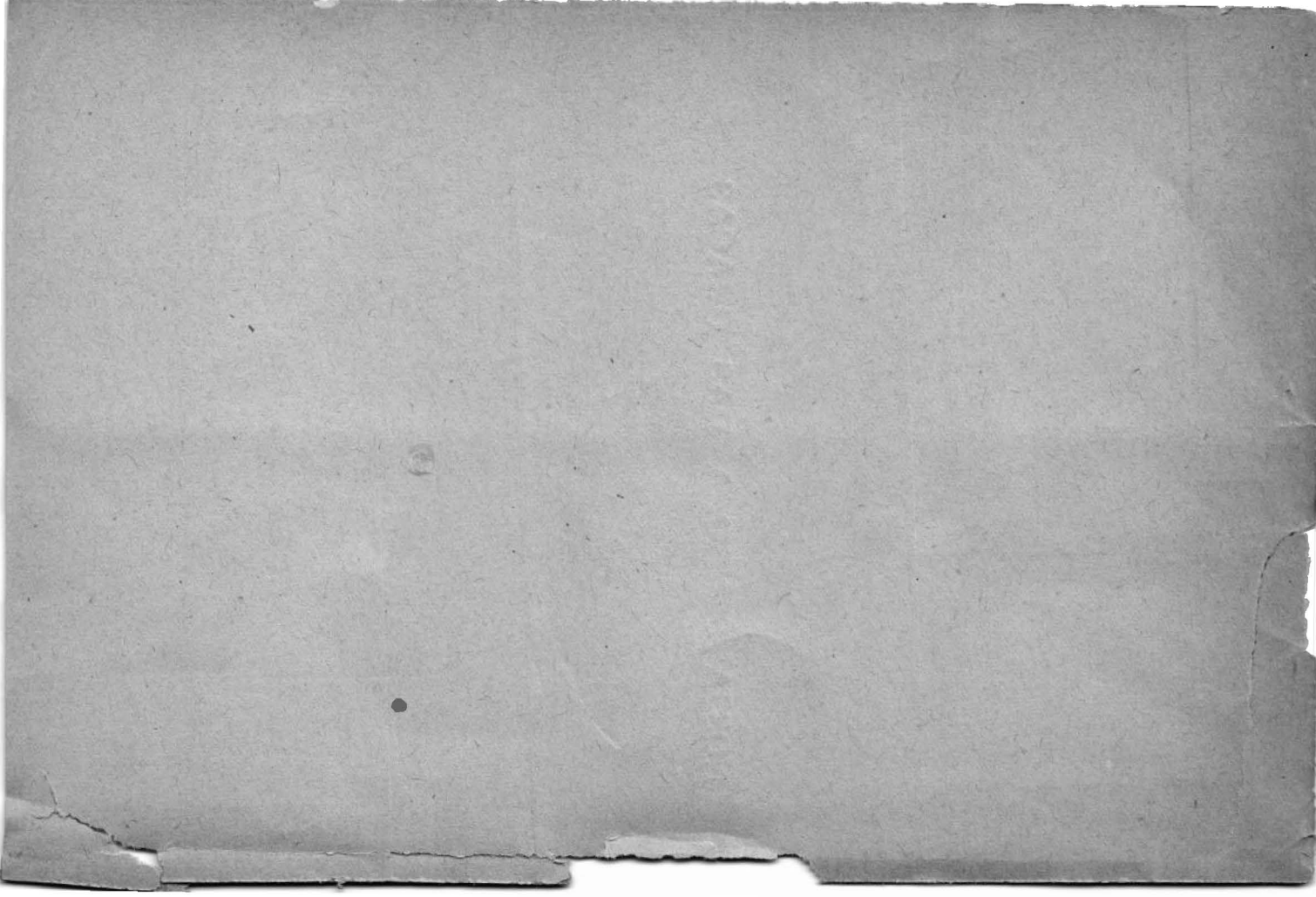
Nossa Senhora das Graças

Estudo Doutrinário



José Eugênio Machado
ADVOGADO

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS



Pe. ANTÔNIO MIRANDA

Missionário de Nossa Senhora do SS. Sacramento

Nossa Senhora das Graças

Estudo Doutrinário

1952

EDITORA "LUZES"

Dôres do Indaiá — Oeste de Minas

NIHIL OBSTAT

Pe. Geraldo M. Penido

Censor dep.

Belo Horizonte, 20 de julho de 1951

IMPRIMATUR

Luz, 9 de agosto de 1951

† *Emmanuel*, Ep. Atterradensis

PREFÁCIO

DO EXMO. SENHOR BISPO DE ATERRADO

Concedendo IMPRIMATUR aos originaes do novo livro intitulado: NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS com que propõe mimosear a literatura católica brasileira, o talentoso e erudito autor Rvmo. Padre Antônio de Miranda, da Congregação dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora, queremos felicitar o Autor pela inspirada idéia de incrementar a devoção a Nossa Senhora, sob o titulo particularmente suggestivo de MEDIANEIRA DE TÓDAS AS GRAÇAS proporcionando aos seus leitores utilíssimas instruções sôbre os dogmas católicos, de modo particular sôbre o recentemente proclamado da ASSUNÇÃO AO CÉU, EM CORPO E ALMA DA PURÍSSIMA VIRGEM MARIA; tornando mais conhecida, mais compreendida e mais amada a nossa Divina Mãe do Céu.

Que Deus abençoe tão útil e interessante trabalho cumulando de méritos o seu piedoso Autor.

Queremos ainda felicitar a Imprensa Católica pela incorporação de mais essa pérola que irá ilustrar e enriquecer o seu patrimônio literário e ainda aos seus leitores que encontrarão no valioso trabalho um tesouro inestimável de incentivo à piedade e à devoção para com Aquela que só para nós foi constituída por Deus TÃO PODEROSA, MAGNÂNIMA E BOA como nova Ester alcandorada ao trono para defesa e salvação do povo de Israel.

De modo particular recomendamos a obra ao nosso dilectíssimo Clero e amados Fieis diocesanos, rogando a Deus que obtenha a mais ampla e benévola acolhida

em todos os lares não só da nossa Diocese como de todo o mundo católico brasileiro.

Cidade de Luz, 9 de Agôsto de 1951

† MANUEL, Bispo de Aterrado

CARTA PREFÁCIO

DO RVMO. PE. GERALDO M. PENIDO

*Professor de Teologia Dogmática e Escritura Sãcra no
Seminário de Belo Horizonte.*

Ave Maria!

Belo Horizonte, 20 de julho de 1951

Caríssimo Padre Miranda

Laudetur Iejus Christus!

Devolvo-lhe os originaes de seu livro "Nossa Senhora das Graças", que o Exmo. Sr. Bispo de Aterrado, D. Manuel Nunes Coelho, me encarregou de examinar para a devida aprovação.

E' realmente um livro que merece ser lido, estudado, meditado por quantos desejam ver afervorar-se sempre mais seu amor para com a boa Mãe do Céu, a Medianeira de tôdas as graças. Seu trabalho, Pe. Miranda, não é obra de carregaçãõ, exarada de afogadilho, para conseguir publicidade e popularidade. É, ao contrário, um estudo doutrinário sério, substancioso, baseado nos grandes mestres em doutrina e piedade. Estudo levado a cabo muito mais ao calor de preces confiantes, e sob inspiraçãõ acariciante de um terno amor filial para com Nossa Senhora, do que ao bafejo afoito de especulações estéreis com o fito de aparecer e de parecer profundo, original, interessante.

Apoiada na excelente base teológica da primeira parte de sua obra, a segunda parte sôbre Maria Medianeira está destinada a produzir grandes frutos na alma popular no sentido de um maior esclarecimento da pie-

dade individual que, por vêzes, não proporciona às almas aquele manancial seguro de perfeição cristã. Neste particular não-de interessar sobremodo os capítulos sôbre "Nossa Senhora e o Corpo Místico" e sôbre "Nossa Senhora e a SSa. Eucaristia".

Seu livro sai à luz acariciado pelas maternais promessas das melhores bênçãos de Nossa Senhora. Que as almas encontrem, de fato, nas páginas de sua obra novo incentivo para maior devoção à Virgem Mãe de Deus.

PE. GERALDO M. PENIDO

INTRODUÇÃO

Modesta a finalidade dêste trabalho. Não escrevemos subtilidades teológicas, nem temos pretensão de descortinar aspectos novos da teologia marial, aliás tão pouco divulgada entre nós. Buscamos sòmente fazer compreender ao povo o que em nossos dias êle tanto venera: o significativo título da Mãe de Deus — *Nossa Senhora das Graças*.

A devoção a Maria Ss. é uma herança gloriosa da gente brasileira. E nos derradeiros anos é notório seu desenvolvimento a salientar-se sob a invocação de Nossa Senhora das Graças.

Os fatos de Urucânia e Rio Casca, pequenas cidades de Minas Gerais, muito contribuíram para êste acréscimo de devoção à Virgem Ss. Não nos assiste autoridade para nos pronunciarmos quer sôbre a veracidade, quer sôbre a gênese sobrenatural dos chamados "milagres", vistos em número realmente espantoso. É-nos, porém, lícito crer piedosamente que Maria Ss. escolheu um trono de glórias no alcantilado de nossas montanhas, donde irradiou luzes e 'chamas para os corações, que renasceram, destarte, à vida da graça. De qualquer forma que seja, favoráveis ou adversas as opiniões sôbre o valor das curas ali efetuadas, a verdade é que não se pode negar o imenso número de conversões provocadas pelos acontecimentos, de repercussão quase universal. As bênçãos do humilde sacerdote foram uma clarinada celeste convocando exércitos de pecadores para lutarem com a divina graça e serem vencidos aos pés de Maria Virgem.

Quem poderá negar hoje em dia os milagres morais operados pelos ocorridos de Urucânia e Rio Casca, muito embora negue as curas físicas ou as atribua a meras fôrças de sugestão?

Houve, pois, milagres morais. E êles contribuíram extraordinariamente para aumentar a devoção a Nossa Senhora das Graças. No Brasil inteiro popularizou-se esta devoção, tão significativa e tão razoável na vida cristã moderna, em que as inteligências mais esclarecidas volvem a conhecimento mais profundo da essência mesma do cristianismo: a *graça*.

* * *

É importante observar que Deus sempre opera milagres a serviço da doutrinação. Desde os inícios do cristianismo, até os nossos dias, o milagre, que impressiona os sentidos, abre veredas ao descortínio da inteligência.

Sob êste ponto de vista, agrada pensar que os milagres de Nossa Senhora das Graças tendem a criar a intuição teológica popular da Mediação de Maria. Não deve tardar a doutrinação das massas em todos os sentidos, sôbre êste ponto nuclear da vida cristã. O acréscimo da devoção a Nossa Senhora das Graças exige, portanto, um esclarecimento doutrinário popular sôbre o importante — e pode dizer-se *único* — mistério da Mãe de Deus.

Releva também acrescentar que o aumento de devoção popular a um determinado mistério não se processa no seio da Igreja de Deus sem assistência e direção particular do Divino Espírito Santo, muitas vêzes em ordem ao desenvolvimento de um dogma.

Os dogmas católicos, se é verdade que não se criam com a devoção e o estudo, porque todos existem substancialmente no depósito da Revelação, entretanto, recebem, com o estudo e a devoção, verdadeiro desenvolvimento em suas partes integrantes.

A Igreja de Deus é organismo vivo. Seus dogmas

— verbo vital dêste organismo vivo, expressão nítida de sua inteligência — vivem também com ela, Igreja, e com ela se desenvolvem.

Se a Igreja fôsse uma sociedade angélica, o fato do desenvolvimento dos dogmas não se daria; porque sua inteligência se processaria pela “intuição” dos Anjos, sem discursos, atingindo logo tôdas as latitudes, senão tôdas as profundezas, dos mistérios.

Na atual economia não é assim. Sociedade de homens, embora guiada pelo Espírito Santo, a Igreja tem, dir-se-ia, uma inteligência humana dos mistérios, e todo o evoluer de sua doutrina, a que preside infalivelmente o divino Espírito, faz-se à luz dos fatos humanos e efêmeros, no tempo e no espaço, e atinge a plenitude de seu acabamento na hora por Deus assinalada, sem sacrificio da contingência dos acontecimentos. E é por isto que a devoção popular, bem orientada, abre caminho à promulgação dos dogmas.

O incremento notório da piedade popular para com Nossa Senhora das Graças prepara, pois, a promulgação do dogma da Mediação universal de Maria.

* * *

Mas, para que assim seja, não é necessário um trabalho de doutrinação?

Há muita devoção a Nossa Senhora das Graças em nosos dias. Infelizmente, porém, devoção que não se amplifica, intensificando-se pela compreensão teológica da doutrina cristã.

Mesmo entre os mais piedosos devotos não há inteligência nítida do que seja *Nossa Senhora das Graças*. Ora, como poderá ser frutuosa nas almas uma devoção que se estreita aos limites do nome sem alargar-se para a vastidão belíssima dos seus significados?

Nossa Senhora das Graças — eis aí uma síntese profunda de teologia, de vida cristã lídima, de devoção real, dogmática, ao mesmo tempo que sentida. E os católicos não o compreendem. Por que se chama a boa

Mãe do céu com o título de Nossa Senhora das Graças? Que quer dizer particularmente à minh'alma este título? Que lições êle encerra para minha piedade?

Mais. Que significa esta denominação não só para mim, mas para todos os cristãos? Que relações existem entre Nossa Senhora das Graças e a Igreja Católica?

Aí estão perguntas a que os mais devotos não saberão talvez ligar resposta. Lamentavelmente, o quanto a piedade mariana do brasileiro ganha em ternura e espontaneidade perde em compreensão e profundez.

Pois bem, primeiramente, que estas páginas sejam uma contribuição popular. Que elas ensinem ao povo o significado do que tanto venera: Nossa Senhora das Graças. Que façam Nossa Senhora mais conhecida para que seja melhor amada.

Em segundo lugar, modestamente, que o livro contribua um pouco na grande obra do Divino Espírito Santo em sua Igreja: o esclarecimento dos dogmas. Que êle seja uma daquelas pequenas "circunstâncias" de que o divino Espírito se serve, para o desenvolvimento da verdade portentosa da Mediação universal de Nossa Senhora. Estou em que o dogma não se desenvolve somente com rasgos novos de teólogos, mas com dissertações de quem busca levar à massa, em linguagem simples, as belezas da teologia já exploradas pelos velhos mestres.

* * *

O livro está dividido em duas partes:

I.^a — MARIA, CHEIA DE GRAÇA

II.^a — MARIA, MEDIANEIRA DAS GRAÇAS

Por que? Porque êstes são os motivos de chamar-se a Mãe de Deus Nossa Senhora das Graças.

Na primeira parte estudaremos as plenitudes de graça conferidas à Virgem Ss. Na segunda, veremos como Nossa Senhora é Medianeira entre Jesus e nós.

O leitor mais culto encontrará algumas repetições

de doutrina no correr destas páginas. Eram necessárias, pois a obra estará sobretudo às mãos de pessoas menos acostumadas a leitura teológica.

Pedimos à doce Mãe da Graça se digne abençoar esta prova de afeto filial e se sirva dela para operar um pouco de bem nas almas, achegadas ou transviadas.

Ne scribam vanum,

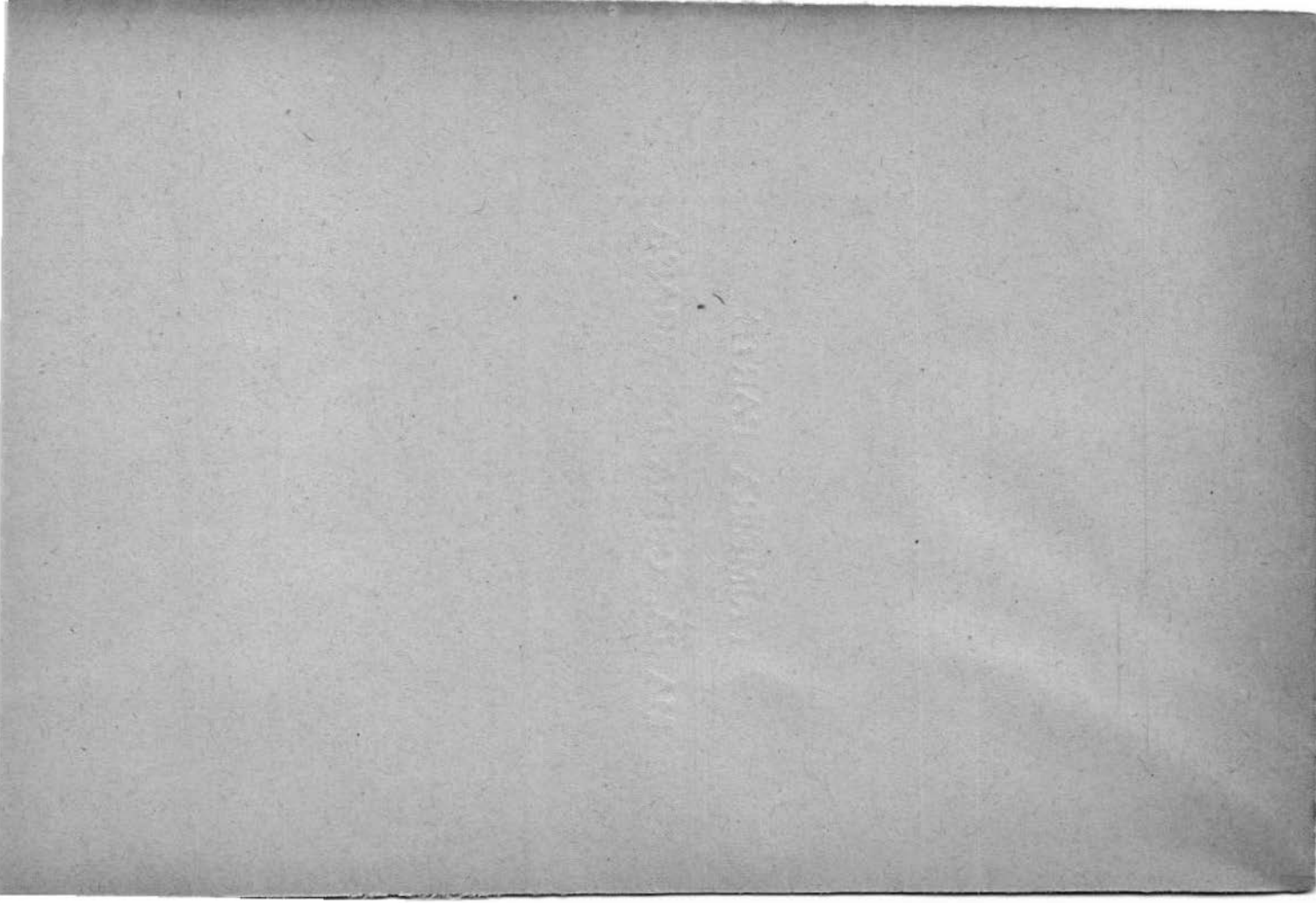
Duc, Pia Virgo, manum.

PE. ANTÔNIO MIRANDA, SDN

ROBERT W. GILMAN, JR.

PRIMEIRA PARTE

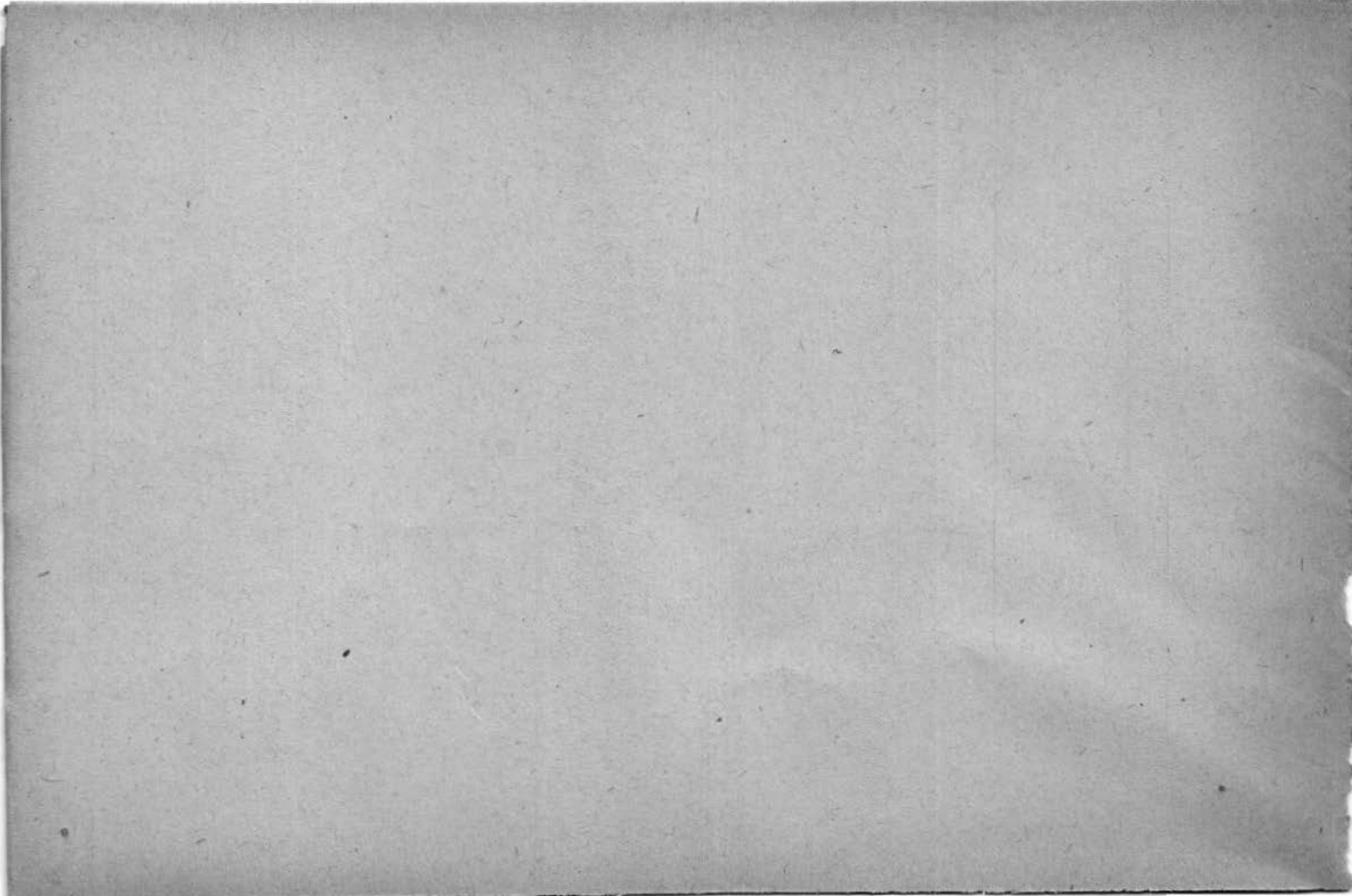
MARIA, CHEIA DE GRAÇA



Maria foi cheia de graças. E cheia com uma plenitude susceptível de crescimentos constantes, causados por crescentes méritos de virtudes.

Cheia de graças desde a Conceição Imaculada, a sua alma ascendeu de plenitude em plenitude, através dos mistérios de Cristo, em os quais participou, até à consumação de sua vida pela Assunção gloriosa.

Estudar estas crescentes plenitudes, seu fundamento, seus motivos e suas relações teológicas com o papel mediador de Maria — eis o que visa a primeira parte desta obra.



CAPÍTULO I

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS NO PLANO DE DEUS

Antes de estudarmos as empolgantes belezas que se encerram nesta simples expressão — “cheia de graça” — *gratia plena* — perscrutemos, quanto é possível à inteligência humana, os planos eternos de Deus sobre Maria Ss. No panorama divino da predestinação, veremos o motivo das grandezas de Nossa Senhora e a infinita sabedoria e misericórdia de Deus para conosco.

Tôda criatura, antes de existir no tempo, existiu na eternidade, dentro dos eternos desígnios de Deus. Para Deus não houve passado e nem haverá futuro. Existe, existiu e existirá sempre o eterno presente, pelo conhecimento *atual* de tudo, conhecimento êsse que é, nÊLE, Deus, uma *atualização* eterna das cousas. A história do mundo e das criaturas, é escrita e lida eternamente por Deus num presente sem princípio e sem termo.

E é assim que Maria Ss. existiu, no seio e no pensamento de Deus, eternamente. (1) E pode-se até dizer,

(1) “Ce n'est pas seulement au moment où il allait réaliser ses promesses miséricordieuses et donner à la terre le Redempteur qu'il lui avait annoncé, que Dieu se préocupa de choisir une mère pour son Fils. De toute éternité, la creature bénie qu'il devait associer à son oeuvre du salut avait été présente à sa pensée. L'Église nous l'affirme de la façon plus formelle lorsqu'elle applique à Marie, dans sa liturgie, les paroles qui ont été dites de la Sagesse éternelle”. (Garriguet — La Vierge Marie, 7ème édit., p. 9)

mais que doutra criatura, Deus ocupou-se dEla, pois nenhuma outra mais intimamente está com Êle relacionada.

São Bernardo chega a afirmar que Maria Ss. é a “obra da eterna idealização de Deus” — *opus oeterni concilii* — e a sua “preocupação de todos os séculos” — *negotium soeculorum*. (2)

“É uma cousa inconcebível — diz o Venerável Olier — como Deus, desde a eternidade, antes da formação de tôdas as criaturas, trazia presente a seu espírito esta divina Espôsa. Para Êle não há futuro nem passado; tudo é presente aos seus olhos; na luz eterna Êle vê distintamente tôdas as cousas. Desde tôda a eternidade havia, portanto, no Pai, um caracter, uma figura, que representava Jesus Cristo e sua Mãe, e, desde então, estava Maria tão presente aos olhos e ao espírito de Deus, como se já fôra formada, como se estivera já efetivamente no mundo”.

E *por quê e como* se ocupava Deus de Nossa Senhora desde a eternidade? A resposta a estas perguntas põe-nos em face do mistério da Mediação universal de Maria no plano salvífico.

POR QUE ENTRA MARIA NO PLANO DIVINO

Por quê estava Maria no pensamento eterno de Deus? Por causa do seu grande, do seu *impreterível* papel na obra divina.

A circunstância *principal* de uma realização qualquer preocupa *constantemente* a seu idealizador. E foi o que aconteceu com Deus em face de nossa salvação; querendo salvar-nos, e querendo salvar-nos *por nós* o quanto possível, tornou-se *circunstância principalíssima* desta realização a Mulher que o coadjuvaria neste divino mistério. E foi por isto que Maria Ss. entrou nas preocupações de Deus juntamente com os mistérios eternos do divino Filho.

(2) Sermo II De Pentecoste.

Longe de nós afirmar qualquer dependência em Deus.

Maria Ss. é uma *circunstância principalíssima* na obra redentora, mas não era absolutamente necessária à execução dos divinos mistérios. Poderia Deus, se o quisesse, providenciar doutro modo ao resgate do gênero humano.

A verdade, porém, é que não o quis. Tal foi o seu designio eterno: que o Verbo se incarnasse; e que se incarnasse de Maria Virgem; que associasse a toda a obra divina de nossa salvação uma mulher. E isto Deus o quis desde toda a eternidade, e o quis irrevogavelmente. Já então Nossa Senhora se torna uma circunstância *necessária* por necessidade de fato, vista a preordenação do plano divino. Esta necessidade não nasce de precisão alguma de Deus, mas do fato de Ele assim querer eternamente.

Logo, Maria Ss., pelo querer de Deus, recebeu um papel *impreterível* e grandioso na obra de Deus. E Deus não pode deixar de tê-la sempre diante dos olhos e devotar-lhe um amor de predileção. A Ela, principalmente, diz Deus: *In charitate perpetua dilexi te* (3).

No plano divino aparecem, por isto, unidos, numa só visão, eternamente, o Verbo Incarnado e Maria, sua Mãe. (4) Não podem ser desunidos no pensamento do Altíssimo e, como tal, jamais deverão ser separados no amor das criaturas.

(3) Jer. 31, 31

(4) *Ex Bulla dogmatica Pii Papae IX* — "... Ab initio et ante soecula unigenito Filio suo Matrem, ex qua caro factus in beata temporum plenitudine nasceretur, elegit atque ordinavit, tantoque prae creaturis universis est prosecutus amore..." "Ipsissima Verba, quibus divinae Scripturae de increata Sapientia loquuntur, ejusque sempiternas origines repraesentant, consuevit Ecclesia, tum in ecclesiasticis officiis, tum in sacrosancta liturgia adhibere et ad illius Virginis primordia transferre, quae uno eodemque decreto cum divinae Sapientiae incarnatione fuerant praestituta".

COMO ENTRA MARIA NO PLANO DIVINO

E *como* entra a Ss. Virgem nesta idealização eterna?

Totalmente, respondemos. Isto é, Maria não entra e não pode entrar nos segrêdos irrevogáveis de Deus como um auxílio *secundário* e *esporádico*, que, uma vez utilizado, vai perder sua razão de ser. Sua inclusão no plano salvífico é *total* porque *divina* e *irrevogável*.

Maria, por assim dizer, preocupa Deus eternamente, devido à excelência e à extensão de seu papel. Trata-se de formar uma digna Mãe de Deus no tempo e trata-se de outorgar-lhe um papel tão extenso e durável quanto tôda a obra "ad-extra" de Deus.

O Infinito não faz as suas obras pela metade e nem imperfeitamente. Logo, Maria será o que há de mais excelente em dignidade e de mais duradouro em sua função. A sua atuação na grande obra de Deus será tão duradoura quanto esta própria obra.

Não se trata, pois, sòmente, da predestinação inaudita à *maternidade divina*, o que é uma visão parcial do designio eterno sòbre Maria. Trata-se da predestinação da Virgem a *tudo* o que se realizar mediante a Incarnação do Verbo.

Tem-se salientado suficientemente a idealização eterna de uma Mãe de Deus, ornada de todos os favores e privilégios e graças. Mas tem-se esquecido que Nossa Senhora não é só isso. Deus idealizou sua *Mãe completa*, que é também *nossa Mãe* na ordem da graça. Se idealizou-a em ordem à Incarnação, idealizou-a também em ordem à Redenção, em ordem à Eucaristia, em ordem à organização da Igreja, em ordem à Mediação universal. Porventura não tem Maria Ss. o seu papel em tudo isto? Portanto, a tudo isto foi predestinada "ab oeterno". (5)

(5) Sintetizando o pensamento tomista sòbre o assunto, veja-se: Garrigou-Lagrange, LA SYNTHÈSE THOMISTE, IVème P., chap. VI; veja-se também: Roschini, MARIOLOGIA, T. II, P. I, Sectio I; e Bover, ESTUDIOS MARIANOS, I (1942), 103-165.

CONSEQUÊNCIAS PARA A TEOLOGIA

A predestinação de Nossa Senhora assim compreendida mostra-nos que tôdas as graças que Deus lhe destinou têm um alcance mais vasto do que simplesmente prepará-la à Maternidade divina. Destinam-se a prepará-la à Mediação universal das graças.

Tôda a relação eterna de Deus para com Maria, se assim posso dizer, tende, portanto, mais sinteticamente, a formar a divina *Medianeira* entre Deus e os homens. A formação da *Medianeira universal* inclui a formação da *Mãe divina*.

Sob êste aspecto, a teologia marial recebe um novo fulgor muito mais acariciante ao coração do homem, para quem em última análise Maria Ss. é idealizada nos planos de Deus. Vê-se então a Deus como "*sum-mum bonum, diffusivum sui*", cogitando de dar-se a nós por meio de Maria ao mesmo tempo que cogita receber alguma cousa de nós por meio de Maria.

A preparação de Nossa Senhora, quer pela sua Conceição Imaculada, quer pelo crescimento contínuo de suas graças em várias plenitudes, projeta-se, portanto, na totalidade da obra salvífica de Maria, ou seja na Mediação, e não só na sua Maternidade divina. E é neste sentido que podemos falar, com exatidão teológica, de Nossa Senhora das Graças no plano eterno de Deus.

A última realidade na execução é a primeira nos planos, sentenciam os filósofos. Sobretudo em Deus, é isto verdade de longo alcance. O que por último se executa no tempo foi o que por primeiro se idealizou na eternidade.

E, na ordem do desenvolvimento dos dogmas marianos, assim como o último que se propõe às almas é a Mediação de Maria, assim foi êle o primeiro intencionado nos planos divinos.

O FATO DA MEDIAÇÃO NO EVANGELHO

Por isto mesmo, nada que tenha mais plena realização no Evangelho e na história da Igreja do que a Mediação de Maria. Nossa Senhora ai aparece ligada a toda a estrutura vital do cristianismo. Ela está no princípio da vida cristã — a Incarnação — e prende-se tão intimamente com Jesus Cristo, Verbo Incarnado, que é d'Ele inseparável no tempo e na eternidade.

Impossível separar Cristo de sua divina Mãe em todos os mistérios, desde a própria Trindade, cujo Verbo, anteriormente ao tempo, já se determinara a ser o Filho de Maria.

Nasceu a Vida nova, sobrenatural, para os cristãos, graças ao sangue de Cristo Redentor. E Maria foi quem lhe deu este sangue, quem formou nas purísimas entranhas o corpo sacrossanto, Vílima futura do Calvário, de cujo lado aberto nasceu a Vida. É Maria continuando a ser um fato no plano salvífico.

Dêste mesmo coração trespassado de Cristo nasce a Igreja, Espôsa de Jesus — diz Sto. Ambrósio. (6) E Maria Ss. é, não só a primeira que à Igreja se incorpora, mas também a primeira que a assiste, conforta e ensina, continuando, com os Apóstolos, a obra de Jesus. Muito mais que simples incorporada e continuadora, com os Apóstolos, da obra de Cristo, Maria — primeira resgatada e incorporada — começa logo a cooperar com Jesus na própria *Redenção objetiva*. É Corredentora, não no sentido vulgar em que nós também podemos ser corredentores, na aplicação dos méritos, mas lá, na aquisição deles.

Nos primórdios da Igreja nascente, Nossa Senhora já era a Senhora dos primeiros cristãos, a Mãe de todos eles, não por título de afeição, mas por ordenação divina. Mediante Maria, comunicava Deus as primeiras graças à sua Igreja.

Vão os Apóstolos para o Cenáculo. Está a sociedade divino-humana que Jesus fundou prestes a ser

(6) In. Luc. II, 87 (Migne — P. L. XV, 1585).

promulgada solenemente com a descida do Paráclito. E Maria Ss. lá está com a Igreja, orando, e certamente instruindo. Inegável à luz da mais sã teologia que a prece da Virgem forçou poderosamente o coração do Pai e do Filho para a missão visível do Espírito Santo, como anteriormente abreviara as esperanças do Messias, apressando a Incarnação do Verbo. E é por isto que o Autor do Atos tem o particular cuidado de mencionar-lhe o nome entre os Apóstolos reunidos no Cenáculo: *Omnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum... Maria Matre Jesu...* E' o fato de Maria no plano sobrenatural prolongando-se em todos os mistérios. Incarnação, Redenção, fundação da Igreja, vinda do Espírito Santo, fração do pão ou Eucaristia — e consequentemente a vida cristã através dos séculos, a qual dimana destes mistérios — tudo está prêso, inquebrantavelmente, à oração de Maria, à Mediação universal de Maria.

* * *

CONCLUSÃO

Grande e sublime verdade! Deus quis, desde a eternidade, que uma simples mulher regesse, a bem dizer, tôda a vida sobrenatural dos homens. Maria Ss. é a impreterível Medianeira entre Cristo e nós.

Assim querido êste “fato” desde o principio dos tempos, até o fim dos mesmos tempos Deus o levará à execução.

Começará por preparar Maria. A infinidade de seus dons, Deus os derramará em Maria. *Totius boni plenitudinem posuit in Maria* — diz São Bernardo. (7) E Ela há-de ser “cheia de graça” — *gratia plena*.

E tudo terminará por constitui-la Deus Dispenseira destes mesmos bens. E a não ser por Ela e dEla, ninguém recéberá a graça de Deus. *Omnia nos habere voluit per manus Mariae*, completa S. Bernardo. (8)

(7) Sermo de Aquaeductu.

(8) In. Virg. Nat., Sermo III

Cheia de graça para si, Deus a quis mais cheia ainda para nós. *Plena sibi, superplena nobis.*

Sim, tudo o que descer do céu será embalsamado pelo fragor de suas preces e trará o hálito celeste de seus beijos de Mãe!

CAPÍTULO II

AS GRAÇAS DA SS. VIRGEM

Desde a eternidade predestinada como Mãe da divina graça, Maria devia ser, como nenhuma outra criatura, enriquecida dêste dom precioso de Deus.

E foi um desejo constante do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ornar todo o sêr de Maria com os mais ricos e elevados privilégios que se possam imaginar na ordem da natureza e da graça.

Exigência de um plano divino irrevogável, a graça em Nossa Senhora atinge tôda a perfeição possível, quer em grau, quer em número e extensão de favores. Graça alguma se pode imaginar a difundir-se de Deus — *sum-mum bonum diffusivum sui* — que não se tenha comunicado à Mãe de Jesús Cristo, excetuada a união hipostática. (1)

Vejamus *que são* êstes dons inefáveis, ou graças, e *em que plenitude* foram doados à eleita de Deus.

SENTIDO DA PALAVRA GRAÇA

Antes de tudo é necessário definir e distinguir para se ter nitida compreensão. Não compreendemos Nossa Senhora como *cheia de graça* se não soubermos *que é graça* e que *espécies* de graças Deus tem outorgado às criaturas.

(1) In Beata Virgine debuit apparere omne illud quod perfectionis fuit. — S. Tomás, IV Dist. 30, Q. 2, a. 1, sol. 1.

Que quer dizer *graça*? Chamam com êste designativo os teólogos, de modo geral, qualquer dom gratuito que Deus dispensa em favor às criaturas. Neste sentido mais amplo, tudo o que recebemos de Deus, desde a existência e quanto bem material existe, é *graça* de Deus.

O sentido mais próprio, porém, da palavra *graça* é a designação dos bens *sobrenaturais*, isto é, dos dons *suprassensíveis*, acima de toda a natureza criada, e que comunicam à alma uma participação da vida divina em preparação para o céu. Tais são, principalmente: a graça santificante, a graça atual, as virtudes e hábitos infusos, os dons do Espírito Santo.

Poderíamos, pois, dizer, em sentido lato, que existem graças *naturais* e graças *sobrenaturais*. De modo mais acessível: graças que enriquecem a natureza humana e graças que divinizam a alma.

Entre as graças naturais a embelezarem a natureza humana, podemos enumerar: a beleza física, a integridade corporal, a saúde, a imunidade das moléstias, a própria imortalidade que foi doada condicionalmente ao gênero humano em Adão e Eva. (2)

Na economia divina da Redenção, êstes dons naturais se unem tão admiravelmente às graças *sobrenaturais*, que, ao menos na outra vida, virão a ser consequências e coroamento da vida divina participada. Que virá a ser a ressurreição gloriosa dos justos senão a doação de tôdas as graças naturais para completar as graças *sobrenaturais* já transformadas em glória?

Entre as graças *sobrenaturais*, ainda cumpre distinguir também. Há graças que atingem o próprio *sêr* da alma e graças que atingem as suas *operações*.

A graça *santificante*, ou *habitual*, santifica, ha-

(2) Os teólogos fazem ainda distinção entre graças ou bens naturais e *preter-naturais*. Êstes — por opposição aos *sobrenaturais*, que não convêm a nenhuma criatura — são os que, convindo a naturezas superiores, excedem à condição comum natural do homem, por ex. a imortalidade e isenção de dôres. Aqueles, os dons *simplesmente naturais* e *comuns* à natureza humana, como a saúde, a beleza, a inteligência, etc.

bitualmente, isto é, à maneira de hábito sobrenatural, o próprio *sêr* da alma. Dá à alma uma participação accidental da natureza de Deus. Por ela, como é de fé, a própria Trindade Santíssima vem morar em nós, comunicando-nos vida verdadeiramente divina, embora de modo accidental.

A graça *atual* eleva as nossas potências a uma ordem superior, movendo-as para o bem sobrenatural, dando-lhes fôrças e luzes particulares. Os teólogos dizem que ela é luz divina para o espírito, a-fim-de que êle aja retamente e com mais perfeição; é fôrça para a vontade, a-fim-de que ela se mova a operar com presteza e de acôrdo com a ordenação divina; é, ainda, em certos casos, movimento à nossa sensibilidade, para que achemos no serviço de Deus mais alegria e suavidade.

Ao pecador, a graça atual move em ordem à justificação, à graça santificante. Ao justo, move em ordem às obras meritórias e à prática da virtude, que aumentam o cabedal da graça primeira.

Como se vê, a graça santificante e a graça atual se completam. Ambas se destinam a tornar os homens "participantes da natureza divina" — *divinae consortes naturae*, no dizer de S. Pedro. (3).

São ainda graças sobrenaturais: os hábitos ou virtudes infusas de *fé*, *esperança* e *caridade*, assim como os hábitos ou *virtudes morais* infusas e os *dons do Espírito Santo*. São distintos e — exceção feita à caridade — independentes da graça santificante (4), pois

(3) 2 Pet. 1, 4

(4) Seguimos a opinião dos tomistas, que admitem distinção real até entre a própria caridade e a graça santificante. A graça santificante, observam êles, é hábito *entitativo* e a caridade é hábito *operativo*, e por isto distintos realmente. Distintos, entretanto, graça e caridade são *inseparáveis* e *dependentes*. A palavra de S. Paulo: "Caritas Dei diffusa est in cordibus vestris per Sp. Sanctum, qui habitat in vobis" (Rom. 5,5) enuncia claramente, tanto a distinção real como a dependência de ambas. Cf. TANQUEREY, *Synopsis Theol. Dogm.*, T. III, n. 195

a alma os pode possuir, tendo perdido a graça; contudo, existem como dons gratuitos de Deus em ordem à vida eterna, e são, pois, graças sobrenaturais.

Que são todos estes *hábitos infusos*? São *disposições sobrenaturais* que Deus coloca na alma pelo batismo, e reacentua pela crisma, a-fim-de elevar sobrenaturalmente nossas potências e facilitar-lhes as operações sobrenaturais. Atingem, pois, *habitualmente*, as potências, criando nelas *disposições insitas* para a ação sobrenatural; e nisto divergem das *graças atuais*, que são *moções passageiras* da alma, para cada ato, como indica o nome.

Os dons se diferenciam das virtudes visto que estas se ordenam ao exercício *ordinário* dos atos sobrenaturais, e elas, ao exercício *extraordinário e heróico* da vida sobrenatural; os que têm o pleno exercício dos dons do Espírito Santo são chamados *místicos* ou *contemplativos*, e seguem via não ordinária na vida espiritual. (5)

Todos estes dons sobrenaturais que acabamos de estudar fazem da alma cristã um organismo vivo, sobrenatural e divino. Transmudam acidentalmente a alma em seu sêr e em suas faculdades, da ordem natural para a ordem divinizada.

Encantadora, bem que misteriosa, realidade! É a maior nobreza do homem, do cristão, que se torna, destarte, filho de Deus, e herdeiro da bem-aventurança.

Tal o empolgante sentido da palavra *graça*. (6) Vejamos agora que as realidades nela expressas, em tôda a extensão e plenitude, foram doadas à Ss. Virgem.

(5) Importa observar que todos os cristãos possuem as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo. Mas vai muito entre possuí-los como hábitos e trazê-los em exercício atual, i. é, operar sob sua influência constante. O exercício pleno dos dons, ou vida mística, é o maior grau de vida sobrenatural a que a alma cristã pode chegar e a que deve aspirar.

(6) Para noções mais completas, ver: LA THÉOLOGIE DU CORPS MYSTIQUE, de Émile Mersch SJ, T. II, Chp. XX, e LES MERVEILLES DE LA GRACE DIVINE, de Scheben.

MARIA RECEBEU TÔDAS AS GRAÇAS

É principio universal dos teólogos que tôda espécie de graça, excetuada a hipostática, foi outorgada a Maria Ss. Este principio é tomado em tôda a extensão.

Era assim conveniente por dever ser Ela a Mãe de Deus.

Era assim necessário por dever ser Ela a Media-neira das graças.

Não poderemos jamais separar êstes dois têrmos por Deus indivisivelmente unidos: Mãe de Deus e Me-dianeira de tôdas as graças. O desenvolvimento que a mariologia vem tomando exige, imprescindivelmente, a sua união. Nossa Senhora não foi enriquecida de todos os favores sômente porque devia ser Mãe de Deus, mas também porque, como Mãe de Deus, tornar-se-ia Media-neira das graças.

Desde as graças simplesmente naturais, até os mais fecundos dons da ordem mística, nenhuma podia, portanto, faltar na Ss. Virgem. Daí o principio universal de S. Lourenço Justiniano: *Quidquid... gratiae... fuit in Maria*, completado pelo teólogo Gerson: *Per hoc accepit plenitudinem gratiae non solum pro se, sed et pro aliis.* (7)

Ela recebeu, na ordem natural, o dom da beleza física num grau inexcedível. Todos os santos o proclamam. (8)

Esta beleza completou-se com o dom extraordinário da virgindade, nela conservada por milagre, mesmo a-pesar-de sua maternidade. E as consequências insofismáveis de sua imaculada conceição realçam-lhe o brilho com os dons valiosos da isenção de moléstias e decrepitudes físicas.

“O milagre e a graça uniram-se à natureza a-fim-de criar para Maria um adôrno de beleza até então desconhecido e que não se verá jamais: os encantos da

(7) Cit. em *Thesaurus Marianus* a P. J. Monget, S. J., cap. I

(8) Pe. J — M. De Lombaerde — *Pour quoi j'aime Marie*, IV motif, Ch. X e XI

virgem e a magestade da mãe, a integridade perfeita e a fecundidade sem igual. Ela possui a um tempo as graças da primavera e as riquezas do verão; Ela dá o seu fruto permanecendo sempre flôr." (9)

Se do corpo passarmos à alma da Mãe de Jesús, ainda na ordem natural, que cópia de graças extraordinárias! Belezas do espirito e do coração, harmonia perfeita das faculdades, encantos maravilhosos consequentes ao privilégio da imaculada conceição e que Deus, inefavelmente, ampliou e enriqueceu. "Em sua alma — diz Hugon — esgotaram-se, até certo ponto, as riquezas da imaginação e do real. Jesús Cristo, homem perfeito, é o representante mais acabado da humanidade. Seu corpo foi formado pela virtude sobrenatural do Espírito Santo. Ora, Deus não faz destes milagres a não ser por criar obras-primas; logo, em Jesús está o modelo de tudo o que é puro e belo no mundo material... Mas, como Jesús e Maria estão unidos num mesmo plano eterno e Deus os contemplou desde sempre numa só visão, êles são como o molde e o espelho um do outro. Não haverá criatura que mais fielmente imite e reproduza a beleza de Jesús, do que a alma de Maria... Ela é, pois, incomparavelmente bela. Bem fôra, com efeito, que a alma destinada a trazer em si tôdas as maravilhas da graça, fôsse ela mesma a maravilha da natureza." (10).

* * *

Até aqui, porém, graças que deixam Maria na ordem *natural e humana*. Nada vimos ainda do que constitui a sua verdadeira grandeza: a graça sobrenatural, a deificação de sua alma.

Maria Ss. recebeu em plenitude, dizem os teólogos, tôdas as graças e dons sobrenaturais. Sua participação da vida divina foi o máximo a que podia atingir uma simples criatura, assim no *sér* como no *operar*.

Primeiro que tudo, Ela recebeu em grau extraor-

(9) Hugon — La Mère de Grâce, p. 6

(10) *idem*, p. 3-4

dinário a graça *santificante* ou *habitual*, que elevou à participação accidental da natureza divina o seu sêr simplesmente humano.

Sem dúvida, todos os que vivemos a vida de Jesús Cristo recebemos pelos sacramentos êste estupendo dom de Deus. Mas como o que êle traz à alma é uma verdadeira deificação, e esta *accidental*, muita diferença de graus de graça há-de haver entre as almas, ou seus sêres, transmudados pelo hábito santificante. E em Maria Ss. êste grau foi tão excelente, que dêle não existe similar nas outras almas.

Na graça habitual de Maria não houve limitação nem por parte da vontade doadora de Deus, que deu tudo o que podia dar, nem por parte da vontade receptiva de Maria, que nenhuma resistência ofereceu à sua deificação, pois isenta do pecado e das consequências dêste, únicos óbices à elevação da alma à deificação pela graça.

Deve-se, pois, dizer que a graça santificante de Nossa Senhora foi a maior maravilha da ordem sobrenatural depois da graça santificante do Verbo Incarnado.

Paralela à deificação de seu sêr pela graça santificante, correu-lhe a deificação do *operar* pela graça atual. Seríamos quase tentados a dizer que êste dom, de si transitório, foi como permanente em Maria, tal a exuberância e frequência dos divinos movimentos que a faziam agir sempre na atmosfera do sobrenatural.

Com efeito, a graça atual, "clarões sobrenaturais que arrebatam a inteligência, impulsos súbitos que arrastam a vontade" (11), não achava, nem na inteligência de Maria, nem na sua vontade, debilidades oriundas do pecado; o espírito de Maria era sempre dócil e atento às inspirações sobrenaturais, e não conhecia desfalecimentos no amor.

Resumindo tudo: a graça eminente do sêr de Nossa

(11) Hugon, op. cit.

Senhora refletia-se totalmente na perfeição de seu operar. *Operari sequitur esse.*

Fácil de deduzir e aplicar aos dons do Espírito Santo e virtudes infusas a doutrina da graça atual. Maria recebeu em *hábito* e *exercício* estas divinas faculdades desde a sua conceição imaculada. Como *hábitos* são inseparáveis da graça santificante, como exercício acompanham e completam a graça atual.

De um lado, participação ativa nos mistérios de Cristo; do outro, exercício perfeito dos dons, das virtudes e da graça atual, que a faziam aproveitar-se dos tesouros de graças encerrados nestes mistérios; consequentemente, a elevação constante de plenitude em plenitude.

VÁRIAS PLENITUDES DE GRAÇAS

Maria Virgem foi, assim, organismo sobrenatural perfeito, sempre em exercício das mais belas e acabadas virtudes, crescendo sempre nos mais elevados méritos, consumando-se dia a dia em plenitudes sucessivas de graça.

Desde o início *cheia* dos favores divinos, êstes não permaneceram estanques em sua alma. Extraordinariamente se desenvolveram, tornando-a cada vez mais cheia de graça, cada vez mais íntima de Deus. Sempre cheia de graça. Cheia, porém, numa plenitude sempre susceptível de crescimento.

A Imaculada Conceição inaugurou a plenitude dos dons divinos. Na Incarnação e Maternidade divina, esta plenitude em que o Arcanjo a encontrara — *gratia plena* — cresceu arrebatadoramente, pois a união quase substancial com o próprio Verbo durante nove meses não podia deixar de produzir em Maria efeitos superiores aos de qualquer sacramento. A plenitude que se segue, portanto, à divina maternidade não há de ser a mesma que a precedeu e preparou. (12)

(12) Quod autem secunda perfectio sit potior quam prima, et tertia quam secunda, patet. — S. Tomás, III P., Q. 27, a. 5, ad 2um.

Outro tanto se há-de dizer do augusto mistério da Redenção, em que Maria teve parte ativa, não só remota, mas atual. Êste supremo acontecimento em virtude de que recebera Ela a plenitude inicial, não pode ter deixado de sublimar sua alma a novo grau de graça, de vez que Ela teve aí papel inegável como Corredentora do gênero humano. Não é o sacrifício da cruz infinitamente meritório primeiramente para Ela, a primeira dos eleitos?

E, para sermos completos, haveremos de transplantar o mesmo raciocínio para o mistério inaugural da Igreja de Cristo — Pentecostes. Maria ali estava, e recebeu com os Apóstolos efusão incomparável de dons. Ela foi, historicamente, como ontologicamente, a Medianeira universal da Igreja. E a sua presença entre os Apóstolos é o maior argumento evangélico das suas relações com a vida divina da Igreja de Cristo, da qual todos recebemos a vida. Não houve, pois, de êste mistério crescer-lhe a alma dos bens divinos, criando nela nova plenitude excepcional na vinda do Espírito Santo?

Tudo isto se nos afigura inegável.

Daí a necessidade de se distinguir em Maria Ss., cheia de graça, — *gratia plena* —:

- a plenitude de graças da Imaculada Conceição;
- a plenitude de graças da Maternidade divina;
- a plenitude de graças da Corredentora;
- a plenitude de graças da Medianeira universal.

E' o que passamos a fazer nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III

A PLENITUDE DE GRAÇAS DA IMACULADA

Maria recebeu a graça desde o seio materno. Recebeu-a num grau que excede ao de todos os santos e Anjos. E a recebeu susceptível ainda de desenvolvimento constante. Tal o grande privilégio com que Deus preparou sua futura Mãe e mãe de todos os resgatados.

Numa terminologia comum e exatamente teológica, dizemos que Maria Ss. foi imaculada em sua conceição. Esta expressão, entretanto, não significa somente a isenção da culpa original, como ordinariamente se entende. A isenção de todo labéu é em sua alma consequência da graça. Já que o pecado não pode subsistir onde está Deus, e a graça é Deus na alma, a graça original com que o Senhor preveniu o nascimento de sua Mãe havia de causar-lhe, imperiosamente, a isenção do pecado. (1)

Em outros termos, podemos dizer que a Imaculada Conceição deve ser entendida sob aspecto *negativo* e sob aspecto *positivo*. Negativo: isenção da culpa pri-

(1) Este ponto de vista teológico afigura-se-nos bem frizado na **Bulla Ineffabilis**, quando afirma que Deus cumulou a Virgem Maria "da abundância dos bens celestes do tesouro de sua Divindade, mais que a todos os outros espíritos angélicos e todos os santos, de tal forma que ficaria absolutamente isenta de toda e qualquer mancha do pecado..." E mais adiante se lê no mesmo documento pontifício "que esta inocência original da augusta Virgem harmoniza perfeitamente com sua admirável santidade..."

meira. Positivo: a pureza de origem, a graça original, que em Maria *supera à de Eva*.

Quer sob um, quer sob outro dêstes aspectos, a Imaculada Conceição assenta suas razões na mais profunda lógica dos fatos sobrenaturais, além de ser plenamente revelada nas Sagradas Letras.

O FATO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Conhecida a sua natureza, que está tôda, primeiramente, numa exuberância de graça inicial n'alma de Maria, e, secundária e conseqüentemente, na isenção do pecado original, não há negar a sua possibilidade e conveniência.

Que milagre deixaria de ser possível a Deus? Quem havia criado Eva em tôda a formosura da graça, por que não criar a alma de Maria já ornada de todos os dons da graça divina, opondo destarte o óbice essencial à mácula do pecado?

Tem-se dito muita vez, em arrebatadora eloquência, que, ao infundir no corpo de sua futura Mãe a alma recém-criada, ordenou Deus à torrente da iniquidade parasse sua onda ante aquele tabernáculo por Êle eleito. É uma fórmula impressionante, mas que exprime pouco a realidade teológica. O fato da Conceição Imaculada não implica tanto uma derrogação da lei de transmissão da culpa original; importa antes na execução doutra lei infalível e necessária, que é esta: o pecado não pode estar onde existe a graça.

Era impossível Maria Ss. contrair a mancha original porque sua alma foi criada num estado de elevação divina superior ao de Eva, o que implicava necessária remoção do pecado.

Visto sobretudo debaixo dêste prisma, é que o milagre da Imaculada Conceição entra de cheio nas possibilidades sobrenaturais. Se alguma cousa repugnasse na operação dêste mistério, diríamos ser o derrogar Deus uma lei universal: a transmissão da culpa. O que aí se processa, entretanto, é antes a execução doutra lei muito superior: a graça criada n'alma de Maria

desde o início exclui definitivamente a possibilidade do pecado.

E quantas conveniências divinas e humanas para que o Senhor produzisse tão grande prodígio! Não se tratava de sua própria Mãe? Não se tratava d'Aquela que realizaria em sua alma e em seu corpo a mais perfeita união com a divindade?

Mais que meras conveniências, militam a favor do fato da Imaculada Conceição verdadeiras *exigências* teológicas. Poderemos reduzi-las a duas, que ainda uma vez nos mostram a união entre a Mãe de Deus e a Medianeira de tôdas as graças.

Primeira: a *futura união quase-hipostática* de Maria Virgem com o Verbo de Deus.

Segunda: a futura Mediação de Nossa Senhora.

A UNIÃO QUASE-HIPOSTÁTICA

A maternidade de Maria, como tôda maternidade física, estabeleceria união estreitíssima entre Ela e seu Filho; união que podemos chamar *quase-pessoal*, pois na geração de um filho a mãe chega como a absorver fisicamente o filho. Este vive por ela, dela se alimenta, por ela respira, nela está quase tão essencialmente que, separando-se dela antes do tempo, perde a vida.

Em Maria, no mistério da Incarnação, a mesma realidade de tôdas as gerações: união de um filho com sua mãe. Mas aqui com duas particularidades prodigiosas: a pessoa deste filho é o Verbo de Deus, e o "processus" da sua geração física é misterioso, virginal, sem concurso de homem, por obra do Espírito Santo. *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est* — diz o Anjo a José. (2) *Et Verbum caro factum est.* (3)

Com Maria une-se, portanto, o Verbo de Deus numa união *quase-hipostática*, participante que é, até certo ponto, de igual maravilha da união do Verbo com

(2) Mat., 1, 20

(3) Jo., 1, 14

a sua humanidade, recebida aliás de Maria. Um momento houve em que o sêr de Maria se uniu em união excepcional e *única* ao sêr do Verbo de Deus — o momento inicial da Incarnação.

Cabe aquí uma pergunta: poderia permitir Deus, sem contradizer à sua sabedoria e santidade, que êste sêr, que então se unia supereminentemente ao seu sêr divino, para gerá-lo no tempo sob forma humana, fôsse destituído da graça primeira, isto é, que em algum tempo não lhe pertencesse totalmente?

Deus, que criara, por liberalidade, Adão e Eva no estado de justiça original, recusar-se-ia então a preverir com o dom da graça, como parece de justiça, à criatura a quem se uniria quase substancialmente. Sua posição indigna de Deus.

Este argumento é bastante convincente para demonstrar a exigência da graça original em Maria. Deus não podia deixar de estar desde o início unido acidentalmente Àquela com quem se uniria um dia quase substancialmente. E não somente não podia deixar de estar com Ela desde o início, mas não podia deixar de estar com Ela por um grau de graça muito mais excelente do que aquele com que estava com Eva no início do gênero humano. Sua graça devia ser tanto maior que a de Eva quanto a dignidade de Mãe de Deus supera a de Mãe dos viventes.

E consequência irrefragável da extraordinária graça primeira de Maria é a sua Imaculada Conceição.

Maria foi, portanto, preservada da mancha original porque enriquecida da graça santificante, que lhe ornou e divinizou o sêr desde o princípio de sua existência em ordem à união excepcional que êste sêr viria a ter com o sêr do próprio Deus no mistério da Incarnação.

Bela e significativa doutrina, estribada nas mais profundas leis da natureza e do amor do Sumo Bem!

A FUTURA MEDIAÇÃO UNIVERSAL DE MARIA

Não somente a futura união quase-hipostática com o Verbo exigiu no sêr de Maria a isenção da culpa ori-

ginal. Estou em dizer que seu papel de futura Mediadora também devia exigí-lo.

Quem viria a ser, futuramente, a dispensadora de todas as graças de Deus, não podia, sem desdouro e negação da santidade divina, começar a existir sem esta mesma graça que daria às almas. Mais ainda: devia ter em superabundância quem viria a dar de seus tesouros a todos os remidos.

Importa muito notar que o papel mediador de Maria começou a existir pelo fato mesmo de sua escolha para Mãe do *Homo Christus Jesus*, único Mediador de que fala São Paulo. (1 Tim. 2). A mediação de Maria e de Cristo é *una* pela própria natureza das cousas.

Cristo é Mediador *único* porque *Homem-Deus*, e é *Homem-Deus* por Maria. Cristo é, pois, Mediador por Maria, e Maria é Mediadora por Cristo. É uma só mediação na unidade do plano de Deus e na unidade do Corpo Místico, de que Maria é o primeiro e mais excelente membro porque sua Mãe. (4)

Assim, pois, como convinha ao Mediador único e Cabeça do Corpo Místico a pureza absoluta de origem e uma plenitude de graça tal que fôsse suficiente para todos os homens, assim convinha Aquela que é *una* com Ele na mediação e de quem recebe Ele o modo de ser de sua mediação — que é ser *Cristo-Homem* — uma plenitude original de graça tão excelente quanto a dignidade desta elevação. E esta graça, mais elevada

(4) É o que observa Mersch, S. J., num dos melhores estudos que já se fez sobre Maria Ss.: — *La Théologie du Corps Mystique*, Cap. IX, p. 206-233. Citemos um tópico que expende sua idéia central. “Mais elle n'est médiatrice, pour l'essentiel, que de la médiation du Christ, et parce qu'elle définit pour une part cette médiation. Mère de Dieu, elle définit comment c'est bien l'humanité réelle que le Christ unit à Dieu en lui... Ainsi n'y a-t-il absolument qu'un seul médiateur et il ne doit être complété par rien d'autre. Mais un élément de sa totalité est fait par sa mère. Aussi la médiation de Marie réside en premier lieu dan celle même du Christ et elle s'exerce en lui: la médiation de Jesus est parfaite du coté humain en étant mariale”. (p. 214-215)

que a dos nossos proto-parentes, haveria de, essencialmente, causar sua Imaculada Conceição.

* * *

Apressemo-nos em observar, porém, que embora o papel mediador de Maria seja *um* com o de Cristo, sua plenitude de graça, recebida em virtude desta futura mediação, não era nem podia ser a mesma que a de Jesús Cristo.

Na conceição de Cristo, a graça do futuro Redentor já era a realização do seu papel mediador; na conceição de Maria, esta graça inicial era simples preparação da futura Medianeira.

Em Jesús Cristo era uma plenitude de graça conveniente à pessoa infinita do Verbo; em Maria, era uma plenitude conveniente à simples criatura.

Por tudo isto, a plenitude de Cristo era absoluta, insusceptível de ulteriores crescimentos; em Maria, a plenitude de graças era relativa à sua função atual e capaz de desenvolver-se pelo contacto que teria com a obra divina da Redenção e santificação.

Cristo é “o princípio universal, eficaz, a que se não pode subtrair nenhum efeito sobrenatural: tôdas as operações da salvação derivam d’Ele. Ele esgota os potenciais todos da graça, qual abismo sem limites a conter tôdas as águas de todos os oceanos. Ele atinge, pela união hipostática, a fonte infinita das graças, a Divindade; e, como é impossível estar mais perto de Deus do que Ele, não se pode conceber graça mais profunda e mais extensa que a sua: plenitude absoluta, sem limites, até o último grau possível...” (5) E isto, desde o momento de sua Incarnação, em que já se unia sua alma, hipostaticamente, ao Verbo.

Não foi assim em Maria; a sua Conceição Imaculada não era união pessoal alguma com a Divindade. E a sua eleição “ab-oeterno” para futura Medianeira com Cristo, se exigia grande exuberância de graça, estava longe de equipará-la ao próprio Verbo Incarnado, rompendo assim tôda a lei das proporções de alma para alma.

(5) Hugon, op. cit., p. 10-11

A plenitude do Deus Humanado não podia crescer porque incapaz de maior contacto com Deus do que o que já tinha substancialmente; a plenitude dAquele que não era ainda Mãe de Deus devia ser relativa e capaz de desenvolver-se pelo contacto direto que viria a ter com a Divindade na Incarnação, na redenção, e no mistério por excelência da santificação — Pentecostes.

Mas, ainda assim, a graça de Maria Imaculada, em consequência de seu papel de futura Medianeira, devia ser uma graça excelente, extraordinária, a exceder a todos os graus de graça, que procederiam do seu em virtude da Redenção copiosa de Cristo, causada no aspecto humano por sua indispensável maternidade. (6)

Em que grau recebeu, então, Maria esta primeira plenitude de graças?

GRAU DA PLENITUDE INICIAL

Na impossibilidade de medições materiais para a graça de Maria, os teólogos a buscam calcular comparando-a com a graça dos santos e dos Anjos. E propõem duas suposições teológicas a respeito: 1) a graça inicial da Ss. Virgem devia superar a graça de qualquer Anjo ou santo, por mais elevado em méritos e dons sobrenaturais que êle esteja; 2) esta graça inicial devia mesmo superar até as graças, favores e dotes sobrenaturais de todos os Anjos e santos tomados em conjunto.

A primeira destas suposições é admitida comumente por todos os mariólogos; a segunda, posta em dúvida por alguns, não é, entretanto, negada positivamente por nenhum.

Sto. Afonso de Ligório, que é de certo o mais autorizado mariólogo dos últimos tempos, aureolado com títulos de santo e doutor da Igreja, não hesitou em se pronunciar peremptoriamente por ambas as suposi-

(6) O sentido de certas expressões, que talvez escapem ao alcance do leitor, só será possível explicar mais além. Veja-se IIa. P., Cap. I

ções. (7) E na sua sequela têm caminhado os melhores teólogos dos nossos dias sem discrepância.

Hugon, em estrita argumentação tomística, lhes resume o pensamento de todos. "Sendo a graça inicial — diz êle — a base e preparação da Maternidade divina, deve ser proporcionada a esta dignidade, pois que é axioma dever-se medir uma disposição pela qualidade derradeira que ela começa e prepara. Aqui a qualidade derradeira, que é a Maternidade divina, é duma dignidade incomensurável, a exceder como ao infinito tôdas as perfeições e tôda dignidade das criaturas a um tempo reunidas. Portanto, a primeira santificação, para estar de acôrdo, ainda que de longe, com esta dignidade, deve ultrapassar de vez todos os dons e graças de tôdas as criaturas." (8)

Poderíamos completar e ampliar êste argumento, com ressonâncias profundas no desenvolvimento da mariologia hodierna, dizendo que não só a preparação à Maternidade divina, mas também e sobretudo a preparação à Mediação universal, exigia a excelência da graça de Maria sôbre a de todos os santos reunidos. "Uma disposição mede-se pela qualidade última que dela começa e prepara"; ora, a qualidade última preparada pela graça inicial não se imobiliza na Maternidade divina: amplia-se em tôdas as suas consequências na economia do sobrenatural, e remonta ao termo glorioso da Mediação. E a Mediação de Maria, *uma* com a de Cristo, não pode comparar-se nem de longe ao poder intercessor adquirido pelas graças reunidas de todos os bem-aventurados em conjunto. A graça inicial da futura Medianeira deve, portanto, superar ao conjunto de todos os favores espirituais até então existentes ou por existir na história do sobrenatural.

CONCLUSÃO

Podemos, assim, concluir com um teólogo de fôlego, o Pe. Mersch: "Os outros santos, por grandes que se-

(7) GLÓRIAS DE MARIA, IIa. P. Disc. 2

(8) Op. Cit., p. 27

jam, pode-se conceber que êles não tivessem existido e que outros tomassem o seu lugar, e isto não se daria menos bem e pode ser que se desse até melhor. Mas, a Ss. Virgem... a Ela não se pode afastar sem modificar gravemente a fisionomia mesma de Cristo e do cristianismo. Importaria isto em suprimir o lugar preciso onde Deus entra em contacto conôsko.

“Os outros santos têm santidadés particulares e que se excluem; santidades de membros... Ela, porém, santa enquanto Mãe de Cristo, possui a santidade completa: na Mulher vestida de sol, o resplendor que é total e que é seu, é, e rutilantemente, o resplendor do Sol.” (9)

Êste pensamento do ilustrado autor pode-se entender de Maria desde a aurora de sua existência. Já aí, não pode haver têrmo de comparação entre Ela e os demais eleitos de Deus. O grau de sua plenitude inicial não é, de certo, o grau de plenitude de Cristo, mas deve dêle aproximar-se quanto possível, pois que a sua Mediação será una com a de Cristo. Eis a diferença que distingue a plenitude de Maria da plenitude de Cristo: potencialidade de crescimento. (10)

Bela e extraordinária a elevação de Maria, de que não há reprodução no universo sobrenatural, abaixo de Cristo!

Tal a primeira plenitude de graça que lhe foi outorgada na Imaculada Conceição.

(9) La Théologie du Corps Mystique, T. I, p. 213 (Desclée — 1946)

(10) Referimo-nos à plenitude da graça habitual de Cristo e não à sua graça de união hipostática. Pode-se ver esta distinção em Sto. Tomás: Summa Theol., III P., Q. 7, art. 11

CAPÍTULO IV

A *PLENITUDE DA MATERNIDADE DIVINA

Extraordinária foi a graça de Maria desde o primeiro instante de sua existência. Supera todo espécime de graça imaginável a-fora a graça de Nosso Senhor Jesús Cristo. Já desde aquele momento, Ela recebeu uma *plenitude de superabundância*, isto é, uma plenitude bastante para distribuir a todos os santos e Anjos, sem se esgotar.

Entretanto, esta plenitude superabundante não era infinita. Limitada, porque plenitude de uma criatura. Consequentemente, capaz de crescer à medida que Maria tomasse contacto com o divino pois o contacto com o divino é o principio de aumento da graça. Capaz ainda de crescimento pelo mérito e exercício das virtudes de que a graça vinha inseparável. Destarte, o seu tesouro de bens espirituais foi cada dia acrescido de novos dons.

Pode-se, portanto, afirmar que, no dia da Incarnação, a santidade de Maria já se achava enormemente aumentada. Mas foi particularmente neste mistério que ela recebeu um acréscimo quase infinito.

Este acréscimo é a graça da Maternidade divina. Ela constitui, verdadeiramente, por si só, uma graça *particular* que colmou a alma de Maria de nova *plenitude* sobrenatural.

Com toda a exatidão doutrinária, pode-se avançar a-propósito do mistério da Maternidade divina duas proposições:

1 — A Maternidade divina não só supunha a existência da graça santificante na alma de Maria, mas causou em Maria graça santificante particular, ou seja, maior união com Deus.

2 — A Maternidade divina, como fato da gestação do Verbo Humanado é de per si mais excelente que a própria graça que Ela causou em Maria.

A elucidação destes pontos nos levará à conclusão de que a plenitude de graças em Maria atingiu, pela Maternidade divina, um grau excepcional, quase infinito.

A MATERNIDADE DIVINA CAUSOU UMA GRAÇA PARTICULAR NA ALMA DE MARIA

Ninguém, a não ser os protestantes, ousará negar que o fato de Maria dever ser Mãe de Jesus Cristo exigia em sua alma pelo menos o estado de graça santificante. É o mínimo que se pode querer para tão alta dignidade qual é conceber e dar à luz o mesmo Autor da graça.

Já temos ido muito além, dizendo precedentemente que o estado de graça de Maria, existente desde a sua vida no seio materno, não era o que é o nosso estado de graça comum. Muito superior pela sua união com Deus, êle acarretou para Maria tão estreita participação da vida divina que, com êle, deveram vir ornar a alma de Nossa Senhora todos os bens da ordem sobrenatural, em grau extraordinário.

Não podia ser doutra forma. Ainda que se admitisse, por um ilogismo, como querem os nossos irmãos separados, que Maria não se tornou Mãe de Deus, mas somente concebeu a humanidade de Cristo, ainda assim esta *santíssima* Humanidade, feita para se unir à Divindade, exigia em quem era escolhida para gerá-la uma elevação de graças à altura de tal dignidade.

Maria foi, portanto, ornada de uma graça assaz elevada, que a preparou à dignidade de Mãe de Deus.

A Maternidade divina veio já encontrá-la embelezada pelos dons do céu. A saudação do Arcanjo antes

da realização do augusto mistério o indica: *Ne timeas, Maria, invenisti enim gratiam apud Deum.* (1)

Mas tê-la-ia deixado qual a achou a divina Maternidade? De certo que não. Dignidade tão excelente em si, que exigiu tão extraordinária preparação, não haveria de deixar de causar na alma da Ss. Virgem profundas repercussões na ordem sobrenatural. É o que a simples lógica nos indica.

E os teólogos nos afirmam que êste divino mistério causou na alma de Nossa Senhora nova plenitude de graça à parte, vindo a ser para Ela um como "sacramento superior da graça". De feito, Maria pela Maternidade divina entra num contacto *único* com a fonte da graça, que é o Verbo Humanado.

Não há paridade, nem semelhanças longínquas, entre qualquer outra união com Cristo e a de Maria com seu Filho, no ato da Maternidade.

O argumento do Doutor Angélico é tão simples quão profundo. (2) Mais sente a influência de um princípio o que mais perto dêle se acha — diz o Sto. Doutor. Efetivamente, quem mais se achega á fonte, mais bebe de sua abundância; quem mais se aproxima do fogo, mais lhe sente o calor e a luz. Ora, o princípio de tôda a graça é a Humanidade santa de Jesús Cristo, unida hipostaticamente à Divindade, causa principal da graça. A Humanidade do Verbo é *causa instrumental universal* da graça. Logo, quem mais estreitamente se une a esta causa universal instrumental, mais exuberantemente receberá a graça.

É o que aconteceu a Maria Ss. pela geração do Verbo Incarnado. Ela tão intimamente se uniu, na divina Maternidade, ao princípio da graça, que, até certo ponto, fêz-se *um* com Êle. Haverá prodígio maior e maior milagre? É preciso, pois, afirmar que a graça comunicada a Maria por esta divina função de gerar o Verbo no tempo é uma graça tôda *particular*, que nenhuma criatura recebeu jamais. É uma transformação

(1) Luc. 1, 30

(2) III P. Q. 27, a. 5

e aproximação do divino *tôda à parte*. É uma deificação accidental *única*. É o que se poderia chamar: *a graça da Mãe de Deus*. Porque não há outro grau de graça tão à parte e tão transformante, que estabeleça tão grande contacto com Deus.

Por isto, não hesitamos em dizer com valiosos teólogos — entre os quais cumpre citar Ripalda (3) e Vega (4) — que a Maternidade divina é de per si uma *forma santificante*, ou, como se exprime Hugon (5), “uma graça de santificação”. Com efeito, nota este último autor, ela devia produzir n’alma de Maria a *santidade* com todos os privilégios e efeitos.

Mencionemos três entre estes: união excepcional com a Ss. Trindade, extraordinária caridade no seu exato sentido, direito à herança eterna.

União excepcional com a Trindade — Maria Ss. não podia gerar Jesus Cristo, Deus-Homem, sem íntima e sobrenatural união com as três pessoas divinas.

Seu ato gerador é essencialmente um mistério. Nada existe que seja aí humano, a não ser, unicamente, a própria Virgem Maria. E, entretanto, é dêste sêr humano somente que nascerá o Verbo de Deus Incarnado, sem detrimento da virgindade. O Pai do Deus-Homem será, já se vê, o mesmo Pai que Êle tem no céu. E a Mãe, por obra e graça do Amor de Deus, que é o Espírito Santo, dará à luz o Verbo, embora não lhe confira o sêr substancial. Por êste mesmo ato em que o concebe e lhe dá forma humana em seu seio, Ela entra em relação íntima com a Trindade Santíssima.

Maria gera o mesmo Filho que o Pai. Dá ao Filho um sêr novo (humano). E êste mistério n’Ela se produz por amor sobrenatural, a operar divinamente na abundantíssima efusão do Espírito Santo.

Compreende-se dêste modo a exatidão do pensamento de Dionísio o Cartuxo quando chama a Virgem

(3) De ente supernaturale, disp. LXXIX

(4) Theologia Mariana, n.º 1602 et seqs.

(5) Op. cit., p. 75 e seqs.

Ss. “comparente ao Pai Eterno” — *comparentalis*. Apalpa-se quanto é profundo dizê-la também “Espôsa do Espírito Santo”, pois que, em união de místico amor, por mistério insondável, Ela se une ao Espírito Divino para a nova geração do Verbo. — *Et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine*. (6)

Esta união de Maria com a Trindade Ss. é tôda à parte e diferente de qualquer outra união de Deus com as almas pela graça santificante. Apenas justificada a alma pela graça, entra em consórcio sobrenatural com as três Pessoas — doutrina a mais sã teologia. Aquí, porém, não se trata de uma graça primeira e comum, que vem à alma de Nossa Senhora. Fenômeno único que supunha anterior graça santificante, êste mistério vincula atualmente Maria ao próprio *sér* de Deus, para o aparecimento do Verbo no tempo. Foi, logo, uma graça — ou participação da natureza divina — em ação particular única, de que não existe espécime noutras almas.

A Maternidade foi, portanto, por si só, *forma santificante*, ou *graça de santificação*, como dizíamos.

Extraordinária caridade — A Maternidade divina é para Maria *forma santificante* essencialmente porque efusão da caridade divina em sua alma.

A santidade avulta numa alma à proporção que nela se derrama a caridade ou amor divino. A santidade é *consimilação* com Deus. E Deus é amor — *Deus charitas est*. (7)

Ora, como entender o mistério da Maternidade de Maria, sem efusão particular da caridade divina em grau supereminente? Se somos santificados pelo amor enquanto filhos de Deus, que se dirá da santificação da própria Mãe de Deus, no ato mesmo em que se torna sua Mãe? “Por isto, não se pode conceber a Maternidade divina sem um amor mútuo e soberano entre Deus e Maria; êle se transforma em fôrça impetuosa

(6) Credo da Missa

(7) Jo., 4,8

e penetrante, que os impeie um para o outro, que os faz entrar, por assim dizer, um no outro, por meio do mais eficaz e maravilhoso dos êxtases." (8)

Cumpra notar ainda, com Sto. Tomás, (9) que o amor, em Deus, é essencialmente criador do seu objeto. Em nós, o objeto atrai o amor; em Deus, o amor cria o objeto.

E qual o objeto do amor de Deus numa alma? É a *santidade*, participação de sua natureza. O que o amor de Deus produziu, pois, em Maria, sua Mãe, é a *santidade*. E o amor de Deus a Maria no momento em que Ela se tornava Mãe do próprio Deus, não cabe em palavras humanas dizê-lo. Havia de ser um amor único, assim como esta maternidade e consequente filiação eram únicas em seus objetos.

A santidade produzida, portanto, em Maria Ss. pelo ato da geração do Verbo é *única* em consequência da efusão da divina caridade, o que importa numa graça e santificação *única* da Mãe de Deus.

Direito à herança divina — A consequência da santidade é o direito à herança divina.

A santidade dá-nos a comunicação à vida sobrenatural de Jesus Cristo. Vivemos a mesma vida que Ele. Somos seus irmãos, e, por isto, filhos de Deus por adoção.

E esta adoção de filhos do Altíssimo nos dá direito à herança de seu Filho. — *Si... filii, et haeredes: haeredes... Dei, cohaeredes autem Christi.* (10).

Ora, se direito têm à herança os filhos por *simples* adoção, que se dirá da Mãe por natureza?

Por isto, no ato gerador do Verbo Humanado, Maria adquiriu um direito natural à herança divina. Tudo o que é de seu Filho lhe pertence, e o que primeiro pertence ao Filho é a glória do céu; a Maternidade lhe outorgou, assim, direito à glória do céu.

(8) Hugon, op. cit., p. 77

(9) IIa IIae, Q. 110, art. I

(10) Rom., 8, 17

E creio não avançar além da premissa se disser que nisto está o princípio teológico que advoga sua Assunção gloriosa por altíssima conveniência. Assim como a filiação divina do Verbo Humanado, por natureza lhe confere direito irrevogável à Ressurreição e à Ascensão, assim também a Maternidade divina de Nossa Senhora, parece-nos, dá-lhe um direito à Ressurreição e Assunção gloriosa. Note-se, a este intuito, que a Maternidade divina é de ordem primariamente *corporal*, dando à Virgem Mãe direito, ainda que secundariamente, à glorificação corporal.

A Maternidade divina é, assim analisada, uma *forma santificante* em tôda a extensão do termo.

Exige a santidade antecedentemente à concepção do Verbo. Causa-a em grau eminente e único. Geralhe até a derradeira consequência, que é a concessão de uma partilha da glória eterna quanto ao corpo.

A Maternidade divina causou, portanto, nalma de Maria, nova graça santificante *particular e única*.

A MATERNIDADE DIVINA, COMO FATO DA GESTAÇÃO DO VERBO HUMANADO, É DE PER SI MAIS EXCELENTE QUE A PRÓPRIA GRAÇA POR ELA CAUSADA EM MARIA

Já vimos precedentemente (11) que Maria Ss., na Incarnação, une-se com o Verbo em união sem par, que supera de muito a união doutras mães com o fruto de seu seio. Esta união, verdadeiramente divina, se supunha em Maria plenitude relativa de graças e se lhe aumentou o tesouro de vida divina, constitui também uma espécie de "sacramento único", mais excelente que a própria graça que êle produz.

É mais do que se a Virgem Ss. recebesse a comunhão eucarística.

"Em nossas comunhões há união espiritual, real, de nosso corpo com o corpo de Jesús, porém não há união física, imediata, direta. Tocamos os acidentes, as es-

(11) Cap. III, tit. 2.º

pécies, as aparências, que são como o vestido que envolve o corpo de Jesús; não podemos tocar na substância do Homem-Deus."

"... Em Maria Ss. o contacto é verdadeiramente físico: de corpo a corpo, imediato, direto. A união entre Jesús e Maria é única em seu gênero." (12)

Desta união inaudita não pode haver jamais semelhanças em tôda a história do sobrenatural. Trata-se do caso único de uma Virgem que gera o próprio Deus.

Sto. Tomás nos diz que o sacramento mais excelente é aquele que contém e nos dá não só a graça por participação, mas a graça em substância — a Eucaristia. (13) Pode-se acrescentar que êste sacramento é mais excelente que a própria graça que êle confere, pois a graça é união mística com Cristo, e êste sacramento é Cristo mesmo, fisicamente presente, produzindo a graça pelo seu sacrifício e pela comunhão.

Outro tanto se deve dizer da gestação do Verbo Incarnado no seio de Maria. Contacto físico e direto com a Divindade, o ato gerador de Maria é por si só mais elevado na ordem sobrenatural que a própria graça que êle produz. É que, pela graça, Maria era somente filha adotiva de Deus; e pela gestação, Ela se torna sua Mãe por natureza. Esta dignidade é supereminente àquela, pois que a contém e supõe, como diz Sto. Alberto Magno. (14)

Pode-se afirmar, teològicamente, que a Maternidade de Maria é uma *participação no próprio sêr di-*

(12) Pe. Júlio Maria — Maria e a Eucaristia (Ed. "O Lutador" — 1937), p. 138-140.

(13) Respondeo dicendum quod, simpliciter loquendo, sacramentum Eucharistiae est potissimum inter alia sacramenta. Quod quidem tripliciter apparet. Primo quidem, ex eo quod in eo continetur ipse Christus substancialiter: in aliis autem sacramentis continetur quaedam virtus instrumentalis participata a Christo... Semper autem quod est per essentiam, potius est eo quod est per participationem. *Summa Theol.* IIIa. Q. 65, art. 3.

(14) Quidquid claudit alterum in se plus est quam quod non claudit alterum in se. Sed esse Matrem Dei per naturam claudit in se esse filium Dei adoptivum. — *Mariale*, Q. CXXI, ad 4um.

vino. (15) Dai, que ela é, secundariamente, da *ordem hipostática*, pois intrinsecamente se relaciona com a pessoa de Jesús Cristo, conforme o ensino de Suárez. (16)

Maria Ss. não podia gerar o próprio Deus feito homem sem ter com Êle comunhão estreitíssima de vida física, real; houve instantes, nos primeiros dias desta geração única — porque geração num seio virgem — em que uma quase identidade física entrelaçou o Verbo e Maria. (17)

Já refletimos neste doce mistério? O Verbo não possuía elementos naturais de vida humana senão em Maria durante os primeiros meses em que era gerado no seio maternal.

Tudo isto era uma participação de Maria no próprio sêr de Deus.

O mesmo Verbo, que vivia pelo sêr do Pai, vivia também pelo sêr de Maria. Eram como duas ondas de vida a confluir para o mesmo objeto: a onda da substância de Deus e a onda da substância de Maria, unindo-se na única e indívidua pessoa do Verbo Incarnado.

Êste fenômeno sem par fêz com que Maria se tornasse, verdadeiramente, *afim* de Deus, segundo a bela observação do Cardeal Cajetano:

“Nota quod junctio secundum carnalem consanguinitatem ad humanitatem assumptam à Verbo Dei vocatur in littera AFFINITAS ad Deum, ita quod consanguinei Christi, in quantum homo, sunt AFFINES Dei...” (18)

E ainda observa êste mesmo teólogo que esta denominação convém absolutamente não a todos os consanguíneos de Cristo, mas à Virgem Ss., que, pela geração de Cristo, “atingiu as fronteiras da Divindade pela sua própria operação natural” — *quae sola ad fines Deitatis propria operatione naturali attigit*. (19)

(15) Hugon — op. cit., p. 75.

(16) De *Mysteriis Christi*, Disp. I, n. 4.

(17) Veja-se, a êste respeito, o profundo estudo do Pe. Júlio Maria em *Maria e a Eucaristia*, cap. VI.

(18) Com. in *Iiam IIae*, Q. 103, a. 4 (19) *Idem ib.*

É o maior grau a que pode chegar uma criatura na comunicação com o seu Criador. Maria entra na "ordem divina" como se expressa o Pe. Júlio Maria. (20)

E Sto. Tomás nos diz que, "pela sua Maternidade, Ela recebe de Deus, bem infinito, uma certa infinidade". (21)

CONCLUSÃO

Isto pôsto, podemos concluir com exatidão, que a divina Maternidade é em si mais excelente que a própria graça que ela produz. E, por isto mesmo, ela devia causar em Maria Ss., além da graça, muitos outros efeitos maravilhosos, que a graça comumente não produz nas almas dos mortais.

Não são para se descrever nem imaginar êstes sublimes efeitos. Não cabe a sua compreensão na estreiteza da inteligência humana. Sto. Tomás, como que na impossibilidade de os resumir todos, limita-se em dizer que "nada se pode dar de melhor numa criatura, como nada se pode em Deus supôr de melhor, que êste fato da Maternidade, participante do bem infinito que é Deus", e, por isto mesmo, o Sto. Doutor a compara à Humanidade de Cristo unida a Deus e à Bem-aventurança, que é uma fruição de Deus. (21)

Terminemos com a seguinte síntese, imperfeita mas significativa, do Padre Bourgeois: "A graça comum dá a Deus filhos adotivos. Mas a graça singular de Maria a coloca em relações de afinidade com Deus. A graça

(20) Op. cit., p. 89.

(21) Ad quartum dicendum quod humanitas Christi ex hoc quod est unita Deo, et beatitudo creata ex hoc quod est fruitio Dei, et Beata Virgo ex hoc quod est Mater Dei, habent quamdam dignitatem infinitam, ex bono infinito quod est Deus. Et ex hac parte non potest aliquid fieri melius eis, sicut non potest aliquid melius esse Deo. Sum. Theol. Ia. P. Q. 25, art. 6, ad 4um.

comum pode-se difundir numa infinidade de sujeitos. A graça própria da Mãe de Deus não pode convir senão à pessoa de Maria. E, assim como em a natureza divina não existe senão um Deus, e na união hipostática uma só pessoa de Deus, assim na ordem da afinidade com Deus não existe senão Maria.” (22)

(22) — *La Croix de Jesus*, p. 294 (Lethie lleux, Paris).

CAPÍTULO V

A PLENITUDE DA CORREDENTORA

O mistério do Calvário é o centro e objetivo último da vida e ação de Cristo neste mundo.

Ele veio para nos remir do pecado pelo seu sacrifício, como observam todos os Santos Padres. No Calvário nasce a Igreja (1), Corpo Místico de Cristo; aí se justificam as almas, em virtude do sangue redentor; aí recebe Deus reparação condigna da ofensa infinita do pecado.

A Redenção, ou sacrifício de Cristo é, pois, a fonte das graças. Pode-se dizer, com exatidão absoluta, que a Redenção é o sacramento dos sacramentos. Todos dela recebem e dela aplicam os frutos de santificação. Nenhuma santidade que não promane da Redenção.

A santidade de Maria Ss., ou suas graças extraordinárias, é também o fruto dêste mistério central do cristianismo. Muito antes de existir Nossa Senhora, applicou-lhe Deus à alma os frutos copiosísimos da Redenção, e, por antecipação dêles, foi Ela santificada na Imaculada Conceição.

Vimos já o incomparável grau de graça que nossa boa Mãe recebeu nesta "santificação antecipada".

Que dizer então da presença de Maria no mistério

(1) "Ter êle consumado no patíbulo da cruz a sua obra, afirmam-no, numa série ininterrupta de testemunhos, os Santos Padres, que notam ter a Igreja nascido na cruz do lado do Salvador, qual nova Eva, Mãe de todos os viventes". — *Mystici Corporis Christi*, de Pio XII.

redentor e, mais ainda, de sua colaboração, querida por Deus, no sacrificio de Cristo?

Se a plenitude de graças recebida na Conceição Imaculada e acrescida na Maternidade divina era susceptível de ulterior crescimento, sem dúvida foi sobremaneira aumentada, constituindo-se plenitude *nova*, no mistério central da graça — a Redenção.

Pouco se tem dito sobre os frutos que a Corredenção produziu na alma de Maria. Os autores se limitam quase em falar da "Compaixão" de Maria e do seu papel de "Corredentora" neste mistério. Mas é preciso não esquecer que Maria Ss., compartilhando do sacrificio redentor, não somente alcança, em união com Cristo, a graça que nos santifica; Ela aí obtém de certo a graça para se santificar mais, tornando-se mais agradável diante de Deus e maior credora dos dons divinos para dispensá-los aos homens.

O exercício de sua Mediação ao pé da cruz prepara o exercício da Mediação no céu.

Por isto, é exatamente teológico dizer-se que, no mistério da Corredenção, Maria adquire nova plenitude de graças, ao mesmo tempo que exerce um papel mediador. Relanceemos esta verdade.

DUPLO ASPECTO DA REDENÇÃO E CORREDENÇÃO

Ao considerarmos a Ss. Virgem no mistério da Corredenção, é preciso não esquecer a singularidade de sua função ao pé da cruz.

Ela não está aí como os demais homens passados, presentes ou futuros, para receber a graça perdida em Adão. Ela aí está de modo singular. Ela aí está como *Remida* e *Corredentora*. Aí está para *se santificar* e para *adquirir*, com Cristo, a graça divina.

E o modo como recebe a graça é nela muito diferente dos demais homens. Ela é santificada pelo sacrificio de Cristo, mas esta santificação já lhe foi antecedentemente aplicada de modo superabundante desde a Imaculada Conceição. Ela é solidária com Jesús na cruz como todos os descendentes de Adão, mas não

carece *atualmente* da graça que todos os outros aí recebem. Ela recebe não a graça *primeira*, mas um *acrécimo* de graças, isto que os teólogos chamam *graça segunda*.

Em síntese, Ela adquire com Cristo a graça que recebe, e recebe um acréscimo da própria graça que adquire.

A sua função corredentora *prepara*, e *efetiva* até, sob certo ponto, a sua função mediadora.

Este papel singular de Maria no Calvário faz-nos ver duplo aspecto na Corredenção e na Redenção: o aspecto *ativo* e o aspecto *passivo* de Maria. Nossa Senhora aí se acha ao pé da cruz como *ativa operadora* de nossa Redenção em união com Jesús, e como *passivo* recipiente da graça divina, que vai crescendo em sua alma.

No Calvário, dão-se, relativamente à Ss. Virgem, dois mistérios — a Corredenção e a Redenção — que em última análise se confundem num só — a Corredenção, considerado sob aspecto *passivo* e *ativo*.

A Corredenção é Maria cooperando com Cristo no mistério redentor, participando do sacrificio, ao mesmo tempo passiva e ativamente. A Redenção é o mistério da morte de Cristo, independente da cooperação de Maria, enquanto causa para todos os homens a regeneração da graça primeira, e para Nossa Senhora o acréscimo de graça, ou *graça segunda*.

A *Corredenção ativa* é a compaixão de Maria com Jesús sofredor, é o sacrificio que Ela oferece ao Pai pelos pecadores, é a doação total de seu Filho e de si mesma, é o potencial imenso de caridade e heroísmo, com os quais Ela nos corredime em união com o Redentor. Ela é a Medianeira das graças sobretudo aí, onde, a uma com Cristo Mediador, alcança todas as graças com que as almas se regeneram e santificam.

A *Corredenção passiva* é o mesmo mistério produzindo na alma de Maria os tesouros de graça que saem do coração de Cristo. Maria é a primeira que recebe, pois o primeiro e principal membro do Corpo Místico de Cristo.

* * *

Entre a Redenção ativa e passiva de Maria existe a mesma profunda reciprocidade. A Redenção passiva é a Imaculada Conceição, em que à sua alma foram aplicados, por antecipação, os frutos da Redenção ativa do Calvário. Maria tanto mais participa da Redenção ativa quanto mais exuberantemente recebeu na Redenção passiva. Na Paixão de Cristo cresceu-se-lhe o imenso potencial de graças adquirido na Imaculada Conceição.

Ela fôra tão excelentemente distinguida com a Redenção passiva para exuberantemente participar na Redenção ativa. Ainda uma vez, é preciso dizer que o privilégio de ser Imaculada não era senão em vista de sua Mediação. (2) Pessoalmente, era o privilégio de Maria; mas, nos seus fins, era para todos os homens. Como diz o Pe. Mersch (3), “é uma luz que se ergue para todos. A Imaculada Conceição não distingue Maria dos outros homens senão para uni-la mais a Cristo, que pertence a todos; ela (a Imaculada Conceição) não a colma de redenção passiva senão para lhe permitir cooperar em plenitude na vida de sacrifício que é a continuação mística da redenção ativa.”

Importante notar ainda que a Redenção não é somente obra de Cristo mas também da Humanidade, sob certo sentido. É verdade que Jesús é a causa primeira expiatória, propiciatória e meritória de toda a graça da Redenção. Mas Ele opera e sofre solidário com a Humanidade toda, passada, presente e futura.

É Jesús quem nos redime e somos nós que apresentamos ao Pai um resgate digno e suficiente em Jesús. A Redenção se dá na unidade da raça humana em Cristo. Como observa o sábio teólogo Pe. Mersch, “a Redenção é ação que suprime a separação causada pelo pecado e que refaz a unidade. Há redenção, há salvação, porque Aquele donde vem a salvação, a vida,

(2) Cf. Cap. III, tit. 3.º desta obra.

(3) *La Théologie du Corps Mystique*, T. I, p. 219-220.

faz-se um em Cristo com aqueles que Ele salva; a salvação se opera nesta união, em Cristo, que é união no seu princípio primeiro." (4).

E a esta altura, pode-se perguntar: — Estaria no Calvário a Humanidade incorporada a Cristo somente pelos vínculos da Encarnação? Estaria, pois, ali, somente de modo *passivo*? Não havia ela de operar e co-operar aí ativamente por intermédio de alguém? E quem seria o membro eleito da Humanidade para co-operar com Cristo na Redenção ativa senão aquela que já fôra remida passivamente do modo mais exuberante e completo?

A Imaculada Conceição, portanto, visava preparar a Humanidade tôda em Maria para o mistério redentor.

E por isto mesmo que Maria representa no Calvário a Humanidade, faz jús a maior participação possível da Redenção ativa em que colabora.

Compreende-se, destarte, o acréscimo de graças que Ela deve ter recebido na função corredentora. É uma verdadeira plenitude nova de graças que vem então ornar sua alma.

Qual a medida desta plenitude incomparável?

CIRCUNSTANCIAS DA FUNÇÃO CORREDENTORA DE MARIA

Para calcularmos, quanto possível, a excelência desta nova plenitude, atentemos para o conjunto de circunstâncias que cercam a função corredentora de Maria.

A pureza e perfeição d'alma com que Ela esteve ao pé da cruz; a sua dignidade de Mãe de Deus; a intensidade de sua dôr e participação no sacrifício de Cristo; a particularidade de ter Ela mesma fornecido a matéria ao divino holocausto; o fato de ser Ela aí o primeiro membro do Corpo Místico, representante da Humanidade junto a Cristo; enfim, a própria excelência, em sí, do seu ato corredentor, que é, à semelhança

(4) *Idem*, Cap. XII, p. 381-382.

da Maternidade divina, uma graça sòmente dEla, e que nenhuma alma recebeu — eis circunstâncias que merecem particular consideração.

1. *A pureza e perfeição d'alma com que Maria esteve presente ao pé da cruz.* A Imaculada Conceição não sòmente a preparou para ser Mãe de Deus, como se pensa. Preparou-a para todos os mistérios. Para a Corredenção também. E como o mérito é proporcionado à santidade do sujeito, e não só à dignidade da ação praticada, claro está que Maria era a mais bem disposta de tôdas as criaturas para receber os bens da Redenção em que colaborava.

2. *A dignidade de Mãe de Deus da Corredentora.* Completando e crescendo o tesouro de sua pureza e graça original, a dignidade de Mãe dêste Deus, que é o mesmo Redentor imolado, confere a Maria um titulo incomparável de direito às graças do mistério corredentor.

Se o mérito é proporcionado à excelência da pessoa, quem podia receber no Calvário em maior abundância do que Maria?

3. *A intensidade de dôr e participação de Maria Ss. ao sacrifício de Jesús.* O sofrimento é para tôdas as almas, depois do sofrimento de Cristo, a lei universal da regeneração e santidade. O "*sine sanguinis effusione non fit remissio*" (5) do Apóstolo não é sòmente lei dos sacrificios antigos. Perdura através dos séculos como um penhor de esperança para os que sofrem e como anátema para quantos fogem à abnegação de si mesmos. Pode-se formular o seguinte princípio: quanto mais a alma cristã se conforma a Cristo padecente tanto mais recebe com abundância os frutos do Calvário. E a união de Maria com seu Filho na cruz é *única*, sem precedência nem sequência da mesma natureza. Primeiro, é a Mãe que aí está aos pés da cruz;

(5) Hebr., 9, 22.

São João não encontrou melhor termo para exprimir a dor de Maria do que êste: — “Mãe”. *Juxta crucem Jesu Mater ejus...* (6) Depois, Ela foi, ai, co-mártir, verdadeiramente, com Jesús, compreendendo todo o sentido e finalidade da Paixão redentora. Isto representa mais que ser simplesmente mártir de Cristo, como observa São Guilherme Abade, pois mais eficaz haveria de ser o influxo da Paixão para quem mais unida se achava a Cristo e unicamente por Êle padecia. (7)

Que Maria haja oferecido com seu divino Filho um verdadeiro sacrificio, em que Ela tomou parte ativa e passiva como vítima e imolante, não se pode duvidar. “Não somente Ela gerou e nutriu a Vitima do sacrificio — observa o grande teólogo Lépiciér — mas ainda, quanto pôde, por total obséquio de sua vontade o entregou a Deus, como outrora Abraão entregara seu filho Isaac; donde os Stos. Padres muitas vêzes dizem que o sacrificio de Abraão foi figura do sacrificio da Beatíssima Virgem... Verdade esta que mui excelentemente expõe Sto. Antonino, não hesitando afirmar que, se faltaram executores de Cristo, Ela mesma, com suas próprias mãos, crucificaria seu Filho, por obedecer ao Eterno Pai, que lhe decretara a morte por nossa salvação. Acresce ainda ter Maria oferecido, juntamente com a Paixão de Jesús, sua própria compaixão, de Deus aceitabilíssima, pois procedia do máximo grau de amor.” (8)

4. *Deve-se rememorar enfim o seguinte: foi Maria quem forneceu a matéria do divino holocausto do Calvário.* Sem dúvida, é a pessoa divina do Verbo que comunica valor infinito aos atos de Jesús e, portanto, ao seu sacrificio. Mas é sem dúvida, igualmente, que a imolação do Calvário só se realizou graças ao fato de

(6) Jo., XIX, 25

(7) Plus est esse comartyrem Christi, quam martyrem Christi; quia est proximior conjunctio cum Christo et efficacior influxus Passionis Christi et dolor non propter se, sed unice propter Christum. (Sup. C. III Cant).

(8) Tractatus De B. Virgine Maria Matre Dei (Lethieuleux, Paris), p. 394.

o Verbo haver revestido nossa natureza em Maria. A matéria, portanto, do sacrifício infinito, que tudo mereceu para as almas, era de Maria, carne de sua carne e sangue de seu sangue. Aqui sobremaneira se pode aplicar o axioma clássico atribuído a Sto. Agostinho: *Caro Christi est caro Mariae*.

E do infinito tesouro de graças, nascido desta carne, que ora se imola, não haveria de jorrar, neste instante, por isto mesmo, uma plenitude especial de graças para a Corredentora do gênero humano?

EXCELÊNCIA DESTA PLENITUDE

Particularmente dois enunciados teológicos de vasto alcance nos mostrarão que a Ss. Virgem deve ter recebido neste mistério excelente plenitude de graças.

Primeiro: Maria, sobretudo no Calvário, é o primeiro membro do Corpo Místico de Cristo, que mais deveria receber as divinas influências da Cabeça imolada.

Segundo: a sua função de Corredentora por si é, à semelhança da Maternidade divina, de excelência tal, que constitui uma graça à parte, só reservada à Mãe do Redentor.

Maria, primeiro membro do Corpo Místico — Jesús Cristo, pelo fato de sua Incarnação, formou, com toda a Humanidade, um só corpo moral e sobrenatural, de que é Êle Cabeça e todos os homens, membros. É a grande realidade do Corpo Místico, a cujo estudo o Sto. Padre Pio XII dedicou uma de suas mais valiosas encíclicas. Realidade em potência para todos os homens na Incarnação, esta união sobrenatural com Cristo se efetivou no Calvário, fonte da vida da graça, fundação da Igreja, que se identifica com o Corpo Místico de Cristo.

Para Maria Ss., a portentosa efetivação da vida sobrenatural não esperou as riquezas da Redenção histórica da cruz. Desde a sua Conceição Imaculada portadora da graça, predestinada a formar o sêr humano

do Verbo de Deus, Ela foi o primeiro membro do Corpo Místico na ordem do tempo, e, devido à sua função ímpar na economia salvadora, primeiro membro também pela dignidade e elevação da graça de sua alma.

E é nesta qualidade de primeiro membro do Corpo Místico de Cristo que Ela se apresenta ao pé da cruz, para colaborar no mistério salvífico.

Pela solidariedade de sangue e de raça que a Incarnação estabelecera entre Jesús e a Humanidade, todos os homens ali estavam presentes, em Cristo, que se imolava não só “em nome e em lugar de todos” mas “com todos”, reduzindo todos à unidade perfeita da graça, na unidade de “um só corpo que reunisse aos filhos de Deus que estavam dispersos”, como diz São João. (9) Mas Maria, a Mãe de Cristo Redentor, ali estava por título todo especial, todo à parte. Era o membro por excelência do Corpo Místico. E êste subsistia, a bem dizer, todo e unicamente nEla, representante viva e compreensiva da Humanidade ao pé da cruz.

Êste fato e circunstância especial faz jús a que se advogue para a Ss. Virgem acréscimo de graça todo particular no mistério da Corredenção. Negar êste efeito fôra negar o princípio de que tôda graça nos vem da união à Cabeça do Corpo Místico — Jesús Cristo.

Importa ainda advertir que Maria aquí se une à Cabeça no ato supremo de sua comunicação da vida divina — o sacrifício redentor — e em função única de colaboração neste mesmo sacrifício, que lhe tem merecido o título de Corredentora do gênero humano.

‘E não haveria então a sua alma de se enriquecer extraordinariamente de graça, atingindo nova e singular plenitude?

A função de Corredentora — Pode-se estabelecer uma paridade entre a graça de ser Mãe de Deus e a graça de ser Corredentora dos homens, enquanto am-

(9) Jo., XI, 52.

bas estas graças são únicas, são especialíssimas, são singulares.

Não existe delas repetição, como não houve precedentes.

Aliás a ação atual de ser Mãe de Deus e a de ser Corredentora já são de per si únicas e de consequências para toda a eternidade. A Mãe de Deus o foi só uma vez e esta dignidade lhe caberá para sempre. A Corredentora o foi só uma vez e na "oblação do corpo de Jesús Cristo feita uma só vez" pela qual "fomos santificados" (10), persiste eternamente a sua glória unida à de Cristo "sempre vivendo para interpelar por nós". (11)

E assim como dizem os teólogos ser a Maternidade divina em si mais excelente que a própria graça, (12) pode-se dizer também, sob certos respeito, que a Corredenção é mais excelente em si mesma do que a graça, genericamente tomada.

A graça é algo accidental que é dispensado a todas as almas. A Corredenção é uma função pessoal de Maria e só de Maria.

A graça está para a Corredenção como o efeito para sua causa. Toda graça nasce do sacrificio de Cristo, e, mediante elle, da Corredenção de Maria. E por isto que a causa se deve proporcionar ao efeito ou superá-lo, a Corredenção, em excelência e consequências para o seu sujeito, deve sobrepujar a própria graça, ou ao menos proporcionar-se a ella. Estas reflexões forçam-nos a concluir que não se pode ver indiferentemente a função corredentora de Maria, como se vê qualquer outra passagem comum de sua vida, a-fora a Maternidade.

Não. Ella é de repercussões em toda a economia da graça, é a grande obra de Maria, que acompanha e completa a sua divina Maternidade, ao mesmo tempo que realiza a sua Mediação universal.

E consequentemente à elevação sem par em que

(10) Hebr., X, 10

(11) Hebr., VII, 25.

(12) Cf. Hugou — La Mère de grâce, Cap. IV, § II.

ela coloca a Mãe de Deus, cresceu-lhe também de nova e particular plenitude de graças a alma imaculada.

CONCLUSÃO

Devemos confessar ainda uma vez, ao terminar este capítulo, a nossa estranheza de que haja merecido, relativamente, pouca consideração por parte dos teólogos este aspecto do mistério grandioso em que a Virgem tomou parte.

Pois, se o sacrificio de Cristo é o ponto central do cristianismo e a fonte da vida da graça — e sem elle nada nos aproveitaria a Incarnação do Verbo na economia actual — justo é dizer-se que toda a grandeza da Ss. Virgem, Mãe de Deus, aí se sobreeleva e se transfigura com os reflexos de sua dignidade de Corredentora.

E aí também recebe sua alma a riqueza infinita dos bens celestes, de que foi, desde a eternidade, constituida dispensadora inseparável de Jesús.

CAPITULO VI

A PLENITUDE DA MEDIANEIRA UNIVERSAL

Tôdas as graças conferidas à Ss. Virgem antes da Incarnação visavam, primariamente, prepará-la à divina Maternidade. É um princípio teológico irrevogável.

Da mesma forma, podemos ter como certo, teologicamente, que as demais graças de Maria, em suas crescentes plenitudes, visavam prepará-la à função de Medianeira universal.

É o crescimento de sua alma não se realizou somente por etapas, de mistério em mistério, quais sejam a Incarnação e Redenção. Foi crescimento de todos os instantes, até o seu glorioso trespasse.

Entretanto, nas mais importantes etapas dos divinos mistérios, que motivaram plenitudes novas de graça para a Ss. Virgem, Pentecostes como que se releva, e parece ter sido a culminância dos mais ricos dons do céu a prepararem a Medianeira universal das graças.

Diríamos que Pentecostes promulga visivelmente a Igreja, e, invisivelmente, inaugura a ação de Maria como Medianeira da Igreja.

Quão profundo é o sentido do mistério de Pentecostes para quem quer entender a Mediação de Nossa Senhora!

Vejam, primeiro, em que estado de plenitude de graças Maria recebeu o dom de Pentecostes. Depois, que efeitos este dom lhe causou à alma, e que relações

se estabelecem, desde então, entre Maria e a Igreja, sociedade universal das almas.

PLENITUDE DE GRAÇAS COM QUE MARIA RECEBEU O DOM DE PENTECOSTES

Até às inteligências menos dotadas pode-se afigurar com clareza o grau de graça extraordinário com que a alma de Nossa Senhora tomou parte nos mistérios posteriores à Corredenção. Ela recebeu ao pé da cruz acréscimo de graças só comparável ao que recebera na Incarnação. Eis o que parece fora de tôda a dúvida, admitido o seu papel de Corredentora do gênero humano. (1)

O rápido transcurso da Redenção a Pentecostes não foi, entretanto, estado de paralização no crescimento espiritual para Nossa Senhora. Sua alma não deixou jamais de receber constantes aumentos de graça. “A Mãe de Deus — escreve Hugon — teve sempre a medida de graças que convinha à condição do momento, e suas capacidades atuais foram sempre ampliadas...” (2)

Distinguímos plenitudes várias de graça que Maria recebeu, relativamente aos principais mistérios em que desempenhou suas funções maternas. Mas é preciso não esquecer que esta classificação em plenitudes sucessivas está longe de patentear com exação os imen-

(1) Quibus sic constitutis, concludendum est Deiparam catholice omnino vocari posse *Corredemptricem generis humani*: nec illis subscribendum est qui hoc negant in antiquitate reperiri. Esto quippe, quod ad nomen spectat, titulus ille vix ante saeculum decimum sextum inveniatur usurpatum, tamem quoad rem significatam dici potest implicite contentus in illis appellationibus, quibus etiam prisca scriptores usi sunt, cum Beatam Virginem vocitarunt generis *reparatricem, salvatricem*, aut etiam aliquando *redemptionis cooperatricem*. Cum autem titulus *Corredemptricis plurium iam saeculorum usu apud populum christianum*. Ecclesia non contradicente, immo potius fovente invaluerit, merito de istius tituli legitimitate nullimode est ambigendum. LÉPICIER — *Tractatus de B. Virgine Maria*, (Ed. Lethielleux, 1904), p. 540.

(2) HUGON — *La Mère de grâce*, cap. V

os horizontes de graças que, a todo o instante, se des-cortinavam em sua alma.

Havia crescimento constante de caridade e mérito em seu coração. Havia, pois, novos graus de graça santificante, que se sucediam aos anteriores, a todo o momento. E, destarte, verdadeiras plenitudes sucessivas completavam o seu magnífico tesouro de vida sobrenatural.

Para entender o imenso potencial com que a Mãe de Deus se enriqueceu até Pentecostes, e mesmo depois, será necessário tomar em consideração a sua capacidade de merecer em todos os atos, por pequenos que fôsem, devido, já à exuberância da divina caridade com que procedia em tudo, já à sua dignidade de Mãe de Deus, já aos atos continuados de virtude que praticava.

E além de suas possibilidades de merecer, podia-se acrescentar como fatores de crescimento seu sobrenatural a prolongada influência dos divinos mistérios de Jesus Cristo e as conseqüências da comunhão eucarística.

Primeiramente, não há dúvida que Nossa Senhora tenha merecido constantemente, e que tenha merecido, com seus atos, muito maior acréscimo de graça que tôdas as almas santas.

Para que haja mérito nos atos humanos, importa que êles sejam livres, bons, praticados em estado de graça, com reta intenção e por pessoa que se acha em estado "de via" — *in statu viae*, como dizem os teólogos. (3) Tôdas estas condições se verificaram na Mãe de Jesus, com muito mais excelência que nas demais criaturas.

Nela houve a mais plena liberdade de agir. O próprio sono, diz Sto. Ambrósio, e o admitem vários teó-

(3) Cof. GONDIN — Coment. in Q. CXIV, da Ia. Ilae (Ed. Marietti, 1948). As expressões: "in statu viae" ou "ut sit viator" significam que o sujeito do mérito deve ser homem vivendo a vida presente, e não Anjo ou homem que passou à eternidade.

logos (4), não lhe perturbou a liberdade das ações. Não houve nela atos indeliberados. Desde concebida no seio materno, gozou do uso da razão. (5).

Vista a sua confirmação no bem e a sua impecabilidade, (6) todos os seus atos foram bons na mais estreita acceção da palavra.

Que os haja praticado em estado de graça, não pode restar a menor dúvida. O que importa é relevar ainda que a graça foi nalma de Maria inseparável da caridade operante e que esta foi tanto maior quanto mais excelente a sua graça. Daí inferirmos que todos os atos de Nossa Senhora foram praticados com o mais intenso amor de que é capaz uma criatura. E esta intensa caridade é inseparável da reta intenção.

Todos os atos da Ss. Virgem, ainda os mais insignificantes, foram, portanto, cheios de méritos. E qual devia ser a medida destes méritos?

* * *

O mérito se proporciona à dignidade da pessoa e à excelência das virtudes praticadas. Os méritos de Cristo foram infinitos por causa da dignidade infinta de sua pessoa. Os atos da Ss. Virgem deviam participar dalgum modo da dignidade quase infinita de sua Maternidade divina, que lhe sublimara a própria pessoa a uma dignidade excepcional de consanguínea de Cristo.

Doutra parte, não menos excelentes que a dignidade, foram as virtudes de Maria. O Venerável Olier chega mesmo a advogar algures que a Ss. Virgem praticou sempre, em cada ato, tôdas as virtudes que êle podia conter, e tôdas de modo eminente. (7) O que não

(4) "Le sommeil lui-même n'a pas interrompu la continuité du mérite, disent les Pères et les théologiens Saint Bernardin, Canisius, Suarez, de Rhôdes, Albert le Grand, Saint Bonaventure, Saint Bernard, Contenson, P. Terrien, P. Hugon, etc." — J. M. De Lombaerde — LES PRINCIPES THÉOLOGIQUES DE LA VIE D'INTIMITÉ AVEC MARIE, Ch. XV.

(5) Quod vel paucis mortalium est concessum, fas non est credere tantae Virgini esse denegatum. — S. Bernardo, EP. AD CANONICUM LUGDUN.

(6) Ver a este respeito: LÉPICIER, obra cit. P. II, Cap. I, Art. III.

(7) LA VIE INTÉRIEURE DE LA TRÈS-SAINTE VIERGE.

parece improvável se ponderarmos quer o extraordinário amor quer o extenso conhecimento com que a Ss. Virgem apreendia cada uma de suas ações. E estas foram tôdas da mais sublime ocupação, mormente a partir da morte de Jesús até o mistério de Pentecostes.

A conclusão há-de ser, pois, esta: Nossa Senhora mereceu enormemente e a todo o momento, a cada ato, a cada pensamento, que a ocupava. A caridade, o zêlo, e grandeza de sua alma, que excediam às disposições de todos os santos, faziam-na merecer mais que todos êles.

E êstes méritos imensuráveis de todos os instantes haviam de produzir em sua alma novos graus de graça a êles proporcionados, isto é, graus de graça também imensuráveis.

* * *

Cabe aqui um raciocínio de ilustres teólogos, que vamos mencionar citando um autor de nossos dias. (8) “Todo ato bom, diz êste autor, produz graça igual a êste mesmo ato. É um principio teológico. Maria sempre agiu segundo sua fôrça e com tôda a virtude da graça e do hábito existente em sua alma... Eis outro principio irrecusável. Ora, se todo ato bom produz uma graça igual a êste mesmo ato, e se todos os atos de Maria foram feitos com todo o fervor e todo amor que Deus lhe outorgou... é preciso admitir que a santidade de Maria se duplicou a cada um de seus atos.” “Suponhamos agora que, a seu primeiro instante, Maria estivesse à altura de um Serafim em graça e amor. Ela faria, destarte, seu primeiro ato de amor, como é dever, diz Sto. Tomás, de tôda criatura que chega ao uso da razão. Eis a sua graça dobrada, e duas vêzes igual à do mais sublime Serafim. Depois, os atos se multiplicam. Só Deus lhes sabe o número. Suponhamos que Maria faça um só ato por dia, um só... No terceiro dia, será quatro vêzes maior que um Serafim; ao quinto dia,

(8) J. M. De Lombaerde, obra cit., Cap. XVIII. Êste autor resume no trecho que vamos citar o Padre d'Argentan em suas *Grandeurs de Marie* (12.^a Conf., art. IV) e Joseph de Miechow em sua 137.^a Conf. sur Les Litanies.

dezesseis vêzes maior... ao oitavo: cento e vinte oito vêzes maior... Contai-o sucessivamente. Após quarenta dias, a Ss. Virgem supera tudo o que o céu possui de mais santo abaixo de Deus, dois quatrilhões, cento e noventa e três trilhões, quatrocentos e setenta e sete milhões, novecentos e oitenta e oito mil e quinhentos e vinte oito vêzes."

Pois bem, tal foi a proporção em que cresceu a graça santificante da Ss. Virgem nos quarenta dias que medeiam entre a Ressurreição e Pentecostes.

* * *

Mas para sermos completos é necessário, ainda, salientar dois fatores que contribuíram a êste aumento de graça: a influência dos divinos mistérios e as consequências da comunhão eucarística.

Maria teve parte principalíssima no mistério da Redenção e êle produziu em sua alma nova plenitude de graças, como vimos. Êste mistério não foi, porém, transitório, circunscrito às balisas do Calvário. Êle deixou na alma de Nossa Senhora uma influência prolongada, na ordem psíquica pela dor; na ordem moral e mística pela oblação de si mesma que Maria renovava incessantemente; na ordem sobrenatural, enfim, pelo aumento da graça.

O mesmo se deve dizer com relação aos mistérios da Ressurreição e contacto com o Verbo glorificado durante os quarenta dias seguidos à Ressurreição. Teriam sido sem efeito para o acréscimo de graças de Nossa Senhora?

Enfim, não se podem esquecer as divinas influências da comunhão de Nossa Senhora. É crença comum, baseada em revelações, que a sagrada partícula recebida por Nossa Senhora na tarde da instituição do Ss. Sacramento foi-lhe conservada intacta, por milagre, no seio santíssimo, até à primeira Missa celebrada pelo Chefe dos Apóstolos. Mas, ainda que tal não fôsse, (as revelações particulares não podem constituir base de argumentação teológica) não há negar as duradouras

influências da comunhão para a grande Mãe de Deus. Para Ela sobretudo, a recepção sacramental de Cristo deve ter sido tudo que podia ser! "Jesús envolvia então sua Mãe com todo o amor e com tôdas as graças. E a Virgem respondia por transportes de ternura e de reconhecimento. E torrentes do sobrenatural se precipitavam sem interrupção nesta alma e cada dia as capacidades da graça se alargavam, e de novo se pleni-ficavam." (9)

À luz das precedentes considerações pode-se calcular a plenitude que a Ss. Virgem logrou alcançar até ao instante da descida do Espírito Santo. A alma de Nossa Senhora era então o que existia de mais elevado na ordem sobrenatural. Era o mais digno membro da Igreja, Corpo Místico de Jesús Cristo. E a mais preparada para receber, em nova plenitude, os dons e graças do Espírito Santo.

EFEITO DO DOM DE PENTECOSTES NALMA DE MARIA

A graça de Pentecostes, que foi sem precedentes para os Apóstolos, conferindo-lhes plenitude suficiente de dons para regerem a Igreja de Deus, não podia ser menos exuberante para Maria.

A recepção de todos os incomparáveis bens difundidos pelo Espírito Santo havia de proporcionar-se à dignidade e boas disposições de seus aquinhoados. Pedro há-de ter recebido algo a mais, que se proporcionava à sua dignidade de Chefe da Igreja. E João recebeu, de certo, na medida de seu grande amor.

Qual deve ter sido, então, a medida de graças alcançadas pela Virgem Mãe, cuja dignidade e amor não se pode comparar com nenhum dos Apóstolos? Pelo menos não se pode negar que, neste mistério, como

(9) Hugon, obra cit., p. 143.

nos demais, cresceu sobremaneira a graça da Mãe de Deus. (10)

Temos, pois, como certo, que a efusão do Espírito Santo causou em Maria Ss., no dia de Pentecostes, nova plenitude de graças, superior à da própria Igreja de Cristo, cujo aparecimento se promulgava então.

Não é dizer demais. Os Santos Padres asseguram-nos, ao fazer o paralelo entre a Igreja e Maria, que Maria se sobrepõe à própria Igreja pela sua graça incomparável. (11) A Igreja é o Corpo Místico de Cristo, somos nós seus membros santificados agora pela graça. Maria, porém, é o primeiro membro, perfeito e sem mácula, ornado da graça muito antes de a Igreja existir. Aliás não se pode conceber a Igreja sem Maria, como não se pode entendê-la sem Cristo. E, por isto, mais que membro da Igreja, Ela é sua Mãe, porque Mãe de sua Cabeça, que é Cristo.

Em Pentecostes, Maria era, por assim dizer, a Igreja viva, a enriquecer-se das graças do Espírito Santo.

Eis por que dizemos ter Maria recebido no Cenáculo uma plenitude especial, que convinha à Mãe da Igreja, ou à Medianeira universal da graça.

As demais plenitudes até então recebidas prepararam de longe a Mediação universal. A plenitude de Pentecostes ultima-a. Dizer plenitude de graças de Pentecostes é o mesmo que dizer plenitude de graças da Mediação universal.

E' verdade que Maria não recebeu em Pentecostes a graça consumada, que prepara imediatamente à glória. Sua graça desenvolveu-se ainda, seus méritos aumentaram ainda, até o último instante que passou na terra. Entretanto, Pentecostes é a última etapa dos

(10) Gratiam multipliciter ex opere operato fuisse auctam: in Conceptione Verbi, in susceptione Eucharistiae, in praesentia Salvatoris in sinu gestati, inter brachia sugentis mammas, in cruce morientis, in adventu Spiritus Sancti... CONTENSOM — Theol. mentis et cordis — Lib. X, diss. VI, cap. I, spic. II, 5.

(11) Ler a propósito o grandioso estudo do P. Terrien em *La Mère de Dieu et la Mière des hommes*, IIa. P. T. II, L. VIII.

mistérios centrais da graça. É complemento das plenitudes antecedentes. É o acabamento que urgia para a divina Medianeira de tôdas as graças. É a plenitude após a qual já começa o exercício da Mediação no seu mais perfeito sentido.

* * *

Os mistérios de Cristo foram para sua Mãe como mistérios-sacramentos. Dêles recebeu Ela a graça ao mesmo tempo que neles cooperava e exercia de certo modo a Mediação. Pentecostes — que é, podemos dizer, o mistério de Cristo místico e a síntese de todos os mistérios pessoais de Jesus Cristo aplicados a seus membros vivendo na Igreja — Pentecostes foi para Nossa Senhora o mistério-sacramento por excelência de sua Mediação universal. É que a Mediação e a vida da Igreja entrelaçam-se intimamente, não há negar. Aqui, pois, no mistério central da Igreja, se completa em Maria a plenitude necessária à distribuição universal de graças para a Sta. Igreja. Já doravante Nossa Senhora, em sentido muito mais amplo e perfeito que na Incarnação e Redenção, passa a exercer mediação “total” e “universal”.

Por isso mesmo, tudo quanto fôr outorgado à Igreja em seus membros, na ordem da graça, a Ela foi primeiro outorgado na grandiosa plenitude de Pentecostes. Assim, as próprias graças chamadas *gratis datae*, como o dom das línguas, o dom dos milagres, e todos os mais estupendos carismas, foram nela ampliados e completados neste dia em prodigiosa efusão.

Completados e ampliados, dizemos, porque já os possuía desde a Conceição Imaculada. É o que afirmam os teólogos. (12) São Alberto Magno o afirma de modo universal: “É manifesto que a Ss. Virgem possuiu tôdas as graças, e no grau mais eminente.” (13) O Doutor Angélico, com respeito ao poder dos milagres,

(12) Vastamente trata do assunto o P. Terrien, obra cit. L. VII, Caps. V e VI

(13) Super missus est, q. 112, sqs. Opp. XX.

professa que Nossa Senhora o recebeu em principio com tôdas as demais graças desde a sua primeira santificação no seio materno, embora dêle não haja feito uso durante a vida mortal. (14) O Pe. Terrien, por sua vez, assegura-nos que, "teólogos de grande pêso e grande nome não hesitam em reconhecer em Maria, não sômente o poder, mas também a operação de milagres. Tais, por exemplo, Alberto Magno, Sto. Antão e Suárez." (15)

Podemos dizer, sem mêdo de aberrar da doutrina dos grandes mestres, que êstes dons gratuitos já havidos por Maria Ss., foram, em Pentecostes, sobremaneira acrescidos e confirmados.

* * *

Pentecostes foi, em síntese, para a Ss. Virgem, a confirmação na graça e na caridade, o complemento do exercício nos dons, um aumento considerável de sua plenitude de tôdas as graças, a consagração definitiva de seu papel mediador.

Todos êstes efeitos, resume-os o Padre Hugon nas seguintes palavras: "O testamento do Calvário instituiu Maria Mãe da humanidade; o mistério de Pentecostes dá-lhe a suprema confirmação. Os Apóstolos receberam neste dia a investidura do Espírito Santo, a plenitude dos dons e graças, de sorte que foram confirmados em santidade e receberam revelação completa de tôdas as verdades da salvação. A Rainha dos Apóstolos foi a primeira a receber, em grau superior, esta plenitude; foi-lhe como a sagração definitiva da Maternidade mística e a consumação da santidade." (16)

RELAÇÕES ENTRE MARIA E A IGREJA, A PARTIR DE PENTECOSTES

A plenitude de graças que Maria recebeu em Pentecostes inaugura a sua mais completa ação mediadora nas almas. O que vale dizer que, a partir da vinda do

(14) IIIa. P. Q. 27, art. 5, ad 3um.

(15) Terrien, loc. cit.

(16) HUGON — *La Mère de grâce*, Cap. V

Espírito Santo, se estabelecem relações as mais íntimas entre Maria e a Igreja, Corpo Místico de Cristo.

Até agora a ação mediadora de Nossa Senhora se exercera remotamente, mediante os divinos mistérios da Incarnação e Redenção. Doravante, na ordem da graça, cremos nós, inicia-se a grande execução daquela palavra que os intérpretes aplicam à Virgem Ss.: "*in Israel hereditare et in electis meis mitte radices.*" (17) Por ação invisível do Espírito Santo, Maria age nas almas, e pelo fecundo seu poder suplicante diante de Deus, atira torrentes de graça sobre a Santa Igreja, desempenhando plenamente e diretamente função mediadora.

O papel de Maria na Igreja nascente não há de ter sido o da inércia. "Foi Ela quem com suas efficacíssimas orações — diz Pio XII — obteve que o Espírito do Divino Redentor, dado já na cruz, fôsse depois em dia de Pentecostes conferido com aqueles dons prodigiosos à Igreja recém-nascida. Ela finalmente, suportando com ânimo forte e confiante imensas dôres, verdadeira Rainha dos Mártires, mais que todos os fiéis, "completou o que falta à Paixão de Cristo... pelo seu Corpo que é a Igreja" (Col. 1, 24), e assistiu o Corpo Místico de Cristo, nascido do Coração rasgado do Salvador (Cf. Off. SSmi. Cordis in Hymno ad Vesperas), com o mesmo amor e solicitude materna com que amamentou e acalentou no berço o Menino Deus." (18)

Por que Deus a deixaria neste mundo após a morte de seu divino Filho, senão para desempenho duma função grandiosa? Maria, no seio da Igreja nascente, sobrevivendo a Jesús Cristo, é o mistério menos explorado pelos teólogos e é, entretanto, o cerno de seu papel mediador. Nada que prove mais objetivamente, à luz da história, as relações sobrenaturais de Maria com a Igreja, Corpo místico de Jesús Cristo. Pena é que tão

(17) São Luiz de Montfort, no seu *Tratado da verdadeira devoção*, dá-nos desta palavra a interpretação que ora adotamos.

(18) Pio XII, Encíclica "*Mystici Corporis*", Epílogo.

poucas lembranças a respeito a Tradição nos haja transmitido!

Sto. Tomás de Vilanova, Sto. Ildefonso e outros santos Doutores nos falam que Maria teve a mais ampla influência entre os Apóstolos e os primeiros fiéis, instruindo-os, guiando-os, e alentando-os no amor de Jesús Cristo. (19)

Não é isto nada em comparação com o seu papel invisível de Medianeira e Mãe da Igreja na ordem da graça.

Estabelece-se em razões altamente teológicas o que afirmamos. Relevemos dois traços entre muitos de suas relações sobrenaturais com a Igreja a partir do mistério de Pentecostes.

1. Maria, após a efusão das graças do Espírito Santo, muito mais que antes, é o primeiro e principal membro do Corpo Místico de Cristo.

Pela plenitude de suas graças, pela elevadíssima santidade, que a faz maior que os Apóstolos, assim como pela dignidade de Mãe do Redentor, sem falarmos ainda de seu ofício de Medianeira, a Virgem Maria é na Igreja algo que não cabe em palavras humanas exprimir.

Ela sòzinha personifica por si mesma a Igreja. Tôda a vida exuberante do Espírito Santo, que se vai comunicar aos primeiros batizando, nEla vive e dEla não se separa quando se transmite às almas. Ela é, verdadeiramente, o Coração da Igreja, donde, nestes primeiros tempos, hauriam fôrça e santidade os Apóstolos e primeiros fiéis. A Igreja vive por Ela, vive nEla, personifica-se nEla, como a continuação real de Jesús.

Dir-se-ia quase que não é Ela que vive no seio da Igreja, mas antes a Igreja que vive e se nutre no seio dEla.

(19) Ver a respeito CAJETANUS in III P. Q. 27, a. 5; J. M. De LOMBAERDE — *Pourquoi j'aime Marie*, I. motif, cap. II, § III e TERRIEN — *Op. cit.* L. V, Cap. III.

2. Maria continua pela Igreja visível sua função invisível de Mãe.

É a Igreja que, pelo Espírito Santo e no Espírito Santo, gera e alimenta de novo Cristo, a se prolongar nas almas pela graça. Mas é Maria que o faz, mediante a Igreja e na Igreja..

É a mesma função de gerar e alimentar Jesús Cristo, função de Maria, que se prolonga na Igreja. Cristo é um só: físico e místico, como observa Sto. Agostinho. Cristo Místico é agora gerado graças a Cristo físico que Maria deu ao mundo.

Destarte, a carne de Cristo, que é carne de Maria, se estende místicamente a seus membros, a quem a Igreja vai gerando pelo batismo e nutrindo pela Eucaristia. E não é isto Maria continuando visivelmente a sua invisível função materna?

O que antes o Espírito Santo fizera numa Igreja ainda invisível mas visível e existente em Maria, agora o faz nesta Igreja visível mas invisivelmente continuando o officio de Maria. Profundas e grandiosas relações!

Mais ainda. Podemos dizer que a Igreja, na obra santificadora, desempenha "ação vicária" respectivamente à Virgem Medianeira. Ou, como observa o Padre Terrien, a Igreja está para Maria como a imagem para o exemplar. Maria é que, de fato, realiza a grande obra medianeira em união com o Espírito Santificador. A Igreja não faz senão representar Maria, pois que hauretôda a sua fecundidade do seio de Maria.

Nenhum exagêro neste modo de falar. Lembrem-nos de que a Igreja, enquanto santificadora invisível, é tudo quanto é pela fôrça, pela graça e pelos dons do Espírito Santo. Mas êstes dons, graças e virtudes, segundo a doutrina comum, por decreto divino, dependem da Mediação de Maria.

"O Espírito Santo comunicou a Maria, sua fiel Espôsa, seus dons inefáveis, e a escolheu para dispensa-

dora de tudo o que Elle possui"— diz São Luiz De Montfort. (20)

"Todos os dons, graças e virtude do Espírito Santo é pelas mãos de Maria que são dispensados, a quem Ela quer, quando quer e como quer" — doutrina por sua vez São Bernardo. (21) E êste ensino é comum na Igreja.

A conclusão inelutável é que a mesma Igreja recebe de Maria, é a primeira beneficiada de Maria. E por isto mesmo, na sua obra santificadora, exerce "ação vicária"; tanto com respeito a Cristo Mediador, como com respeito à Virgem Mediaeira. Daí que, em sua plenitude de Mediaeira, Maria é o exemplar de santidade, de que a Igreja é a imagem.

Di-lo o Pe. Terrien: "A bem-aventurada Virgem pode ser considerada como um exemplar de que a Espôsa de Cristo é a mais perfeita imagem. A noção de imagem, em contraste com a de exemplar, encerra essencialmente dupla idéia: idéia de semelhança, idéia de certa dependência quanto à origem. A perfeição divina é o exemplar de tôda perfeição criada, porque tôda perfeição criada reproduz, numa medida mais ou menos grande, as perfeições do Criador, e porque estas são a fonte donde procede aquela. Ora, êstes dois caracteres da imagem se revelam manifestamente nas relações da Igreja com Maria. Que haja aí semelhança, já o temos sobejamente provado. (22) Que haja aí relação de origem, é ainda verdade incontestável; se a Igreja existe, se ela é mãe e virgem, se o Espírito Santo nela habita, para a tornar vivente, fecunda e santa, é que Maria livremente gerou e livremente deu seu Filho para a salvação do mundo; é que, poderosa e misericordiosa distribuidora das graças, Ela faz constantemente

(20) Apud LE SECRET DE MARIE.

(21) Cit. em THESAURUS MARIANUS a P. J. Monget — (1914).

(22) O P. Terrien consagra todo o cap. I do oitavo livro de *La Mère des hommes* ao estudo das semelhanças entre Maria e a Igreja, mostrando que, sob todos os aspectos, Maria supera a Igreja como Virgem e como Mãe.

descer orvalhadas de graça sôbre o sacerdócio e o povo de Cristo." (23)

CONCLUSÃO

Inefáveis relações entre Maria e a Igreja!

Só a história sobrenatural das almas, parcelas vivas da Igreja viva, poderia descortiná-las. Mas a história das almas é invisível... Por isto, observa um mariólogo de nossos dias, "a Sagrada Escritura é muda a respeito de Maria desde a época de Pentecostes... Os últimos anos e a morte de Maria estão amortalhados em noite impenetrável. Por que êste silêncio? É que a cêna de Pentecostes perdura sempre!

"... Maria presidirá sempre à assembléia apostólica, transformada no imenso povo cristão. O Espírito Santo repousa sempre sôbre Ela em sua plenitude, e é d'Ela que Êle parte sempre para descer sôbre cada um de nós e opera nossa santificação.

"Maria permanece na Igreja como centro do fogo divino que abrasa as almas, anima-as, põe-nas em movimento, para o nobre e incessante exercício da vida sobrenatural.

"... Compreende-se, depois disto, que o Evangelho, falando de Maria, se detém no Cenáculo. Ai termina, efetivamente, seu papel evangélico. A partir de então, são as almas de seus protegidos que lhe devem escrever a história através dos séculos, e anunciar a continuação da descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos." (24)

Terminando, não podemos chegar senão à seguinte conclusão: completa-se em Pentecostes o plano divino de enriquecer Maria de todos os dons, para que os distribua às almas.

Maria, "cheia de graça para si" — na expressão clássica de São Bernardo — torna-se, doravante, "com-

(23) Op. et loc. cit.

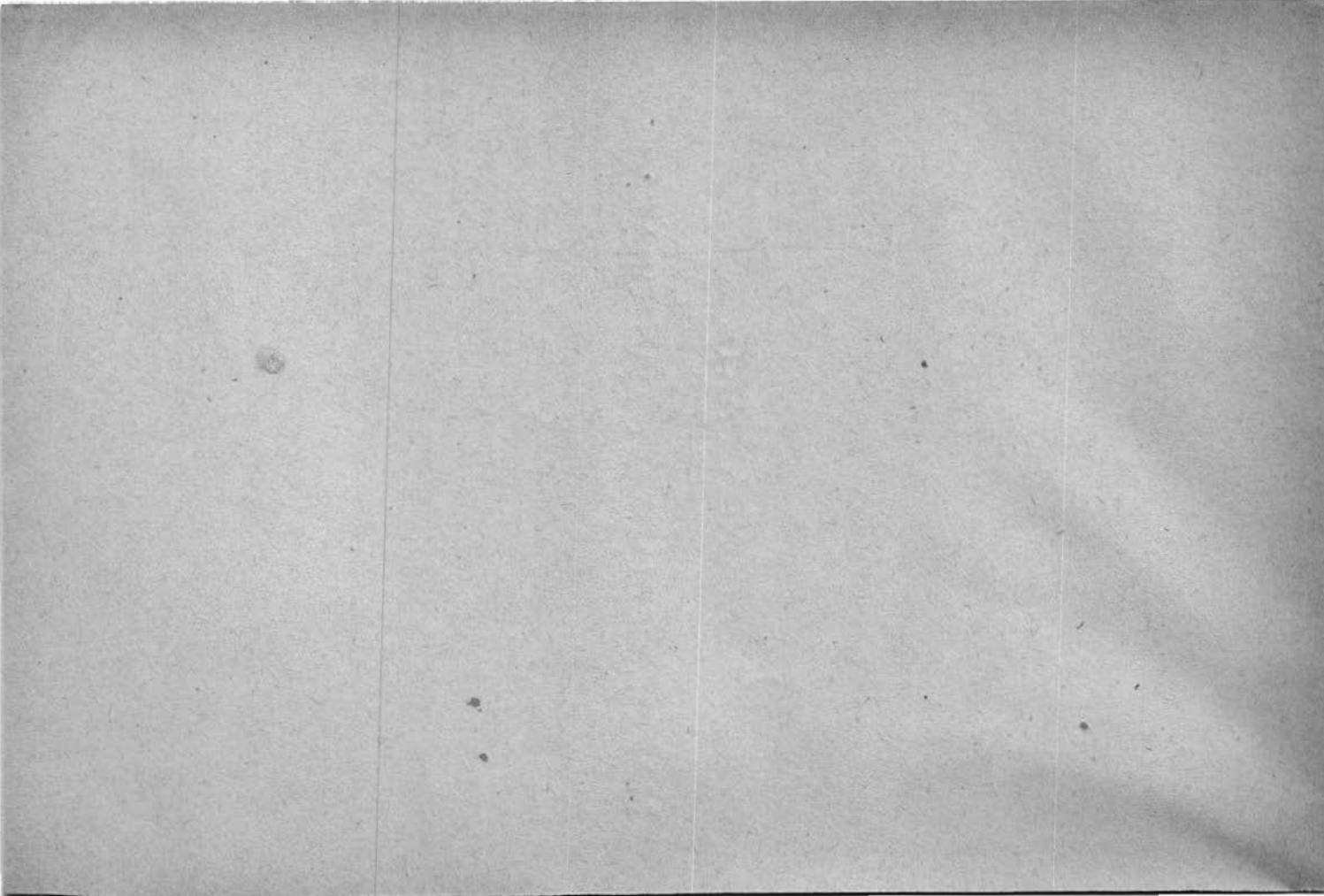
(24) P. J. M. De Lombaerde — POURQUOI J'AIME MARIE, I. P. Cap. I.

pletamente cheia para nós": *plena sibi, superplena nobis.*

Raiou então para a Virgem Santíssima o pleno sol de seu papel mediador.

SEGUNDA PARTE

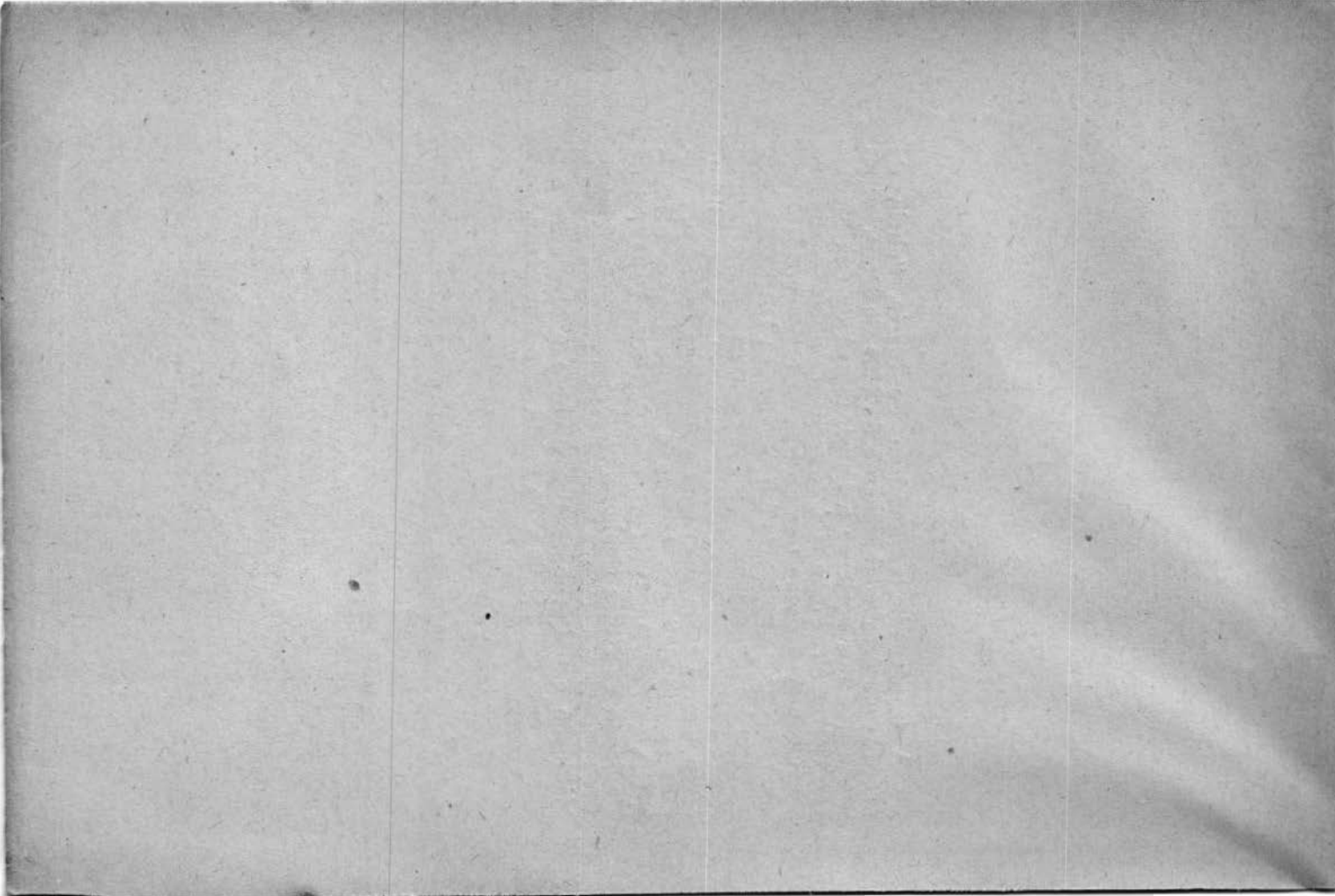
MARIA, MEDIANEIRA DAS GRAÇAS



A transcendente grandeza de Maria, "cheia de graça", não é cabedal somente da Mãe de Deus. É riqueza que nos pertence a todos, mercê de sua Mediação universal. *Plena sibi, superplena nobis* — diz São Bernardo no axioma que se tornou clássico. E é por isto sobretudo que Maria é a SENHORA DAS GRAÇAS.

Ela é a Medianeira de tôdas as graças. Esgotar tôda a profundidade de significado que esta expressão encerra não se faria nem com volumosos tratados. Vamos apenas delinear, mesmo a largos traços, o SENTIDO, os FUNDAMENTOS, o COMO e as PROVAS da Mediação de Nossa Senhora.

Findaremos com algumas considerações sobre a Mediação e o Corpo Místico e sobre a Mediação e o Sacramento central da vida cristã — a Eucaristia.



CAPÍTULO I

SENTIDO DA MEDIAÇÃO DE MARIA

Primeiro que tudo importa discernir em que sentido os teólogos chamam a Ss. Virgem *Medianeira*. Dsgarrar desta vereda fôra arriscar-se a erros doutrinários de funestas consequências. E o primeiro seria ferir a própria mediação de Jesús Cristo, ponto nuclear do Catolicismo.

A idéia geral que formamos de um “mediador”, é a daquele *que está no meio*. É a ligação dos extremos, a conciliação dos opostos. Dizer, pois, que Maria é a Medianeira das graças equivale a afirmar sua posição intermédia de conciliadora, na ordem sobrenatural, entre Deus e os homens. Ora, isto não seria ofuscar a glória de Jesús Cristo, “único Mediador entre Deus e os homens”, no dizer de S. Paulo?

Dai a urgência de distinguir para apreender o verdadeiro sentido. E então ver-se-á que exatamente da “mediação única” de Cristo é que dimana a mediação de Maria.

MEDIAÇÃO ÚNICA COM JESUS CRISTO

A Mediação de Maria não é fato ou ação na ordem sobrenatural que se contraponha à de Jesús Cristo. É um fato e ação formando com a Mediação do Redentor unidade perfeita. É a única e indeclinável Mediação redentora, fora da qual não há salvação. Este o ponto central da doutrina sôbre a Mediação de Maria.

Como assim? É que Jesú s é Mediador enquanto Filho de Maria, enquanto Deus-Homem. Maria é, pois, Medianeira enquanto Mãe de Jesú s, Deus-Homem.

Assim, "Ela não é medianeira essencialmente se não pela Mediação mesma de Cristo, e porque define duma parte esta Mediação. Mãe de Deus — Ela significa que é bem a humanidade dEla tomada que Cristo uniu a Deus." (1)

Efetivamente, é o que doutrina S. Paulo, salientando implicitamente a função mediadora de Maria ao mesmo tempo que define a de Jesú s: "*Unus est mediator Dei et hominum, Homo Christus Jesus*". (2)

Qualquer tradução que se dê a esta sentença lapidar, o acento penetrante ficará sempre no termo HOMO. "O Mediador *único* de Deus e dos homens é Jesú s Cristo HOMEM." Fora da assunção da humanidade do seio de uma mulher, nenhuma mediação possível, segundo os planos eternos, entre Deus e os homens.

E é por isto que o mesmo apóstolo diz noutra parte que, "chegado o tempo, Deus enviou seu Filho, *factum ex muliere — feito de uma mulher*." (3)

Significativo o comentário que faz deste tópic o de São Paulo o Venerável Beda: "Neque audiendi sunt qui legendum putant: natum ex muliere... Sed *factum ex muliere*; quia conceptus est utero virginali, carnem non de nihilo, non aliunde, sed materna traxit ex carne. Alioquin nec vere Filius Hominis diceretur, qui originem non haberet ex homine." (4)

A própria conveniência natural estava a exigir que o Redentor dos homens, o grande conciliador, o Medianeiro único, saísse dentre os homens, fôsse verdadeiro homem, feito de carne e sangue de uma mulher.

Este postulado fundamental da mediação salvífica, expende-o com sua rara penetração o Doutor Angélico: — "No mediador, duas coisas importa consi-

(1) Émile Mersch — LA THÉOLOGIE DU CORPS MYSTIQUE, T. I, p. 214.

(2) I Tim. 2.

(3) Gal. 4, 4.

(4) Lib. IV, cap. 49, in Luc. 11.

derar; primeiro, a função de meio, segundo o ofício de unir. Enquanto meio, importa que êle esteja distante dum e doutro extremo; enquanto exerce união, incumbe ao mediador relacionar um com o outro extremo. Nenhuma destas duas cousas pode convir a Cristo enquanto Deus, mas sômente enquanto homem. Pois, enquanto Deus, não difere do Pai e do Espírito Santo na natureza e poder de dominio; nem tão pouco o Pai e o Espírito Santo têm algo que não seja do Filho, de modo que Êle possa transmitir como doutros a outros o que é do Pai e do Espírito Santo. Estas funções convêm-lhe enquanto homem, porque, enquanto homem está distante de Deus pela natureza e distante dos homens pela dignidade de sua graça e de sua glória. Ainda enquanto homem, compete-lhe unir os homens a Deus, dando aos homens preceitos e dons, e satisfazendo e interpelando pelos homens diante de Deus. E por isto *mui verdadeiramente chama-se Êle Mediador enquanto homem.*" (5)

* * *

Impossível, numa visão lógica dêste fato da mediação verdadeiramente humana de Jesús Cristo, não ver Maria Ss. como Medianeira secundária, intimamente unida ao Mediador único. A própria mediação de Cristo, sob êste aspecto, pende da função materna de Maria.

E assim, Ela se torna, verdadeiramente, Medianeira. Mãe de Deus, Ela dá aos homens o que é do extremo da Divindade — o Verbo; e dá a êste extremo da Divindade o sêr da Humanidade; e por Ela e nEla, unem-se, numa só pessoa, êstes dois extremos: Deus e o Homem.

Tem-se dito muitas vêzes que a Mediação de Nossa Senhora é infinitamente inferior à Mediação de Cristo. Não há negá-lo do ponto de vista do mérito e da intercessão. Cristo é Deus; Maria, simples criatura. Releva, porém, lembrar que o "sêr" da Mediação de Cristo, isto é, o unirem-se nÊle os dois extremos, Deus e o Homem, não se fêz, na economia atual, querida

(5) *Summa Theologica*, IIIa. P. Q. 26, art. 2.

pela Providência, sem Maria. E neste sentido a Mediação de Maria identifica-se quase com a Mediação de Cristo.

A inferioridade da Mediação de Nossa Senhora não faz com que ela seja menos intrínseca e menos real.

“Ela não é um Mediador que Cristo interpusesse entre si e os homens para guardar distância; ao contrário, Ela é o meio que Êle tomou para que não houvesse distância e para que a raça humana, n’Ele, toque a Deus diretamente.” (6)

Aí está todo o sentido da Mediação de Maria. O seu fundamento reside na Incarnação, mistério fundamental do Cristianismo.

Pode-se dizer que tudo em Cristo está em ser o Mediador. É como o essencial da sua missão. Dizer Mediador é definir Cristo. Da mesma forma, o essencial para a Ss. Virgem, está em dar a Cristo a possibilidade humana, que é o que lhe faltava, de se tornar Mediador, e, por isto, em ser, Ela também, Medianeira com Cristo e inseparável d’Ele.

MEDIAÇÃO ONTOLÓGICA E OPERANTE

O sentido da Mediação de Maria não se estreita nos limites da geração do Verbo Humanado, como pode parecer das precedentes noções. Isto seria somente uma influência *mediata e remota* de Nossa Senhora sobre a dispensação da graça. Porque Mãe do Autor da graça, causa *mediata e lingüqua* da graça. Não é esta a doutrina completa e exata sobre a Mediação, ainda que só isto seja sumamente glorioso para Nossa Senhora.

Exatamente porque o essencial da Mediação de Maria está na Mediação de Cristo, ela reveste-se dos caracteres desta Mediação.

E em Cristo há dupla Mediação, observa o Padre Terrien, “da qual uma é o fundamento e raiz da outra. Há a mediação *ontológica*, referente ao sêr mesmo do

(6) É. Mersch — op. cit. T. I, p. 214.

Mediador e que tem seu ponto de partida na Incarnação do Verbo, onde “Aquele que era na forma de Deus... se aniquilou a si mesmo até tomar a forma de escravo” (Ef. II, 6-7) e nos mostrou em sua pessoa o homem e Deus — um Deus-Homem. Era verdadeiramente um intermediário entre os dois extremos que são o Criador e a criatura, a natureza humana e a Divindade... Mas, para que a união fôsse perfeita, era mister outra mediação que dimanava da primeira para a coroar, completando-a: é a mediação que chamarei provisoriamente mediação *moral* (7), à mingua de termo expressivo do meu pensamento. Ela se cumpre durante tôda a vida do Salvador, tem o ponto culminante no Calvário, e prossegue através do espaço e do tempo, nas múltiplas aplicações das satisfações e méritos infinitos de que a Paixão do Salvador é a inesgotável fonte.” (8)

* * *

Da Mediação de Nossa Senhora se há-de afirmar o mesmo. Maria tem u'a mediação *ontológica*, ou na ordem do sêr, e outra na ordem do operar, ou mediação *moral e operante*.

A primeira é o fato irrevogável de sua Maternidade divina, que importa na união dos dois extremos — Deus e o Homem — na única pessoa do Mediador universal que Ela gerou.

Como a mediação ontológica de Cristo, a mediação ontológica de Maria tem seu ponto de partida na Incarnação, mas aí não finda, assim como aí não finda a mediação de Cristo. Por isto que é eterna a união do Verbo à natureza humana — *quod semel assump-*

(7) Noutra parte êste ilustre autor acha o termo conveniente quando distingue em Cristo: mediação *quanto ao sêr*, e mediação *quanto ao operar* (Cf. Obra cit., vol. III, p. 537). É esta última designação — mediação *quanto ao operar*, ou mediação *operante*, a que usaremos sempre no contexto de nosso estudo.

(8) Terrien, op. cit. vol. III, L. VII, cap. II

sit, nunquam dimisit — eterno se torna o ser da mediação de Cristo e de Maria.

A segunda é a coroação e consequência da primeira. Ela se processa em tôda a vida da Ss. Virgem, exerce-se em colaboração com Cristo no Calvário, e projeta-se através dos séculos pela aplicação dos méritos e satisfações do mistério redentor.

É a consequência da mediação ontológica. Pelo fato de tornar-se Mãe do Mediador universal e princípio de sua universal Mediação, Maria adquire um como direito natural a ser unida às demais ações salvíficas de Cristo, ou seja, a participar de sua mediação *operante*, consequência de sua mediação ontológica.

É preciso observar que a obra de Jesús é unidade perfeita — diz Bainvel. “Com nossos hábitos de análise, tão úteis aliás e às vêzes necessários, somos levados a olhar como cousas distintas a Incarnação, os diferentes mistérios de Jesús, a Redenção, as graças que nos previnem e nos santificam, e enfim a salvação. E, com efeito, estas cousas são distintas, se não olharmos senão a sua execução e causas segundas. Mas no plano divino elas não são senão partes de um só todo, que é a obra redentora.

“Sabido que Maria teve parte ao lado de Jesús na *obra redentora*, por isto mesmo se vê que Ela tem parte em nossa santificação e salvação e portanto ainda em tôdas as graças que nos são dadas em vista do Redentor; tudo isto é a *obra redentora*.” (9)

Nossa Senhora deve ter, pois, inseparável de sua mediação ontológica, u'a mediação operante, que se prende a tôda a obra redentora, noutras palavras a tôda a mediação operante de Cristo.

Ora, até onde se estende a mediação operante de Jesús Cristo?

Esta mediação radica-se na sua mediação ontológica, no fato de ser o Filho de Maria, Cristo Deus-

(9) J. M. Bainvel — MARIE, MÈRE DE GRÂCE (ed. Re-taux, 1903), p. 16

Homem; esta mediação tem, portanto, a duração e extensão de Cristo mesmo. E “Cristo é de hoje, de ontem e para todos os séculos” — diz o Apóstolo. Sua mediação é, pois, eterna. “Cristo é a Cabeça da Igreja” — *Ipsa est Caput corporis Ecclesiae*. (10) Sua mediação é, pois, universal. Assim, a sua mediação remonta à predestinação anterior ao tempo, é o *mysterium absconditum a saeculis* (11), e prolonga-se na glória, onde Cristo “sempre vive *ad intepellandum pro nobis*”. (12)

A mediação de Maria, una com a de Jesús, tem certamente os mesmos caracteres de universalidade e eternidade. Antecede ao tempo por uma predestinação inseparável de Cristo, e, graças à glorificação de Maria pela Assunção, prolonga-se na glória, ao lado da de Cristo, por uma intercessão constante. (13) Primeiro membro do Corpo Místico de Cristo, *collum Ecclesiae*, como a denominam os Santos Padres, sua mediação operante é universal como a própria sociedade universal das almas.

Tal o vasto e profundo sentido da Mediação de Maria sob seus aspectos ontológico e operante.

MEDIAÇÃO PESSOAL E FÍSICA

Proseguindo a pesquisar o sentido da Mediação de Maria, averiguaremos que ela não é somente *moral e mediata*. É uma mediação *peçoal e física*.

Ninguém, a nosso ver, que o tenha exposto com mais precisão do que Mersch. Vamos respigar-lhe ainda alguns tópicos.

“Esta mediação, na Ss. Virgem, que é uma pessoa,

(10) Col. 1, 18.

(11) Col. 1,26.

(12) Hebr. 7, 25.

(13) Sob este ponto de vista, a Assunção, há pouco definida dogma de fé, torna-se o mais belo e glorioso prelúdio da definição do dogma da Mediação universal. Da porfundeza de nossa humildade elevamos ao Soberano Pontífice a mais fervente súplica de que não tarde a colocar na frente da Imaculada mais este diadema luminoso que de fato e direito lhe pertence.

exerce-se da maneira que convém a uma pessoa: por atos pessoais, preces, intercessões.” (14)

“*Operari sequitur esse.* Suscitada para ser um elo, para dar a última perfeição ao elo entre Deus e os homens, Ela operará fazendo ligação. Sua função, sua inclinação natural, seu gesto espontâneo na ordem da graça, será de unir, de interceder, de pedir, de obter: *illico nobis et ultro advocata quidem proesto est semper.* (Enc. *Magna Dei Mater*, de Leão XIII)”

Este é sobretudo o caracter da mediação atual de Maria entre os esplendores da glória. Comprazem-se os santos em salientá-lo com as mais ardentes palavras. Que se leiam as homílias de um São Bernardo, os discursos de um São Germano, as “Glórias de Maria” de um Sto. Afonso, etc., e palpar-se-á nos acentos de prece destes apaixonados da Virgem o aspecto real, pessoal, da Mediação atual da Mãe de Deus. (15)

Entretanto, sua Mediação não é pessoal somente agora, do ponto de vista de sua poderosa intercessão no céu. Foi também pessoal nos mistérios de Jesus, particularmente por sua cooperação ao mistério da nossa Redenção. “É, com efeito, privilégio que lhe é singularmente próprio — diz o Pe. Terrien — o ter cooperado à Redenção do mundo, dando o Redentor à terra, nutrindo-o para o sacrificio, oferecendo, juntamente com Ele, a Vítima de salvação, formada de suas virginais entranhas.” (16)

Tudo isso era a sua mediação *operante e pessoal*.

* * *

Exatamente porque *pessoal*, a Mediação de Maria é também *física*. Do ponto de vista da sua cooperação ao sacrificio do Calvário, não pode padecer dúvida. Mas deve-se dizer o mesmo da sua Mediação operante atual? Não se reduz esta, em última análise, a uma influência

(14) É. Mersch — op. cit. p. 215.

(15) Pode-se ver belas citações no livrinho “A Mediação Universal de Maria”, do Pe. Bover SJ (Ed. Pôrto — 1930) e na obra do Pe. Terrien, L. VII.

(16) Terrien, op. cit. L. VII, vol. III.

moral, longínqua, sôbre a santificação das almas, porque Ela é Mãe de Jesús? Não. "Por isto que Elle é seu Filho fisicamente, e não só moralmente, sua mediação não é só moral, mas física, ontológica, mediação de graça e de mérito, não só mediação de prece e de intercessão" — diz o Pe. Mersch.

Reduzir a Mediação de Maria a uma influência remota e moral fôra negar todo o sentido em que os Padres e teólogos a interpretam. Embora nem sempre elles usem palavras tão explícitas como o autor supra, seu pensamento não deixa margens a discussões. A Mediação de Maria é para elles uma realidade, querida por Deus, e fundamentada na graça e méritos da Mãe de Deus. Quando intercede, Ela é uma "onipotência suplicante" — *omnipotentia supplex*. E esta sua onipotência real no pedir é fisicamente intrínseca ao seu mérito e à sua graça, unidos ao mérito e graça infinita de Cristo.

Dai o dizerem os teólogos que, embora Maria não produza a graça de si mesma, fisicamente, contudo o dom da graça que Ela outorga às almas é fisicamente seu, pertence-lhe, orna-lhe a alma. (17) Por isto dizem outros Padres que Ela é chamada "cheia de graça" no sentido de que tôdas as graças ornar sua alma antes de ornar nossas almas e dEla é que se difundem sobrenaturalmente em nós.

Os santos chegam quase a materializar a graça, no esforço de mostrarem a mediação física de Maria. Eis alguns textos no original latino, que perderiam seu rigôr se traduzidos.

SÃO BERNARDO: *Plenitudo gratiae fuit in Christo sicut in capite influente, in Maria vero, sicut in collo transfundente.*

(17) "Maria é a dispensadora de tôdas as graças divinas. É Ela quem tudo distribui. Ora, não se pode distribuir sem primeiro possuir. Logo, "é dEla" esta graça ou vida divina. Não é, sem dúvida, uma porção de sua substância, mas é verdadeiramente uma cousa que lhe pertence". — Pe. Júlio Maria, SDN — SEGRÊDO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO, p. 43 (Ed. O Lutador).

Redempturus humanum genus, pretium universum contulit in Mariam... totius boni plenitudinem posuit in Maria.

SÃO BERNARDINO: *Virgine a capite Christi vitales gratiae in ejus corpus mysticum transfunduntur a tempore quo Virgo Mater concepit.*

RUPERTO ABADE: *Quidquid gratiarum, quidquid virtutum, quidquid operationum coelestium mundus accepit, EMISSIONES TUAE sunt, Ó Maria!*

SANTO AGOSTINHO: *IN te, Virgo gloriosa, et per te, et de te, quidquid boni recipimus et recepturi sumus, per te vere recipere cognoscimus.*

SANTO TOMÁS: *Plena fuit gratia, non tantum in se, sed etiam quantum ad refundendum in omnes homines.*

Mais expressivo que todos, aquele que poderíamos chamar Doutor da Mediação Universal, *São Luiz De Montfort*. Eis alguns entre muitos de seus pensamentos: "Deus Pai fez uma acumulação de tôdas as águas que denominou mar; fez também uma acumulação de tôdas as graças que denominou Maria... Deus Filho comunicou à sua Mãe tudo o que Ele adquiriu pela sua vida, seus méritos infinitos e suas admiráveis virtudes. Ele a fez tesoureira de tudo o que o Padre Eterno lhe dera por herança. É por Ela que aplica seus méritos aos membros, que comunica suas virtudes e distribui suas graças. É o seu canal misterioso, seu aqueduto, por onde Ele faz passar, doce e abundantemente, suas misericórdias. Deus Espírito Santo comunicou a Maria, sua Espôsa fiel, os seus dons inefáveis e a escolheu como distribuidora de tudo o que possui."

No seu livro "Segredo de Maria", Montfort é ainda muito mais expressivo. Eis um tópico palpitante, que demonstra a sua crença na Mediação real e física de Maria: "Quem quer ser membro de Jesús Cristo, deve

ser formado em Maria, pela graça de Cristo que nEla está em plenitude para ser comunicada aos membros do Salvador.”

* * *

É verdade, trata-se de imagens. Está longe do pensamento dos santos materializar a graça. Mas estas imagens tão frequentes e expressivas assoalham a convicção de que a Mediação de Maria se exerce por atos reais, físicos, e não só por influência moral. É uma mediação física e pessoal na mais estrita accepção da palavra.

“Êstes modos de dizer dos Santos Padres — acentua o mariólogo Roschini — ainda que se tomem metafóricamente, parece, não têm plena e completa significação a não ser pela teoria da *causalidade instrumental física*. A particula *per* (“per manus Mariæ”) de si designa antes causalidade física que moral.

“Igualmente, assim como a causalidade de *Cabeça* e da *fonte* (Cristo) é *física*, também a causalidade do *pescoço* (que une os membros à Cabeça) e do *canal* (que une os recipientes à fonte) deve ser física.” (18)

Nosso pensamento é, pois, que a Mediação de Maria não se acanha simplesmente entre os limites da mediação moral. É de uma causalidade pessoal física na ordem sobrenatural.

Não nos assiste autoridade para discutir a momentosa questão da *causalidade física*. Nem interessaria o debate aos que de certo nos lêem. Limitamo-nos, assim, em alinhar conceitos de respeitáveis talentos, para defesa duma doutrina que se nos afigura sumamente honrosa à Mãe de Deus. *De Maria, nunquam satis.* (19)

(18) MARIOLOGIA, T. II, p. 416.

(19) Este ponto de vista — da *causalidade instrumental* da Mediação de Maria — é lldimamente tomista. Fundamentam-no seus defensores na IIIa. P., Q. 48, art. 6 e na Q. 62, art. 5 da SUMMA THEOLOGICA. Leia-se a-propósito: Garigou-Lagrange — LA SYNTHÈSE THOMISTE, Vème partie, ch. VI, art. IV.

COMPLEMENTO DA MEDIAÇÃO DE JESUS

Enfim, a Mediação de Maria é o complemento significativo, quase diríamos necessário, da Mediação operante, pessoal e física de Jesús Cristo.

“Ela não faz mais que exprimir e atuar um elemento da Mediação de Cristo: o elemento pelo qual esta Mediação é total adaptação aos homens, total doação, total acessibilidade; numa palavra, ela é exclusivamente uma Mediação de Mãe de Deus, isto é, uma Mediação do Homem-Deus enquanto, tendo u’a Mãe, é plenamente Homem.”

“Assim, não há absolutamente senão um Mediador e êle não deve ser completado por nenhum outro. Mas um elemento de sua totalidade é feito por sua Mãe... A Mediação de Jesús é perfeita do lado humano por isto que é marial.” (20)

Considerada sob êste prisma, a Mediação de Nossa Senhora avulta ante nosso coração com as proporções que tem diante de Deus. Não é expoliação dos direitos de Cristo, mas seu complemento encantador. É a nova Eva ao lado do novo Adão, segundo a imagem predileta dos Santos Padres. (21)

Esta doutrina está perfeitamente contida na crença universal dos fiéis e dos teólogos. Aqueles quando a invocam, e êstes quando a cognominam “universal Medianeira”, não o fazem senão enquanto entendem ser a

(20) É. Mersch, op. cit., p. 215.

(21) Eva contraria Evae: Eva enim fecit filios suos inimicos Dei; Maria nos placavit Deo. Illa mater cunctorum viventium, spiritualis interfectrix; haec cunctorum mater, spiritualis vivificatrix. Illa maledicta... a Deo; Haec benedicta in Matris utero. — S. Antoninus — in sum. parte, a t. 51 c. 13.

Sicut Eva inoboediens facta est, et sibi et universo generi humano causa facta est mortis: sic et Maria habens praedestinatam virum, tamen oboediens, et sibi et universo generi humano causa facta est salutis. Sto. Irineu — Advers. hoereses, III, cap. 33.

Sobre as relações entre Maria e Eva à luz da doutrina de S. Paulo, veja-se: TEOLOGIA DE SAN PABLO, de José Bover, SJ, Partes I e II.

Mãe inseparável do Filho, e sua valia, o natural e indispensável complemento do poder de Cristo.

Não seria desairoso pensar que a unidade harmoniosa do mistério de Deus foi rompida após a Incarnação, e Maria, então Medianeira somente "ministerialiter et dispositive" da Incarnação do Verbo, deixou, no céu, de cooperar na grande obra salvadora? Porventura não assumiu o Verbo a nossa natureza para se lhe tornar conforme em tudo o que nela existe de mais elevado, digno e atraente? E que há de mais digno nesta mísera natureza do que os liames sagrados de amor que prendem a mãe ao filho?

Eis por que Maria, na voz unânime dos corações, é a eterna Medianeira, física e pessoal, unida a Jesús Cristo.

CONCLUSÃO

Resumindo, podemos dizer que todo o sentido da Mediação de Maria se prende à sua Maternidade divina. Este privilégio fundamental da sua grandeza redundante na sua Mediação, da mesma forma que a Incarnação do Verbo importa na Mediação de Cristo.

Daí dupla mediação, uma na ordem do *sêr*, outra na ordem do *operar*. A primeira afirmada positivamente pelo Evangelho: *Maria... de qua natus est Jesus...* (22); a segunda, crida universalmente e afirmada na voz unânime da Igreja, e deduzível pela lógica mais formal: *operari sequitur esse*.

Como caracteres desta Mediação, que lhe ampliam e esclarecem o verdadeiro sentido, o ser ela *pessoal e física*.

O que há, porém, de mais acariciante ao coração do pecador, é que esta Mediação é o complemento *maternal* da Mediação de Jesús.

A conclusão desta doutrina é que nenhuma graça, nenhum favor em ordem à salvação, é concedido às almas, que não proceda de Maria, por isto mesmo que procede de Cristo, Mediador único. E não só moralmente, mas em virtude duma intercessão pessoal, física,

(22) Mat. 1, 16.

mediação operante, que é a sequência natural de sua mediação ontológica.

É, pois, exatamente, a Mediação universal de Cristo que alicerça a Mediação universal de Maria. Deus uniu-os tão intimamente no tempo, que não os devia separar na eternidade.

Os protestantes arrancam a Maria uma corôa que lhe cabe por justiça, quando lhe negam a universal Mediação das graças, sob pretêxo de que "só existe um Mediador entre Deus e os homens". E são ilógicos. Pois não lêem o texto todo, que diz: "*único Mediador entre Deus e os homens — Jesús Cristo Homem*". E isto quer dizer: há um só Mediador, que é Jesús Cristo, *enquanto filho de Maria*, porque somente enquanto filho de Maria é que Ele é Homem. A sanha protestante de negar e destruir o que a Igreja ensina de Evangelho na mão só procede do ódio que lhes é incutido pelo demônio. Eles são a "posteridade da serpente", "a armar ciladas contra o calcanhar da Mulher". (23)

À luz dêste estudo, porém, fica bem patente que a Igreja não está contra São Paulo, como dizem os pseudo-crentes. Estes, sim, é que estão contra o grande Apóstolo, que advoga a única Mediação de Jesús Cristo **HOMEM**, unindo, portanto, numa só Mediação, Jesús e Maria.

Neste sentido, e unicamente nele, defende a doutrina católica a Mediação universal de Nossa Senhora nos seguintes termos precisos da teologia:

"Maria tem sua parte na obra da nossa Redenção e de nossa salvação, parte secundária e tôda subordinada à de Jesús, mas não menos extensa nem menos universal. Tanto assim que de Maria se pode dizer que não há salvação, nem santificação, nem graça alguma concedida aos homens, em que Ela não haja intervindo, e não continui a intervir ao lado de Jesús. Este o sentido e o valor de seus titulos de Medianeira e de Mãe." (24)

(23) Gen. 3, 15.

(24) *Bainvel*, op. cit., p. 16.

CAPÍTULO II

OS FUNDAMENTOS DA MEDIAÇÃO DE MARIA

O sentido exato e teológico da Mediação de Maria, estudado no capítulo precedente, é que esta Mediação é "una" com a de Jesús. Não se pode ultrapassar esta linha de limitação teológica, nem dela retroceder. Ai está a glória de Maria, Mãe de Deus. Fugir a êste postulado inconcusso é negar tôda a economia atual salvadora do homem.

Baseados neste principio, podemos deduzir os fundamentos, ou as razões teológicas da Mediação. Será um novô descortinar para a compreensão do papel mediador de Nossa Senhora.

E, assim, enunciando numa só fórmula os "fundamentos" da Mediação marial, cumpre dizer que ela deflui da *união* inseparável entre Jesús e Maria.

Eternamente, Deus os quis para sempre unidos, Mãe e Filho, na unidade da *missão* e da *obra* do Verbo Incarnado.

No tempo, foram, por isto, unidos em todos os mistérios.

No céu, para aplicação das graças de santificação, continuam inseparáveis na interessão por nós e na influência universal sôbre as almas.

Logo, tudo o que se afirma da Mediação de Jesús Cristo, deve-se afirmar, secundariamente, da Mediação de Maria. Os fundamentos da ação mediadora do Ver-

bo Incarnado são também os fundamentos da ação mediadora de Maria. Há uma só mediação, como diz São Paulo. Mas esta mediação se realiza por duas ações distintas, embora inseparáveis: a de Jesús e a de Maria. E porque ambas constituem unidade perfeita e nascem de uma só vontade eterna, (1) têm as mesma razões teológicas.

Ora, por que razões dizemos ser Jesús Cristo Mediador universal entre Deus e as almas?

Dizêmo-lo por causa da ação universal e absoluta que Êle exerce sobre a nossa salvação e santificação. N'Ele, enquanto Mediador universal, devemos considerar: 1 — a causa *operante* e *meritória* de nossa salvação; 2 — a causa *satisfatória* de nossa Redenção; 3 — o poder infinito de *intercessão* por nós no céu; 4 — enfim, uma *influência* sobrenatural sobre as almas, Cabeça que Êle é do Corpo Místico.

Nestas quatro causalidades estão as razões da Mediação de Cristo.

Nelas estão também as razões da Mediação de Maria.

Os teólogos nos ensinam que “Maria é sempre causa secundária onde Jesús é causa principal” e que “Ela é por graça tudo o que Jesús é por natureza.”

É o que vamos estudar neste capítulo, relativamente à tríplice causalidade *operante*, *meritória* e *satisfatória*, as quais constituem os fundamentos da Mediação. Deixaremos para o capítulo seguinte a *intercessão* e *influência sobrenatural*, causalidades que se referem não aos “fundamentos” mas ao “como” da Mediação atual.

Noutras palavras, este capítulo versará a Mediação de Maria outrora no tempo, e o seguinte versará a sua Mediação atual na eternidade.

(1) Veja-se o Cap. I desta obra, onde falamos da Predes-tinação eterna de Jesús e Maria no mesmo decreto.

MARIA, CAUSA OPERANTE E MERITÓRIA DE
NOSSA SALVAÇÃO

Pode-se dizer que Maria é causa *operante* e *meritória* de nossa salvação, isto é, que Ela a *operou* e *mereceu* de algum modo?

Pode-se e deve-se. Não, sem dúvida, no mesmo sentido em que se diz de Cristo, embora a Mediação de Nossa Senhora seja “una” com a de seu divino Filho. A Mediação é “una”, mas as ações que a executam são, em Maria, de valor finito e subordinadas às ações de Jesus Cristo. Por isto dizem os teólogos que Maria é causa secundária onde Cristo é causa primária.

Para comprovar que Maria foi causa operante secundária de nossa salvação, basta salientar a sua função, inseparável da de Jesus, na economia redentora. Os Stos. Padres, parece, não se cansam de frisá-la. Ela é a nova Eva, ao lado do novo Adão, para reparar a ordem da graça que o pecado derrocara.

Esta imagem, quase com as mesmas palavras, é evocada a cada passo por Sto. Efrém, Sto. Irineu, S. João Damasceno, S. Bernardo e muitos outros. (2)

Sto. Efrém, por exemplo, escreve: “Eva contraiu o pecado. A Maria foi reservado pagar a dívida de sua mãe e rasgar o quirógrafo de condenação que ameaçava tôdas as gerações.” (3)

Sto. Irineu assim se exprime: “O gênero humano, sujeito à morte por uma virgem, Eva, foi salvo por outra virgem, Maria.” (4)

São João Damasceno: “Eva tornou-se culpada de prevaricação, e por ela entrou a morte no mundo. Maria, dando o seu consentimento (à Incarnação) e sujeitando-se à vontade de Deus, enganou a serpente enganadora.” (5)

(2) Veja-se; Bover — A Mediação universal de Maria, p. 40-45.

(3) Ephrem — Lamy — 3, 980.

(4) Irineu: M. G. — 7, 1117.

(5) Damasc. M. G. — 96, 671.

As afirmações ousadas dos Santos têm seu fundamento na mais sã teologia, que se apoia por sua vez na Sagrada Escritura.

Esta, efetivamente, nos apresenta Maria cooperando conjuntamente com Jesús Cristo na obra reparadora do gênero humano. A Mediação de Maria é um fato teológico ao lado da Mediação de Jesús.

Qual o ponto central da obra redentora, ou mediadora, de Cristo? É a Redenção pelo sacrifício do Calvário. E este não se tornou possível senão pela Incarnação. Noutras palavras, é a Mediação *ontológica* de Cristo, cuja principio é a Incarnação, que torna possível a sua Mediação *operante*, cuja realização central é o sacrifício do Calvário; e por isto S. Paulo, após dizer que "um é o Mediador entre Deus e os homens, Jesús Cristo Homem", acrescenta: "que se deu a si mesmo em redenção por todos." (6)

Os dois fatos culminantes da obra salvadora são, portanto, a Incarnação e o sacrifício do Calvário. Este como termo supremo, aquela como início irrevogável. Tôda a missão do augusto Mediador está entre estes dois extremos. Sem Incarnação não é possível Redenção. A Redenção é o coroamento necessário da Incarnação na economia reparadora do gênero humano. São a *causa* e o *efeito*, o *meio* e a *finalidade*. Correlativos e inseparáveis, fazendo uma só *unidade*.

E num e noutro destes dois mistérios, está Maria, a Mãe de Jesús. É impossível separá-la do Redentor sem arrasar a grandiosa obra de Cristo. Mais fácil é separar a luz do sol, que separar Maria de Jesús, diríamos com a expressão enérgica de S. Luiz de Montfort.

Como entender a Incarnação sem Maria? É um fato evangélico, e portanto teológico, que Cristo se fez homem em Maria, e de Maria e por Maria. Conseqüentemente, que o sacrifício redentor, cuja possibilidade procede da Incarnação, é devido secundariamente a Maria.

(6) I Tim. 2, 5 e 6. Em interpretação dêste texto: *Summa Theol.* IIIa. P. Q. XXVI, a. 1.

“Tôda a obra redentora está suspensa ao *fiat* de Maria — observa Bainvel. E disto a Virgem tem plena consciência. Ela sabe o que Deus lhe propõe, Ela consente ao que Deus lhe pede, sem restrição nem condição: seu *fiat* responde à amplitude das proposições divinas, estende-se a tôda a obra redentora. A história sobrenatural do mundo fixou-se aí como em seu centro. O *fiat* da Incarnação, pronunciado na luz divina pela Virgem tôda investida de luz, engloba, pela união da vontade de Maria com a vontade de Deus, algo da imensidade do plano divino, abraçando na sua magnífica unidade tôda a obra de reparação e salvação.” (7)

Portanto, pelo seu consentimento à Incarnação, Maria tornou-se causa de nossa Redenção. Ao mesmo tempo que a Incarnação a une com Cristo na Mediação *ontológica*, inaugura-lhe ampla colaboração na Mediação *operante*. É a realização do axioma filosófico: *Causa causae est causa causati*.

A função de Maria, porém, não se extingue com a Incarnação, como se a sua *causalidade operante* fôra tão só remota. Deus quis que, no ponto culminante da obra redentora, estivesse também Maria. Poucos têm apreciado em seu justo valor teológico a palavra do Evangelho: *Juxta crucem Jesu... Mater ejus*. Ela não é mera evocação sentimental, mas o histórico da função mediadora de Maria. É a sua *causalidade secundária* em nossa salvação, querida por Deus, principiada na Incarnação e completando-se no mistério redentor.

Eis por que, ilustrando o pensamento unânime dos Padres, S.S. Bento XV escreveu: “De tal modo Maria padeceu e quase morreu com seu Filho paciente e moribundo; de tal modo renunciou aos seus direitos maternos; e, para aplacar a justiça divina, concorreu quanto era de sua parte para a imolação de seu Filho, que, com justeza, se pode dizer que, em companhia de Jesús Cristo, Ela resgatou o gênero humano.” (8)

(7) J. V. Bainvel — Marie, Mère grâce, p. 18.

(8) Inter sodalicia de 22 de março de 1918.

Não há negá-lo; traduzido noutras palavras, o pensamento do Pontífice é este: Maria, em união com Jesús Cristo, foi *causa operante* de nossa salvação, pois que "Ela resgatou o gênero humano".

* * *

Outro tanto se deverá dizer de sua causalidade *meritória*.

Se Deus associou Maria, desde a Incarnação e pela Incarnação, a tóda a obra de Cristo, equivale isto a constituir-lhe um como direito de *mérito universal* em união com Jesús Cristo.

Não se trata, já se vê, de um mérito de *estrita justiça*, ou mérito "de condigno", como o chamam os teólogos. Só Cristo, porque Cabeça universal dos fiéis, e porque pessoa divina, podia merecer *condignamente*, com estrita justiça, para si e para todos nós.

Incorporados a Ele e justificados por sua graça, podem os justos merecer *de congruo*, ou *de conveniência* a salvação de outros seus irmãos. Ora, a Ss. Virgem, primeira alma justa, e elevada à excelsa dignidade de Mãe de Deus, mais que qualquer outra possui conveniências de méritos. Dir-se-ia mesmo, admitindo o seu título de Corredentora e Mediadora, que seu mérito não se estreita aos limites de conveniência do mérito dos demais membros do Corpo Místico. Quanto a sua função excede à de todos os santos, tanto as razões de Ela merecer são mais elevadas e eficazes diante de Deus.

A fonte desta altíssima conveniência de merecer de modo especial a nossa salvação é para Maria o seu consentimento à Incarnação com as suas consequências. Maria, perante o Arcanjo, representa a Humanidade e Deus pede seu consentimento em nome do gênero humano — ensina Sto. Tomás. (9) Assim, é por Maria e em Maria que a Humanidade merece de algum modo a sua própria salvação.

Mas sobretudo este consentimento de Maria em

(9) Et ideo per Annuntiationem expectabatur consensus Virginis loco totius humanae naturae — IIIa. P. Q. XXX, a. 1.

nome da Humanidade tem um aspecto pessoal significativo respectivamente ao mérito: deu a Cristo a capacidade de merecer, incarnando-se ãle em seu seio. Dantes, o Verbo não possuía esta capacidade.

E Maria, com lho facultar por sua função materna adquire um como direito de *merecer por conveniência* em tudo o que Cristo vier a *merecer por justiça*.

Daí, o princípio comumente admitido em teologia: “Maria mereceu por conveniência o que Cristo mereceu por justiça” — *Maria de congruo meruit quod Christus de condigno*. (10)

Acresce, além disso, que Ela esteve de fato ao lado de Cristo na ação meritória por excelência, que é o sacrifício redentor. E aí, como veremos depois, “a uma com Cristo, ofereceu com ãle um só holocausto... e, com Cristo, obteve comum efeito na salvação do mundo”, no dizer Arnolde de Chartres. (11)

Pode-se, pois, e deve-se dizer, teologicamente, que Maria Ss. é *causa secundária operante e meritória de nossa salvação*.

Fundamento incontestável de seu título de Mediadora de tôdas as graças.

CAUSA SATISFATÓRIA DE NOSSA SALVAÇÃO

O ápice da ação mediadora de Cristo é o seu sacrificio. Para o sacrificio se orienta tôda a vida do Verbo Incarnado. ãle viera para ser vítima, a *Vítima universal* de satisfação. Por isto disse com acêrto e beleza um ilustrado autor, que “a idéia de Hóstia domina todo o plano da Incarnação”. (12)

A Incarnação foi o mistério indispensável para que se desse a Redenção. Sem humanidade física e real, o

(10) Vega — Paloestra XXIX, cert. III; Lépicier — Tract. De B. Virg. P. IIIa. C. III, a. 4 PiusX — Ad diem illum, de 2-2-1904.

(11) De Laud. B. Virg., cit. por Lépicier.

(12) Pe. Júlio Maria — Maria e a Eucaristia, p. 209.

Verbo não poderia oferecer ao Pai o sacrificio de satisfação com que nos remiu.

A Ss. Virgem, dando o seu consentimento à Incarnação, não ignorava, e não podia ignorar, esta finalidade, esta "idéia de Hóstia", que enchia todo o plano de Deus.

Sob êste ponto de vista, desde a Incarnação, Ela se tornou causa remota *satisfatória* de nossa salvação. O sêr físico, humano, do Verbo Incarnado, princípio de seu sacrificio no Calvário, sem o qual não seria *satisfeita* a divina justiça, procedeu de Maria, foi substância de sua carne e de seu sangue, incorporada ao Verbo de Deus. Inegável, pois, uma causalidade *satisfatória mediata* em união com Jesús Cristo Hóstia.

O que deve, porém, merecer o melhor de nossas atenções é o fato de Ela ter tomado parte no holocausto do Calvário, cooperando destarte *próximamente* com Jesús. E é neste sentido sobretudo que Ela é causa *satisfatória secundária* de nossa salvação.

Em capítulo precedente, dizíamos que o papel de Maria na Corredenção pode ser entendido sob duplo aspecto, *ativo e passivo*. (13).

Salientamos, então, a sua atitude *passiva* no sacrificio de Cristo. Foi Ela quem mais recebeu passivamente dêste divino holocausto, ao mesmo tempo que nele colaborava ativamente. Importa relevar agora, principalmente, a sua função *ativa* neste mesmo mistério. É por ela que Maria se torna *causa satisfatória* de nossa Redenção, em união com Cristo Vítima.

* * *

Maria satisfez por nós, secundariamente, no Calvário, e ali ofereceu um sacrificio agradabilissimo a Deus. Eis uma tese universalmente aceita e inegável. Ela é a concretização da obra mediadora de Maria Ss. e o que justifica o título de Corredentora conferido à Ss. Virgem.

(13) Cap. V, tit. I.

Em que sentido devemos tomar esta tese sem aberrarmos da verdadeira doutrina católica?

Está claro que não se pode admiti-la em sentido absoluto, como de Jesús Cristo. Impõem-se aqui as mesmas distinções que para o mérito, estudado em parágrafo anterior.

Só Jesús Cristo, porque Deus-Homem e Cabeça da Humanidade, podia satisfazer em perfeito sentido e oferecer sacrificio suficiente para nossa salvação,

“Entretanto, por isto que a satisfação de Cristo pertence a todos os fiéis, de vêz que Cabeça e membros são como uma só pessoa mística, e acrescentando-se ainda que os membros se comunicam uns com os outros, deve-se dizer que um membro pode satisfazer pelo outro enquanto dois homens são um na caridade. E ainda mais, sendo de fé que as satisfações dos santos nos são proveitosas, sobretudo mediante as indulgências, na concessão das quais o Romano Pontífice dispõe do tesouro de Jesús Cristo e dos santos, como se exprime Leão XIII (Decretali *Per Praesentes*), muito mais se deve ter como certo que as satisfações da Beatissima Virgem, no que Ela suportou padecendo conjuntamente com seu Filho, valem para reparar *de congruo* a ofensa a Deus irrogada por nossos pecados.” (14)

E as satisfações de Nossa Senhora são tanto mais valiosas quanto mais intimamente Ela se uniu a Cristo na sua satisfação de valor infinito. Poder-se-á imaginar disposição mais perfeita de união ao Redentor, do que a de Maria?

Já notamos, ao falar do aspecto passivo da Correção, um conjunto de circunstâncias que contribuíram sobremaneira ao acréscimo de graças então recebido pela Ss. Virgem. As mesmas observações são cabíveis com relação à excelência de sua satisfação ativa ao pé da cruz.

* * *

Importa muito, entretanto, distinguir a satisfação de Maria da satisfação dos santos. Estes, unidos a Cris-

(14) Lépiciér, op. cit. P. IIIa, cap. I, art. 3, n. 9.

to, satisfazem *por conveniência* como Nossa Senhora, mas a *conveniência* de suas satisfações está longe de ser a *conveniência* da satisfação de uma Mãe de Deus e Corredentora prè-ordenada para êste fim no plano providencial. Nunca se pode esquecer êste principio fundamental em mariologia: podendo embora independêr de Nossa Senhora, quis Deus, entretanto, depender secundariamente dEla na obra regeneradora.

Particularmente por isto, devemos dizer que a satisfação de Maria não é a oferta sòmente de suas dôres unidas ao sacrificio de Cristo; Ela ofereceu, também, o sacrificio de Cristo, que era, por vários títulos, o sacrificio *seu*, o sacrificio da Corredentora.

É verdade que êste sacrificio *seu* nenhum valor teria sem a vontade divina, eterna, que a uniu à imolação de Cristo. Pressuposta, porém, esta vontade inegável, que a escolheu para segunda Eva ao lado do novo Adão, não se pode negar a objetividade de um sacrificio *próprio de Maria*.

Por que títulos o sacrificio do Calvário é, efetivamente, *sacrificio de Maria*? Sobretudo por três títulos:

1 — Porque é seu próprio Filho que se imola, e há uma correlação tão íntima entre Mãe e Filho, que não se pode negar seja a imolação de Jesús, na ordem moral e psicológica, a imolação de Maria.

2 — Porque Maria, conhecedora dos mistérios de Deus, não podia passar sem que retificasse por oblação íntima espiritual, cheia de amor de Deus, o sacrificio que se realizava e de que tivera conhecimento na Incarnação. Assim se exprime Arnaldo de Chartres: "Então era totalmente una a vontade de Cristo e de Maria, e único o holocausto que ambos ofereciam: Ela no sangue de seu coração, êle no sangue de sua carne". (15).

(15) Omnino tunc erat una Christi et Mariae voluntas, unumque holocaustum ambo pariter offerebant Deo: haec in sanguine cordis, hic in sanguine carnis. — De Laud. B. M. V. cit. por Lépicier.

3 — Mas sobretudo pela sua predestinação a ser Corredentora é que êste sacrificio se torna particularmente *seu*, assim como primariamente o é de Cristo. A unidade característica das obras divinas exigia, por alta conveniência, fizesse a *oblação pessoal* de Cristo em nome da Humanidade quem para esta oblação o havia gerado em nome da Humanidade.

Deus podia também prescindir destas conveniências e nada teríamos que objetar contra a sua sabedoria. A realidade divina, porém, é que Ele não quis prescindir delas e associou à Redenção Aquela que havia associado à Incarnação: *Juxta crucem Jesu... Mater ejus*. (16) O sacrificio de Jesus é, pois, nitidamente, o sacrificio de Maria.

Justo, portanto, havermos como princípio teológico fora de contestação êste axioma: “Maria satisfaz por conveniência onde Cristo satisfaz por justiça” — *Maria de congruo satisfecit ubi Christus de condigno*.

CONCLUSÃO

Recolhamos os resultados desta análise doutrinária.

Há, pode-se dizer, um só fundamento à Mediação de Maria: a sua predestinação eterna com Jesus Cristo, em virtude da qual se tornam inseparáveis em toda a obra redentora.

Dêste fundamento único na ordem ideal defluem os fundamentos na ordem real: o *consentimento* de Maria à Incarnação e a sua *participação* efetiva, bem que secundária, ao sacrificio do Calvário. E são êstes fundamentos que a tornam causa secundária operante, meritória e satisfatória da nossa salvação e santificação.

Êstes fundamentos da Mediação, porém, já constituem a própria Mediação em exercicio. Na obra de Deus, não existem divisões. Há unidade perfeita. Os princípios já são o fim visado pela vontade eterna. Na In-

(16) Jo., XIX, 25.

carnação, Maria pode dizer-se tão perfeitamente Mediadora quanto o será na bem-aventurança.

Daí a equivalência de termos com que a fragilidade da nossa inteligência batiza de diferentes modos as realidades divinas; *Corredentora*, *Medianeira*, *Mãe dos homens* — são denominações diversas para exprimir a mesma verdade.

Hoje, no céu, Maria exerce Mediação real e eficaz em união com Cristo. Veremos, em capítulo seguinte, como se processa na eternidade esta ação mediadora. Sob êste aspecto particularmente é que a chamam os Padres *Medianeira*.

Esta função no céu, porém, não é senão a continuação natural, necessária, de seu papel de *Mãe espiritual* dos homens, enquanto lhes deu a vida em Jesus Cristo.

E um e outro dêstes títulos haurem sua razão de ser no mistério central da aquisição da vida divina para nós — o sacrifício de Cristo — em virtude de cuja participação Maria é a *Corredentora*.

Mas, a própria ação corredentora de Maria já é Mediação. E' o que diz, em perfeita argumentação teológica, a Padre Bover: "A cooperação de Maria na obra da Redenção humana é com tôda a propriedade uma Mediação universal; e tanto, que ela só bastaria para assegurar a Maria esta gloriosa prerrogativa. Com efeito, esta cooperação é verdadeira mediação, pois por ela Maria intervém entre Deus e os homens, para obter para êles o perdão e para os reconciliar com Deus. É além disso universal, visto ter por objeto a economia íntegra da graça e compreender todo o gênero humano.

Depois, esta cooperação é uma como associação à Redenção de Jesus Cristo.

Ora, tanto São Paulo como Sto. Tomás chamam a Jesus Cristo Mediador, precisamente enquanto é Redentor; logo, a associação à Redenção é participação da Mediação.

Portanto, chamar Maria Corredentora é o mesmo que aclamá-la Mediadora universal." (17)

Simplificando nossa análise, podemos dizer que, como a predestinação da Mãe de Deus lhe concretiza o fundamento ideal da Mediação, assim a Corredenção lhe concretiza o fundamento real da ação mediadora.

EIBV

(17) P. J. M. Bover S. J. A Mediação Universal de Maria, p. 50.

CAPÍTULO III

O "COMO" DA MEDIAÇÃO ATUAL DE MARIA

Atingimos com êste capítulo o cerne da Mediação de Maria. O "como" se realiza ela atualmente é o ponto capital da doutrina, merecedor, a nosso ver, do maior interesse na teologia da mediação.

Vimos que Jesús e Maria têm u'a mediação *ontológica* e u'a mediação *operante*. Aquela se refere ao "sêr" do Mediador e faz com que Maria, por sua dignidade de Mãe de Cristo, seja, assim como Jesús, um *meio* de união entre Deus e o homem. Esta se refere à "ação" do mediador, e indica que Maria, como consequência de sua Maternidade divina, deve ter *funções* mediadoras, conjuntamente com Cristo Mediador.

Para se entender bem a mediação operante de Maria é preciso não esquecer a unidade da obra redentora ou salvífica da humanidade. Desenvolve-se ela em duas fases, inseparavelmente correlativas: a primeira na terra, que começa pela Incarnação, consuma-se pelo sacrifício do Calvário, prolonga-se na Igreja nascente; a segunda, que se passa atualmente no céu.

A Ss. Virgem foi unida a Nosso Senhor na primeira parte da obra salvadora. Logo, vista a unidade do plano redentor, Ela deve ter também no céu parte ativa, função *operante*, complemento indeclinável da sua Mediação.

Como se passa no céu esta *ação* mediadora *atual* da Mãe de Jesús?

☛ a questão culminante a que devemos dar resposta neste capítulo.

PRINCÍPIOS GERAIS

Ainda uma vez é necessário lembrar que a Mediação de Nossa Senhora é inseparável da de Jesús Cristo e com ela deve ser estudada conjuntamente. Por isto, o “como” da Mediação atual de Jesús será também o “como” da Mediação de Maria, salvaguardado sempre que Maria é Mediadora a título secundário. Este é o princípio universal.

Ora, “como” se passa atualmente no céu a Mediação de Cristo?

É S. Paulo quem no-lo diz: “Cristo, feita a oblação de si mesmo uma só vez, entrou no eterno tabernáculo, onde vive sempre para interceder por nós.” (1) A consequência primeira da ação sacrificial, que é o ápice de sua Mediação operante, é, pois, no céu, o *poder de intercessão*. É *por intercessão atual* que se consuma, a bem dizer, a ação mediadora de Cristo entre Deus e os homens.

Não é, porém, só este o “como” da Mediação atual de Cristo. Ele continua a ser junto do Pai Cabeça do Corpo Místico, que é a Igreja: *Ipse Caput Corporis Ecclesiae* (2). E, como Cabeça, Ele goza de influência sobre toda a Igreja: *Ipsum dedit Caput supra omnem Ecclesiam* (3). A intercessão estende-lhe a mediação *operante*. A influência de Cabeça sobre o Corpo Místico na ordem sobrenatural coroa-lhe a mediação *ontológica*.

Mais. Porque Cabeça, e Cabeça que tem uma plenitude que lhe é própria (4), é de sua plenitude que “todos recebemos, graça por graça”. (5) É seu direito *dispensá-las* aos membros em virtude de sua plenitude e plenitude *conciente*.

(1) Cf. Hebr. X, 10 e Rom. VIII, 24.

(2) Col. 1, 18.

(3) Eph. 1, 22.

(4) Cf. S. Tomás, *Summa Theol.* IIIa. P. Q. 7 arts. 9 e 10.

(5) Jo., 1, 16.

Enfim, pode-se e deve-se acrescentar que o Sacrifício da Missa, extendendo a ação sacrificial do Calvário, prolonga, sob nova forma, a mediação operante de Cristo.

Intercessão, dispensação da graça, influência sobrenatural, ação sacrificial incruenta — eis o quadruplo modo da Mediação atual de Jesús Cristo.

Uma com a de Jesús Cristo, a Mediação da Virgem, secundariamente, se exerce por este quádruplo modo. Ela *intercede*; Ela *dispensa* concientemente a graça; Ela exerce uma *influência* sobrenatural sobre as almas, sobre o próprio Corpo Místico; Ela tem alguma cousa de seu no Sacrifício eucarístico.

Não poucos autores têm feito entender consista a Mediação de Maria somente na intercessão. Não parece consoante com a teologia esta visão parcial da função mediadora da Virgem Ss.. Basta lembrar que sua Mediação não se nivela à dos demais santos. O papel dos amigos de Deus numa mediação que chamaríamos, com Sto. Tomás, (6) simplesmente *ministerial e dispositiva*, é tão só a intercessão, cujo mérito aliás é muito inferior ao da Ss. Virgem.

Não. A função mediadora de Maria não é somente de intercessão. Seu papel no plano redentor, embora de criatura, é um papel de que, por vontade divina, depende toda a economia salvadora. Ela não está na galeria somente dos amigos de Deus. É a *Mãe de Deus*, a fonte da vida natural para o Redentor e o canal da vida sobrenatural para os remidos.

A graça é, secundariamente, um dom *seu*, como o é, primariamente, de Jesús. Nenhuma parcela da graça é, pois, concedida sem *atual consentimento* seu. Assim Deus o quis, constituindo-a particular Medianeira inseparável de Jesús.

E porque a universalidade das graças dEla depende e nEla está — *gratia plena* — Ela é o órgão normal das comunicações entre a Cabeça do Corpo Místico e

(6) Idem, IIIa. P., Q. 26, art. 1.

os membros. Com Cristo e em Cristo e pelo Espírito Santo, Maria exerce *influência universal* nas almas.

À luz, pois, destes princípios, parece-nos podermos deduzir que Ela exerce a sua Mediação de quádruplo modo: pela *intercessão*, por *concessão atual* da graça, por *influência universal* nas almas e por *uma relação atual com o Sacrifício eucarístico*.

Pormenorizemos êstes princípios gerais. (7)

INTERCESSÃO

Inegavelmente, é a *prece* o exercício por excelência da Mediação de Maria. Assim o entenderam universalmente todos os santos. Ela é a grande suplicante junto ao Pai em companhia do Filho. DEla se pode dizer o que S. Paulo diz de Jesús: *Semper vivens ad interpellandum pro nobis*. (8)

Os Stos. Padres a chamam frequentemente *Omnipotentia supplex*, a "Onipotência suplicante". Na Liturgia e na arte, Ela aparece sempre como a grande *suplicante*. (9)

Entretanto, qual a natureza desta intercessão ou prece da Ss. Virgem? Já observamos que ela não é da mesma natureza da intercessão dos santos.

Para bem entendê-la, ainda uma vez, volvamos nossos olhos ao grande Mediador, de quem é inseparável e, diria quase, *indistinta*, a Mediação de Nossa Senhora.

Ora, a Mediação atual de Cristo é u'a Mediação

(7) Neste capítulo, estudaremos somente os três primeiros modos da ação medianeira de Nossa Senhora, reservando para capítulo à parte, o derradeiro dêste trabalho, as relações entre a Mediação e o Sto. Sacrifício da Missa.

(8) Hebr. 7,5.

(9) "De là vient aussi que les Pères, voulant représenter ce qu'est Marie depuis son bienheureux Passage, nous la montrent universellement dans l'acte d'une prière perpétuelle. Et c'est encore ce que nous disent tacitement, mais éloquentement, la plupart des peintures de la Mère de Dieu retrouvées dans les Catacombes. Son attitude au ciel est une posture de suppliante, d'Orante". Terrien, op. cit. L. V, Cap. IV.

de prece, não porém de prece de inferioridade de servo; o Apóstolo designa-a com o termo "interpelação" — *semper vivens ad interpellandum pro nobis*. É a intercessão do Redentor, que tem direito sobre os resgatados. É a eterna oferenda de seu sacrificio ao Pai, em propiciação por nós. "Feita uma só vez a oblação de si mesmo", (10) — diz S. Paulo — "Ele entrou no eterno tabernáculo" (11), "a-fim-de ali comparecer por nós ante a face de Deus" (12) e ali "está sempre vivendo, para *interpelar por nós*". (13)

Esta prece eterna da Mediação de Jesúe é de caráter essencialmente *mediador*. Ela não é, notam os intérpretes, uma oração de Cristo enquanto homem passível, que supplica na montanha ou no Jardim das Oliveiras. É a oração de Cristo *glorificado*, na função suprema de eterno e impassível *Sacerdote*, revestindo-se do caráter de império — *ad interpellandum* — por parte dAquele "a quem o Pai submeteu tôdas as cousas". (14) É a oração *pontifical* de Cristo. Baseia-se nos méritos adquiridos pelo seu sacrificio e no direito irrevogável de Cabeça da Humanidade, a pedir a salvação de seus resgatados e membros de seu Corpo Místico. Sto. Tomás descreve assim esta oração mediadora de Cristo: "Ele intercede por nós, primeiramente apresentando ao Pai a humanidade que tomou, e em segundo lugar expondo o desejo que sua santíssima alma nutre de que sejamos salvos." (15)

* * *

Tudo isto se deve dizer da Mediação de Maria no seu aspecto de intercessão. Maria não intercede como os demais santos. A sua intercessão é essencialmente mediadora em união com Cristo, e reveste-se dos mesmos caracteres da intercessão de Cristo. Ela é uma intercessão integrante da de Cristo, segundo a intenção divina.

A intercessão dos demais santos não é desta natureza. Pode ser dispensada, e isto não prejudicaria à

(10) (11) (12) e (13) Hebr., VIII e IX, 24 e 25.

(14) 1 Cor. 15, 26 e 28.

(15) Comm. in Ep. ad Hebr., VII, lect. 4.

santa Igreja. (16) Os santos intercedem para alcançar atualmente o socorro divino às almas; Maria intercede não para alcançar, porque tudo possui com Cristo, em virtude de méritos antecedentes. A intercessão dos santos é um pedido de servos, ou, se quisermos, de amigos de Deus; a intercessão de Maria é a expressão de uma "interpelação" de Mãe e Rainha onipotente.

A intercessão de Nossa Senhora é, em síntese, o exercício dum direito consequente à sua Maternidade e à Corredenção, um direito consequente à Encarnação e ao sacrifício do Calvário. Ela diverge, pois, da intercessão dos santos não só em grau de valor, mas ainda em natureza.

Não pode haver termo de comparação entre uma intercessão universal unida por divina vontade à do Mediador único e supremo, e as intercessões particulares só unidas a esta mediante a própria intercessão universal e necessária de Maria. O que se deve, portanto, dizer, é que a intercessão da Medianeira universal é, por sua natureza, analógica à de Cristo Mediador: a ela se podem atribuir, proporcionalmente, as mesmas qualidades que à Mediação do Redentor. (17)

DISPENSAÇÃO DA GRAÇA

O que salienta ainda a superioridade da Mediação

(16) "Talis autem intercessio quae comparata cum aliorum oratione dicenda esset "superintercessio", non potest a Deo non exaudiri; sic enim exurgeret ex parte Dei inconveniens ali-quod, quod, ubi de allis sanctis agitur, non datur". — *Bittremieux, De Mediatione Univ. B. M. V.* (Brugis, 1926), p. 294.

(17) Id quod dicitur de oratione Christi, proportionaliter dici debet de oratione B. Virginis. Sicut enim interpellatio Christi est interpellatio Redemptoris et fundatur in merito de condigno, quo omnes gratias impetrandas acquisivit, ita et interpellatio B. Virginis est interpellatio Corredemptricis, et fundatur in merito de congruo, quo omnes gratias impetrandas acquisivit. Iamvero sicut haec interpellatio Christi habetur ut vera et propria mediatio, ita et interpellatio B. Virginis ut talis haberi potest. At ex hoc capite quam maxime, i. e. natura, non gradu tantum, differt intercessio B. Virginis ab intercessio-ne Sanctorum. — *Roschini — Marilogia, T. II p. 415* (Ed. Beladetti, 1947).

de Maria sôbre a comum mediação dos santos — é que a mediação dêstes se reduz, normalmente, à prece.

Não assim a de Nossa Senhora. Maria não só intercede pedindo a graça, mas *concede*, em união com Jesús Cristo, a própria graça. A graça é, na linguagem dos grandes mestres da Mediação, um bem de Maria.

São conhecidos os inúmeros textos de São Bernardo, São Bernardino, de Sto. Antonino, de São Luiz de Montfort e Sto. Afonso de Ligório. Ouçamos entre todos São Bernardino:

“Nenhuma criatura recebeu de Deus qualquer graça, que lhe não tenha vindo segundo a *dispensação* da divina Mãe”.

“Todos os dons, virtudes e graças do mesmo Espirito Santo — diz êle noutra parte — são *administrados* pelas mãos da Virgem, a quem Ela quer, quando quer e na medida em que Ela quer.” (18)

Este modo de se exprimir, que é familiar aos Padres, assegura-nos a mediação *física atual* de Maria, com dizer-nos que tôdas as graças dependem da sua *dispensação* atual. Seu papel não é, no pensamento dos mestres, relativamente à Mediação, de mera *suplicante*. É uma *função administrativa*, que ela exerce. (19) A concessão atual das graças Deus quis dependesse do consentimento de sua Mãe, ao mesmo tempo que depende do consentimento de Cristo Mediador. Deus quis o consentimento de Maria para a concessão da graça primeira — a Incarnação. Parece, pois, que, no seu uniforme e imutável modo de proceder na concessão da graça, deve subordinar, atualmente, ao con-

(18) Nulla creatura aliquam a Deo obtinuit gratiam, nisi secundum Matris ipsius *dispensationem*: Omnia dona, virtutes et gratiae ipsius Spiritus Sancti, quibus vult, quando vult, quomodo et quantum vult, per manus Virginis, *administrantur*. — In *Thesaurus Marianus*, a P. Monget, p. 11.

(19) Foi Leão XIII quem o afirmou: “Divino consilio sic illa coepit advigilare Ecclesiae, sic nobis adesse et favere mater, ut quae sacramenti humanae redemptionis patrandi *administra* fuerat, eadem gratiae ex illo in omne tempus derivandae esset *pariter administra*, permessa ei paene immensa potestate”. Enc. *Adjutricem Populi* de 5 de set. de 1895.

sentimento de Maria as derivações daquela graça primeira.

Não se entenderia doutra formá a Mediação operante atual de Nossa Senhora, inseparável da Mediação operante de Cristo.

A razão última desta intervenção absoluta de Maria na própria ação e economia divina é a mesma vontade de Deus. Ele quis que fôsse dêste modo, assim como quis nascer dEla, e assim como quis a sua colaboração no mistério redentor.

Nada mais razoável, entretanto, que esta determinação celestial.

As operações divinas distinguem-se pelo seu cunho de unidade e perpetuidade. A obra de Deus uma vez iniciada — têmo-lo dito — não se pode desviar do plano eterno até ao final acabamento. Seria, caso contrário, supor-se modificação na imutável vontade divina.

Ora, que notamos na grande obra sobrenatural da regeneração dos homens pela graça? Inseparável união entre Jesús e Maria na aquisição do tesouro da graça, que é a primeira fase da Mediação universal de Jesús Cristo. Desde o fundamento da mediação ontológica, a Incarnação, Cristo fêz depender a obra redentora do *consentimento* e *cooperação* de Maria. É êste um fato inegável que não poderemos riscar do Evangelho sem derrocar tôda a obra redentora.

Deus, portanto, não *necessariamente* (porque nem a Incarnação lhe era necessária para a obra redentora), mas *logicamente*, devia conceder a sua Mãe uma jurisdição universal na dispensação da graça.

“É que Ela *mereceu* — diz o Pe. Terrien — o direito de ser o instrumento por que Jesús Cristo dispensa as graças de salvação. Pode-se afirmá-lo no sentido seguinte: no momento em que a Virgem Mãe revestiu livremente de sua carne o Verbo feito homem, no momento mais solene ainda em que, de pé no Calvário, o ofereceu a Deus como nossa Vítima e preço de nosso resgate, Ela adquiriu uma como jurisdição

sobre tôdas as derivações da graça: pois que esta graça nasce de um sangue tomado às suas veias e duma carne feita de sua própria carne.” (20)

Esta doutrina foi ensinada também por São Bernardino de Sena no texto já conhecido: “Com efeito — diz êle — a partir da hora em que Maria concebeu o Filho de Deus em seu casto seio, gozou duma espécie de jurisdição ou autoridade sôbre tôdas as processões temporais do Espírito Santo, de maneira que nenhuma criatura recebe de Deus qualquer graça, de que Maria não seja a *dispensadora*.” (21)

Tal foi a vontade divina. Tal o fato e lei universal na comunicação misericordiosa dos frutos da Redenção. Intercede, na concessão de cada graça, a *dispensação voluntária* de Maria, unida inseparavelmente à voluntária dispensação de Cristo Mediador.

INFLUÊNCIA UNIVERSAL SÔBRE AS ALMAS

O núcleo da ação mediadora de Maria é, porém, a nosso ver, a *influência sobrenatural* que Ela exerce nas almas em união com Jesús Cristo, pelo Espírito Santo.

Nenhuma alma foge, nos divinos designios, a esta universal influência materna. E os próprios Anjos e o mundo inanimado não se privam da benéfica atuação invisível de Nossa Senhora.

O “como” da Mediação total da Mãe do único Mediador reside e se sintetiza nesta *influência*.

Como entendê-la? Como explicá-la? Seria o caso de dizer-se com o grande deutor da Mediação de Maria, São Luiz De Montfort: “Êste é um mistério da graça desconhecido mesmo dos mais sábios e espirituais entre os cristãos” (22)

Entretanto, é um fato teológico, que podemos fundamentar em muitos argumentos, quer da Escritura,

(20) Terrien, op. cit. vol. I da 2a. p., p. 351.

(21) Apud Terrien, op. cit.

(22) *Traité de la vraie dévotion*, n. 21.

quer da Tradição, quer da Liturgia. Rertracêmo-lo em principios gerais.

A grande lei da Mediação de Maria é que ella é inseparável e una com a de Jesú Christo. Ora, a Mediação operante actual de Christo é, antes e acima de tudo, o facto de sua *influência sobrenatural* sobre os membros do seu Corpo Místico. A Mediação de Maria, portanto, há-de ter, também, como realidade primordial, uma *influência sobrenatural* sobre as almas.

De que natureza é esta *influência*? É uma influência sobrenatural, transcendente, na ordem da graça. Assim como Christo, nossa Cabeça, influi na ordem da graça sobre todos nós, de igual maneira Maria, em união com Christo e a Elle subordinada, goza de igual influência, por livre e liberal concessão divina.

É mediante a influência de Christo Cabeça que nos vêm tôdas as graças — *Et de plenitudine ejus nos omnes accepimus, et gratiam pro gratia. Ipse est Caput Corporis Ecclesiae.*

E' mediante a influência secundária de Maria, peçoço místico, que nos vêm os dons sobrenaturais — *Ipsa collum Corporis Ecclesiae.*

Em termos teológicos, hoje admitidos pela grande maioria dos teólogos: assim como Christo é *causa instrumental física primária de toda graça*, de igual forma, subordinada a Christo, Maria é *causa instrumental física secundária de toda graça.* (23)

(23) P. Gabriel Roschini, OSM — Mariologia, T. II, p. 419: "Posita hac perfectione in Humanitate Christi (quod ipsi competat actio instrumentalis in productione et distributione gratiae), ponenda est etiam in B. Virgine. — Etenim, B. Virgo mater Christi, ita in consilio divino inseparabilis est a Christo, ut recipiat in se participative et secundario id omne quod Christus plene et primario habet: quidquid est in Christo de condigno, in B. Virgine invenitur de congruo. Et ideo, ubicumque Christus est instrumentum primarium et conjunctum, B. Virgo debet esse instrumentum secundarium et separatum. Atqui Christus — ut probavimus — est instrumentum physicum primarium et conjunctum in gratiae productione et distributione. Ergo B. Virgo, mater ejus, instrumentum physicum secundarium et separatum in gratiae productione et distributione esse debet".

Não vai espaço nem há conveniência para vasta exposição dêste momentoso tema teológico, que tem enchido tratados. (24) A argumentação copiosa preferimos a prova haurida de um dos nossos dogmas entre os mais populares: a comunhão dos santos.

Sabemos por conhecimento comezinho desta doutrina, da influência recíproca que exercemos uns sôbre os outros na ordem sobrenatural. Há uma comunhão de vida, entre todos quantos vivemos unidos em Jesúo Cristo, nosso Chefe.

O que importa notar, porém, é que esta *influência* recíproca não é a *mesma nem dô mesmo grau*, de membro para membro do Corpo Místico. Ela se proporciona à graça, aos méritos, à dignidade de função que somos chamados a desempenhar no grande organismo sobrenatural. Cada alma tem seu papel moral no universo, e sua função sobrenatural no Corpo Místico de Cristo.

Na galeria dos santos, há uma hierarquia perfeita, divina, que proporciona a sua universal influência sôbre as almas em via de salvação.

Inegável, já se vê, a situação primacial de Maria no imenso organismo sobrenatural. Compete-lhe *por conveniência* tôda função que a Jesúo Cristo compete *de justiça*. O princípio sobrenatural de todos os atos na ordem da graça é Cristo, *de justiça*; consequentemente, *por conveniência* Maria há-de ser o princípio *secundário* de todos os nossos atos sobrenaturais.

E, assim, o "como" da Mediação universal de Maria está, em última análise, nesta *influência* sobrenatural nas almas.

Explica-se, então, satisfatòriamente, que mesmo a graça primeira, pela qual a alma se une a Deus, depende de Maria secundariamente; é devida já à *intercessão universal*, já à *influência sobrenatural* de Maria, em união com Cristo, sôbre os eleitos.

(24) Ao leitor desejoso de estudar o assunto, mencionamos: Roschini, obra citada supra; Edouard Hugon — *La causalité instrumentale dans l'ordre surnaturel*; Lépiciet — *Tractatus De B. Virgine Maria*.

Ricardo de São Lourenço não hesitava em dizer à Ss. Virgem: "Assim como ninguém pode vir ao Filho, se o Pai o não atrair, de igual maneira ousarei dizer que ninguém pode vir ao teu gloriosíssimo Filho, a não ser que o atraias com o teu santíssimo auxílio". (25)

E São Luiz De Montfort, a nosso ver grande mestre nesta doutrina, aplica à Ss. Virgem aquelas palavras da Escritura, como sendo dirigidas por Deus à sua Mãe: *In Jacob inhabita... in Israel haereditare et in electis meis mitte radices*. (26) E explica-as vindicando para a Ss. Virgem um como *domínio* universal nas almas em união com o Espírito Santo.

Lendo-se com atenção a obra de Montfort, pode-se apalpar a cada página, ainda nas entrelinhas, este pensamento central de sua doutrina mariológica. A especial devoção que propõe com o nome de "segrêdo" não é senão a disposição interior constante da alma em tornar-se dócil a este domínio suave e arrebatador de Maria.

Outro não é o fundamento teológico da realeza da Mãe de Jesús. Ela é a Rainha dos corações, das almas, do universo. E o "como" de sua atuação "real" está sobretudo neste augusto mistério da sua influência universal, como *causa instrumental* física invisível da graça, subordinada a Cristo Mediador. Assim se unem e se completam os títulos de *Senhora* e *Medianeira das graças* que damos a Maria, justificando-se perante a teologia a bela invocação popular *Nossa Senhora das Graças*.

CONCLUSÃO

Concluindo, podemos dizer que repetimos neste capítulo, sob novos aspectos, quanto tratamos prece-

(25) Sicut nemo venit ad suum Filium superbenedictum, nisi Pater traxerit eum: sic etiam quodam modo ausim dicere quod nemo venit ad Filium tuum gloriosissimum, nisi sanctissimis tuis subsidiis traxeris eum. — De Laudibus B. M. V. — L. XII, cap. 2, n. 2.

(26) Eccli. 24, 13

dentemente sobre o "sentido" da Mediação de Maria. O "como" desta Mediação, vê-se logo, é também o seu "sentido" verdadeiro.

Nossa Senhora é Medianeira das graças *ontologicamente, operantemente e fisicamente* subordinada a Jesus Cristo, cuja Mediação Ela integra e amplia com suave atrativo materno. E porque Medianeira neste sentido, exerce a sua função mediadora atual *por intercessão, por consentimento* de sua vontade na concessão das graças e por uma *influência universal* de causalidade física instrumental sobre tôdas as almas.

Sua Mediação não é, portanto, uma influência simplesmente longínqua na aquisição da graça. É também o exercício continuado de sua função maternal junto da Igreja, Corpo Místico de Cristo.

A conclusão mais consoladora para as almas devotas de Maria é que a sua piedade marial as coloca na participação mais íntima da vida de Cristo e da Igreja.

Bela, vital, profunda, teológica, a devoção a Nossa Senhora das graças!

CAPITULO IV

PROVAS DA MEDIAÇÃO DE MARIA

Não parece deveríamos, primeiramente, provar que Nossa Senhora é Medianeira, para depois estudarmos o “sentido”, os “fundamentos” e o “como” da Mediação?

Normalmente, para os que não aceitam esta verdade como revelada, sim. Escrevemos, porém, para os que não põem em dúvida o fato da Mediação de Maria.

Este capítulo, portanto, poderia ser logicamente dispensado. E é por isto que o colocamos no fim do livro, depois de estudado mais ou menos completamente, segundo cremos, o assunto capital. Ele é como ilustração que servirá de argumento contra os recalcitrantes à doutrina da Mediação marial, sob pretêxto de que ela é um exagêro contrário à doutrina tradicional, uma novidade supérflua no catolicismo. (1)

(1) Não faltaram, efetivamente, como não faltam ainda hoje, teólogos que nêguem ou diminuam a Mediação de Maria. Já Sto. Afonso no seu tempo polemicou com um tal Muratori e outro anônimo, que ousaram atacar, como exagêro da piedade, a Mediação universal de Maria.

Podem-se citar ainda como adversários, que deixaram até hoje seus preconceitos contra a Mediação: Rivet, na obra *Apoloogia pro Maria*; Adão Windenfeld, em *Monita salutaria B. V. ad cultores suos indiscretos*; e Teófilo Raynaud, em *Diptycha Mariana*. Este último, entretanto, com a melhor das boas intenções, como observa o Pe. Terrien, buscou estudar o assunto na história do dogma, e concluiu, como frio historiador da doutrina, não achar bastante fundamentada, embora não negue positivamente, a Mediação universalíssima de Maria. Conlira-se, a propósito: Terrien, 2a. P., L. VII, cap. IV, da obra que vimos citando; e Roschini, também na obra já citada, p. 397.

Vasto é o assunto. Daremos somente as provas mais gerais da Tradição, da Escritura, e do Magistério eclesiástico.

PROVAS DA TRADIÇÃO

Não há, geralmente falando, ponto mais constante no ensino dos Padres sobre Maria, que a sua Mediação universal.

Sem dúvida, não tratam êles "ex-professo" da verdade teológica. Nem mesmo usam sempre o termo *Medianeira* para designar a Mãe de Deus. Mas o seu pensamento constante é que Deus quis fôsse Maria a *fonte de nossa salvação, o princípio de nossa vida* sobrenatural, subordinado a Jesus Cristo. E é esta a idéia central da Mediação de Maria.

Expressa sob outra forma, ela reaparece nos paralelos entre Eva e Maria. Maria é a nova Eva, unida ao novo Adão — Cristo — na grande obra regeneradora. Não há talvez metáfora que seja mais familiar aos Stos. Padres. E ela exprime, em análise clara e profunda, a Mediação de Maria integrando a Mediação necessária de Cristo.

Mesmo fora dêstes pensamentos fundamentais, expressivos da Mediação, não faltam nos escritos dos Padres expressões literais, positivas, da Mediação de Maria, até nos aspectos que havemos analisado: ontológico, pessoal e físico. Não hesitam mesmo em chamá-la com o nome de *Medianeira* e dezenas doutros equivalentes.

Colhamos, por ordem mais ou menos cronológica, entre os Stos. mais conhecidos, alguns textos, visto não podermos citar todos.

STO. EFRÉM chama Nossa Senhora "Medianeira para com Deus", "Medianeira de tôdas as cousas", e, enfim, "depois de Cristo Mediador, Medianeira de todo o mundo". (2) E entre outros louvores que dirige a Maria, salienta-se o seguinte, confissão da Mediação *universalíssima* de Nossa Senhora: "Por ti, ó única

(2) Apud Assemani, 3, 528-532-552.

Imaculada, vem, veio e virá tôda glória, honra e santidade, desde Adão até a consumação dos séculos, aos Apóstolos, aos Profetas, aos Justos, aos humildes de coração, e em ti se alegra, ó cheia de graça, tôda criatura!" (3)

STO. ILDEFONSO TOLENTINO diz a Maria: "Todos os bens que a divina Magestade decretou conceder, *decretou entregá-los às tuas mãos.*" (4)

SÃO GERMANO chama Nossa Senhora "Medianeira verdadeiramente bôa de todos os pecadores". E exclama: "Sem a vossa Mediação, ninguém obtém da misericórdia divina dom algum da graça". (5)

SÃO JOÃO DAMASCENO: "Todos os olhos se voltam para vós com esperança; tendo-vos por Medianeira, alcançamos a reconciliação com o vosso divino Filho". (6)

STO. ANSELMO: "Ó Medianeira nossa, recomen dai-nos a vosso Filho". (7) E repetidas vêzes êste santo assegura que nada se recebe que não seja devido à intercessão de Maria. (8)

SÃO BERNARDO é o mais eminente panegirista da Mediação da Virgem Maria. Os acordes de sua voz maviosa ecoam através dos séculos a doçura desta Mediação. Ele é, sobretudo, embora sem cogitar de distinções filosóficas, quem proclama fundamentalmente, *dir-se-ia*, a *causalidade física* da Mediação de Maria. São conhecidos os têxtos: "Nada quis Deus recebêsse-

(3) Per te omnis gloria, honor et sanctitas ab ipso primo Adam et usque ad consummationem saeculi, Apostolis, Prophetis, Justis et humilibus corde, sola immaculata, derivata est, derivatur et derivabitur, atque in te gaudet, gratia plena, omnis creatura. — *Assemani*, 3-532.

(4) Omnia bona quae summa Majestas decrevit facere, tuis manibus decrevit commendare. — *Corona Virginum*, Cap. 15.

(5) e (6) Cit. por *Bover*, op. cit.

(7) *Anselm*, M. L. 158, 960.

(8) P. L. Ort. 46, 944 e Orat. 48, 158, 945.

mos que não passasse pelas mãos de Maria” (9) “A plenitude de todo o bem, colocou-a Deus em Maria; de tal modo que se em nós algo existe de esperança, de graça, de salvação, reconhecamos que isto dEla procede”. (10)

STO ALBERTO MAGNO denomina Maria “omnium bonitatum universaliter distributiva” — ou seja: “Aquela a quem compete distribuir universalmente todos os bens sobrenaturais”. (11) E, usando as mesmas expressões de S. Bernando, diz que “tôdas as graças, uma por uma, passam pelas mãos de Maria” (12) e que, “por êste aqueduto, que é Maria, descem até nós tôdas as águas da graça”. (13)

Apropriando-se ainda uma expressão de S. Germano, chama Nossa Senhora “Medianeira da nossa reconciliação com Deus”.

RICARDO DE SÃO LOURENÇO tem expressões idênticas às de S. Bernardo. Entre outros tópicos: “Todo e qualquer bem que Deus dá às criaturas, quer Ele que passe pelas mãos da Virgem Mãe”. (14) “Maria foi dada ao mundo como um aqueduto, para que por Ela descessem até aos homens os dons celestiais.” (15)

SÃO BOAVENTURA: “A bem-aventurada Virgem

(9) Nihil Deus nos habere voluit quod per Mariae manus non transiret. — P. L. *Sermo in Vig. Nativ. Domini*, 183-100.

(10) Totius boni plenitudinem posuit in Maria: ut proinde si quid spei in nobis est, si quid gratiae, si quid salutis, ab ea noverimus redundare... — P. L. *Sermo in Nat. B. M. V.* — 183-441.

(11) *Mãriale*, 9-29.

(12) Omnes ad numerum transeunt per ipsius manus — *Mãriale* — q. 164.

(13) Per ipsum (aquaeductum) defluunt omnes aquae gratiarum deorsum — L. cit.

(14) Quidquid boni dat creaturis suis, per manus Matris Virginis vult transire. — *De Laud. B. M. V.* L. 2, c. 3, n. 4.

(15) Ad hoc data est mundo, quasi aquaeductus ut per ipsam a Deo ad homines dona coelestia jugiter descenderent. *Ib.* L. 9, c. 15, n. 2.

é Medianeira entre nós e Jesús Cristo, como Jesús Cristo é Medianeiro entre nós e seu pai". (16)

SÃO BERNARDINO DE SENA: "É-nos necessário um mediador junto ao próprio Mediador Cristo... e outro não há mais útil do que Maria." (17) "Tôda graça concedida ao mundo segue esta triplice gradação: de Deus a Jesús Cristo, de Jesús Cristo à Ss. Virgem, da Ss. Virgem aos homens: tal é a ordem maravilhosa da sua disposição." (18)

STO. TOMÁS DE AQUINO: "A bem-aventurada Virgem difunde e comunica a todos os ráios de sua graça." (19) "Ela foi cheia de graça não só para si, mas para difundir a graça por todos os homens." (20) "Grande cousa é participar tanto da graça que chegue para a salvação de muitos. Mas o cúmulo seria se esta medida chegasse para a salvação de todos: e é exatamente o que se verifica em Jesús Cristo e na Ss. Virgem." (21)

Encerremos aqui as citações. Ficam ainda na sombra numerosos Stos. Padres, como: Agostinho, João Crisóstomo, Fulgêncio, Amadeu, Crisólogo, Ruperto Abade, o piedoso Idiota, etc. E dos apresentados não são poucos, e até mais expressivos, os tópicos que deixamos à margem, por serem demasiado extensos.

É o suficiente, entretanto, para mostrar a continuidade e convicção com que foi mantida na Igreja a crença da Mediação universal de Nossa Senhora.

Completando os assertos dos Padres, ouçamos a voz de alguns Pontífices.*

(16) Apud Bover, op. cit., p. 28.

(17) Licet Advocatum habeamus Filium apud Patrem, opus est etiam Mediatore ad Mediatorem Christum, qui, licet sit misericors, habet tamen judiciariam potestatem: nec alius nobis utilior quam Maria. — Apud "Thesaurus Marianus" de J. Monget.

(18) Apud Bover, op. cit., p. 28.

(19) Sermão in Mat. B. M. V. cit. por Roschini, op. cit. p. 405.

(20) e (21) Expos. de Salut. Ang., juxta Thesaurus Marianus.

A VOZ DOS PONTIFICES

Entre os Papas podemos respigar:

PIO VII: Chama-a, num de seus documentos, “nossa Mãe e dispensadora de tôdas as graças.” (22)

BENTO XIV: “Ela é como o rio celeste pelo qual são trazidas ao seio dos míseros mortais as águas de tôdas as graças e dons.” (23)

LEÃO XIII foi, certamente, o Papa que mais escreveu sôbre a Mediação de Maria. Eis alguns têxtos: “O môtivo por que buscamos, orando, o amparo de Maria, reside, como num fundamento, no múnus que Ela constantemente desempenha diante de Deus, de nos conciliar a graça.” (24)

“Saudamos Maria *cheia de graça abundantemente derramada sôbre todos os homens.*” (25)

“A partir do consentimento da Virgem à Incarnação, deve-se afirmar verdadeiramente e com tôda a propriedade de têrmos, que o Senhor *nada absolutamente* nos concede a não ser por intermédio de Maria, visto que assim Deus o quer.” (26)

Pio X: “Por conveniência (como ensinam os Padres) mereceu Maria o que Cristo nos mereceu por Justiça, e por isto *é a primeira administradora das graças*”

(22) Bourassé, *Summa Aurea*, Tom. VII, col. 546, 51.

(23) *Ipsa est veluti rivus, per quem gratiarum omnium atque donorum fluentia in miserorum mortalium sinum deducuntur.* — Bula *Gloriosae Dominae*, de 28, set. 1748.

(24) *Quod Mariae praesidium orando quaerimus, hoc sane tamquam in fundamento, in munere nititur conciliandae nobis divinae gratiae, quo ipsa continenter fungitur apud Deum.* — *Jucunda semper*, de 8 de set. de 1894.

(25) *id. ib.*

(26) *Ex quo (consensu Virginis in Incarnationem) non minus vere proprieque affirmare licet, nihil prorsus Dominus... nihil nobis nisi per Mariam, Deo sic volente, impertiri.* — *Octobri mense* de 22 de set. de 1891.

a serem distribuídas... e administra, por direito materno, os tesouros dos méritos de Cristo.” (27)

BENTO XV: “Por causa da compaixão de Maria com Cristo, tôdas as graças que o gênero humano recebe do tesouro da Redenção, pelas mãos dEla são administradas... e, por Ela, em cada homem, a obra redentora é eficiente e perpétuamente acabada.” (28)

Foi também êste Pontífice quem concedeu fôsse rezado na Igreja o Ofício de *Maria Medianeira de tôdas as graças*.

PIO XI em cartas de 2 de março de 1922 chama, explicitamente, Nossa Senhora “Medianeira de tôdas as graças diante de Deus.” — *gratiarum omnium apud Deum sequestram* (29)

De PIO XII temos, no epílogo da *Mystici Corporis*, o mais vivo testemunho da Mediação de Maria. Neste epílogo, após enunciar belíssimas verdades correlatas com a Mediação de Maria, conclui pedindo que Ela “nos alcance de Cristo que sem interrupção corram os caudais da graça da excelsa Cabeça para todos os membros do Corpo Místico e, como nos tempos passados, assim hoje proteja a Igreja com seu poderosíssimo patrocínio...”

Na voz dos Papas vemos o magistério ordinário confirmando a fé comum conservada e acrescida através dos séculos. Significativa prova de que a verdade da Mediação de Maria é mais que sentimento piedoso; é verdade revelada, que tem os seus fundamentos nas divinas Escrituras.

Elucidemos também esta derradeira prova.

(27) Enc. *Ad diem illum*, de 2 de fev. de 1904.

(28) AAS, 10, 1919, 182.

(29) AAS, 14, 1922, 186.

PROVAS DA ESCRITURA

Quisemos ouvir primeiro a palavra dos séculos e da Igreja para agora estudar os seus motivos. A Igreja fala o que crê. E crê o que vem estabelecido nas Escrituras.

Haverá nas Sagradas Letras provas da Mediação de Maria?

Sem dúvida, não se refere esta pergunta à Mediação simplesmente *moral e mediata* da Ss. Virgem. Que Maria goze, à luz do Evangelho, de mediação *moral*, dispensa investigações, pois a mediação moral deflui do fato de Maria ter fornecido a matéria da Incarnação do Verbo.

Mesmo quanto à sua Mediação *ontológica*, não pode existir dúvidas, de vez que a Maternidade divina e a colaboração única de Maria na geração humana de Cristo é fato fundamental da Boa-Nova.

Trata-se, pois, é de saber se existem na Escritura provas da Mediação *pessoal, física* de Nossa Senhora na colação atual da graça.

Se encontrarmos no Evangelho provas de que as graças *principais e indispensáveis* em ordem à salvação foram concedidas às almas por intermédio da ação *pessoal e física* de Maria, poderemos concluir dever ser este o *modo constante* de proceder de Deus na concessão da graça. É que, sendo Deus imutável, uniforme deve ser o modo pelo qual comunica às criaturas a participação da vida divina.

Ora, exatamente, o que vemos no Evangelho é a concessão das graças *principalíssimas e indispensáveis* fazer-se pela Mediação *pessoal, física, instrumental* de Nossa Senhora, subordinada a Jesus Cristo. Dizem-no os teólogos nas suas conclusões mais recentes. (30)

(30) As provas escriturísticas que aduzimos não são *revelações explícitas e literais* no sentido estrito da hermenêutica. São, entretanto, algumas delas pelo menos, *revelações implícitas* ou ao menos *virtuais*, da Mediação da Ss. Virgem.

I. A graça *principalíssima, indispensável*, sem a qual não há salvação, é Cristo mesmo, ou seja o Verbo Humanado. E Ele nos veio por Maria, *causa pessoal e física* de sua vida humana: *Maria, de qua natus est Jesus*. “Maria, de quem nasceu Jesús” — diz o Evangelho.

II. Presumível, à luz do Evangelho, que a primeira *graça da fé*, concedida aos homens no conhecimento de Cristo, teve Maria por Medianeira e *Ministra instrumental*. Referimo-nos à graça da fé que receberam os Pastores e os Magos. Efetivamente, o Evangelho nota, com fineza, a presença de Maria na primeira manifestação de Jesús. A respeito dos Pastores, o texto sagrado diz: “E foram com grande presteza e encontraram Maria, José, e o menino deitado na mangedoura.” (31) E a respeito dos Magos: “Entrando na casa, encontraram o menino com Maria sua Mãe.” (32)

À primeira vista, nada mais natural que a presença de Maria junto ao presépio. Mas, se analisarmos o fato, veremos que ele é, sobretudo, um testemunho da Mediação instrumental de Nossa Senhora. “É Maria Ss. — diz um piedoso e culto teólogo — quem está encarregada de mostrar o Salvador... Nesta criancinha que não fala ainda (*infans*) Ela mostra o *Verbo de Deus, o Verbo que está em Deus e por quem tudo foi feito.*” (33) A Ss. Virgem não podia deixar de esclarecer os divinos mistérios e desvendar aos rudes Pastores o que eles não podiam entender. Ela é o *instrumento físico* de que se vale o Espírito Santo para a manifestação do mistério redentor aos primeiros que foram chamados à fé.

O mesmo se deve dizer com relação aos Magos diante de Jesús.

“É uma nova manifestação: a manifestação de sua

(31) Luc. II, 78.

(32) Mat. 2, 11.

(33) Pe. Júio Maria, SDN — Maria e a Eucaristia, cap. XIII, § 2.

realiza; ela deve fazer-se solenemente nos trâmites já adotados, isto é, pela Ss. Virgem.

“É, pois, Maria Ss. quem inicia os Reis Magos no conhecimento verdadeiro de Jesús.” (34)

O autor inspirado não podia notar a presença de Maria sem que esta presença tivesse, na intenção divina, uma finalidade reveladora. A nosso ver, portanto, estes textos evangélicos encerram a revelação implícita ou pelo menos virtual da Mediação instrumental da Mãe de Jesús.

III. Graça insigne de santificação é a de João Batista, para a qual Cristo se antecipa a seu próprio nascimento. E os intérpretes são ácordes em ver no passo evangélico deste relato a Mediação instrumental da Ss. Virgem. De feito, o texto diz: *Et factum est, ut audivit salutationem Mariae Elizabeth, exsultavit infans in utero ejus.* (35) — “E aconteceu que, assim que ouviu Isabel a saudação de Maria, exultou o menino em seu seio.”

Dêste texto dá Leão XIII a seguinte interpretação: “João é santificado no seio materno por um carisma insigne e orna-se de dulcíssimos dons para preparar os caminhos do Senhor: tudo isto, entretanto, *lhe advém da saudação de Maria, que, por divina inspiração, veio visitar sua prima.*” (36)

Amparados pela autoridade do Pontífice, podemos afirmar que a santificação de João Batista, a primeira e a mais excelente, se realiza graças à Mediação instrumental de Nossa Senhora.

IV. As Bôdas de Caná, primeiro milagre de Cristo, “pelo qual deu Jesús início aos seus prodígios e crearam nEle seus discipulos” (37) — eis outro comprovante da Mediação pessoal de Maria, sobretudo no seu aspecto intercessor. Dêste milagre se deve observar:

(34) Idem, ib. § 3.

(35) Luc. 1, 41.

(36) Enc. *Jucunda semper*, 8 de set. 1894.

(37) Jo. 2, 11.

1) Que Cristo o faz antecipando sua hora — “Ainda não é chegada a minha hora” — diz Êle. 2) Que é operado a pedido de Maria. 3) Que êle é causa da fé dos discípulos em Jesús. 4) Que é o princípio dos prodígios, “e a êle se ligam todos os mais, portanto, em razão de continuidade”. (38) Por tôdas estas circunstâncias, com Sto. Tomás (39) somos forçados a ver na cooperação de Maria neste milagre o papel mediador de nossa boa Mãe na santificação das almas.

V. É significativo entre todos os fatos evangélicos, embora de feição pouco convincente, a presença de Maria no Calvário: — “Estava junto à cruz de Jesús a sua Mãe.” (40) Pouco convincente na aparência, talvez porque dito com sobriedade de palavras. Muito significativo, porque relata a presença de Maria no ato culminante da obra redentora. É o sacrifício, para o qual viera o Redentor, é a salvação objetiva do gênero humano, que aí se cumpre, na cruz, junto à qual está Maria.

Ora, se Ela aí está, nesta hora solene, é porque lhe impende alguma função. E os Santos Padres têm dito: esta função é a de *Corredentora*. Mais perto de nós, sancionou esta doutrina o Pontífice Pio XI: “A Virgem dolorosa — diz êle — participou com Jesús Cristo na obra redentora.” (41)

Que é isto senão o pleno exercício da função de Medianeira? Já assinalamos alhures que Maria, no Calvário, ao mesmo tempo que se enriquecia de nova plenitude de graças, exercia universalmente a sua Mediação, dando-nos da mesma abundância de vida que a inundava. E esta Mediação era física e pessoal, fundamento meritório da sua Mediação atual no céu.

(38) Roschini, obra cit., p. 402.

(39) In *Ev. sec. Joan.*, cap. II, L. I.

(40) Jo. 19, 25.

(41) *Explorata res*, de 2 de fev. de 1923.

VI. A presença de Maria ao grande mistério de Pentecostes é, sem dúvida, o mais forte comprovante de que a sua Mediação não se extingue no Calvário. “Todos (os discípulos) perseveravam unânimemente em oração com as mulheres, e *com Maria, Mãe de Jesús.*” — dizem os Atos. (42)

Ainda uma vez, por que Nossa Senhora aí está presente? O Espírito Santo só consigna em narrativas sacras o que encerra uma revelação. Pentecostes é a *primeira aplicação pública* dos méritos do Calvário. Devemos, assim, concluir que tôdas as mais-aplicações dêstes mesmos méritos se farão mediante a intercessão de Maria. Pentecostes, que causou à Mãe de Deus nova plenitude de graça, inaugurou a sua Mediação *operante*, invisível mas real, nas almas de todos os tempos.

* * *

Diante dêstes testemunhos do Evangelho, impõe-se à nossa fé a Mediação de Maria. Querer admitir que Jesús conferiu as *primeiras e principais graças em ordem à salvação* por intermédio de sua Mãe Ss. outrora, e que hoje não mais procede assim, seria negar até certo ponto a imutabilidade divina.

Podemos reduzir a forma silogística esta argumentação. Deduz-se do Evangelho que Deus concedeu as primeiras e principais graças em ordem à salvação e santificação por intermédio da mediação real, física, pessoal e operante da Ss. Virgem, subordinada à Mediação de Cristo. Ora, Deus é essencialmente uniforme nas suas operações. Logo, Ele continua a conceder-nos as suas graças em ordem à salvação por intermédio da Mediação pessoal, física, operante, da Ss. Virgem, subordinada à Mediação de Cristo.

Aos precedentes argumentos da Tradição, do Magistério eclesiástico e da Escritura, poder-se-iam acrescentar os da Liturgia — *Lex orandi est lex credendi* — e os da conveniência teológica.

Mas não há mister para o estudo que empreende-

(42) Atos, 1, 12-14.

mos. Acenamos, como prova litúrgica, para o fato de a Igreja haver aprovado e instituído a festa de *Maria Medianeira de tôdas as graças*; e, como prova de conveniência teológica, rememoramos o capítulo em que tratamos dos “fundamentos da Mediação de Maria.”

Rematemos, com a veemente exortação de São Bernardo: “Busquemos a graça! Mas busquêmo-la por Maria!”

CAPÍTULO V

A MEDIAÇÃO DE MARIA E O CORPO MÍSTICO

Das considerações da Mediação de Maria defluem, necessariamente, as suas relações com o Corpo Místico de Cristo. Tema fecundo e prestável ao desenvolvimento de um livro.

Não vamos, entretanto, senão, tirar conclusões gerais, que nos façam unir, num só e grande amor, a Mãe de Jesús e a sua Espôsa — a Sta. Igreja.

O Corpo Místico de Cristo é a Igreja, sociedade visível e invisível a um tempo, na qual todos nos unimos, sobrenaturalmente, membros à Cabeça — Cristo.

A doutrina do Corpo Místico sintetiza tôda a doutrina cristã sob os aspectos do dogma, da moral, da ascese, da mística, e, como veremos, da própria mariologia. Ao clarão desta doutrina, a devoção à Mãe de Nosso Senhor se ilumina de novos e cintilantes reflexos.

DOUTRINA DO CORPO MÍSTICO

Assim como todos os membros, unidos à cabeça, constituem com ela um só corpo — ensina S. Paulo — assim também todos nós, unidos com Jesús Cristo, formamos um só corpo *místico, sobrenatural*, vivendô uma vida divina, que é a mesma do Verbo Incarnado.

Pode-se distinguir em Cristo como que dupla per-

sonalidade : uma *física*, que é a do próprio Verbo Incarnado; e outra, *mística*, que somos nós unidos sobrenaturalmente a Ele pela fé, esperança e caridade.

A primeira (personalidade *física*) é o resultante da realidade da união hipostática entre a natureza humana e divina na única pessoa do Verbo Incarnado; a segunda (personalidade *mística*) é o resultante da íntima, sobrenatural, e verdadeira união de Cristo, Deus Homem, conosco, pela graça. (1)

Embora *analógica*, esta personalidade deve ser entendida como personalidade *verdadeira*, somente não no mesmo e *total* sentido de personalidade *física*. Transplante-se o conceito de personalidade para a ordem moral, abstraindo-o de todo o seu conteúdo material, e ter-se-á a idêa aproximada de personalidade mística.

Como personalidade verdadeira, a pessoa mística de Cristo tem um *corpo*, uma *alma*, uma *vida*, que lhe são próprias. O *corpo* desta personalidade somos nós e Cristo *fisicamente* tomados e sobrenaturalmente unidos, ou seja, a Igreja visível. A *vida* desta personalidade mística é a divina *caridade*, ou graça de Deus, existente em nós e em Cristo. A sua *alma*, *princípio* da vida de divina caridade, é o Espírito Santo.

Para se viver, portanto, a sua *vida*, isto é, para se estar com a *alma* desta personalidade não bastam a fé e a esperança mortas, sem a caridade ou graça; a fé e a esperança unem-nos ao *Corpo* da pessoa mística de Cristo, mas só a graça nos vincula também à sua alma, que é o Espírito Santo.

(1) Que a nossa união com Cristo no Corpo Místico constitua uma pessoa mística é doutrina positiva de Pio XII na 2. P. da "Mystici Corporis": "Primeiramente é claro — diz o Pontífice — que é uma união estreitíssima; na Sagrada Escritura não só se compara à união do casto matrimônio, e à unidade vital dos sarmentos com a videira e dos membros do nosso corpo com a cabeça (Cf. Ef. 5, 22, 23; Jo. 15, 1-5; Ef. 4, 16) mas descreve-se como tão íntima, que a tradição antiquíssima continuada nos Padres e fundada naquela sentença do Apóstolo: "Ele (Cristo) é a Cabeça do corpo da Igreja" (Col. 1, 18), ensina que o divino Redentor forma com seu corpo social uma única pessoa mística, ou como diz Sto. Agostinho: Cristo todo".

Pode-se, destarte, compreender a expressão *Corpo Místico de Cristo*, como designativo da Igreja. A sociedade instituída por Jesus Cristo, na qual se unem a Ele todos os batizados pela fé, pela esperança e pela caridade, é um *corpo místico*, e sua alma é o Espírito Santo. (2) Quem estiver unido a este corpo somente pela fé e esperança, e não pelo estado de graça, está unido ao *Corpo Místico*, não porém à sua alma, e por isto é um *membro morto*. Quem, embora fora do corpo, por não participar da mesma crença — quais os cismáticos e hereges — está entretanto no estado de graça pela boa fé, pertence à alma da Igreja.

Esta doutrina é, assim, consoladora e tremenda verdade, que nos deve tanto fazer temer a separação do corpo da Igreja pela heresia e de sua alma pelo pecado, como nos deve fazer respeitar a boa fé daqueles, que, ainda não esclarecidos suficientemente, embora de reta consciência, continuam presos ao cisma.

Dêste Corpo Místico é *Cabeça* Jesus Cristo, e somos *membros* todos os cristãos batizados; mesmo os pecadores, que, separados da alma, continuam pela fé vinculados *só ao Corpo* — a Igreja. Da plenitude da Cabeça — Cristo — recebemos todos nós a divina influência da graça.

Enfim, como no corpo humano há diferença de membro para membro, e todos recebem a vida da Cabeça, e comunicam entre si esta mesma vida, assim entre os cristãos em estado de graça. “Como num só corpo temos muitos membros — ensina S. Paulo — e os membros não têm a mesma função, assim, muitos, somos um só corpo em Cristo, e todos e cada um membros uns dos outros.” (3)

(2) Para esclarecimentos pormenorizados sobre a expressão “Espírito Santo,, alma da Igreja”, poderão os leitores consultar: PENIDO — *O Corpo Místico* (Ed. Vozes), cap. XIII, p. 219 e sgs.

(3) Rom. 12, 4.

REPERCUSSÃO DESTA DOCTRINA

Vasta a repercussão desta doutrina em tôda a teologia. No terreno do dogma e da moral, da ascese e da mística, semeia ela as suas benéficas e necessárias consequências. Leia-se, por exemplo, a Encíclica "Mystici Corporis" de Pio XII e ver-se-á o alcance universal de nossa incorporação a Cristo.

Dai, quanto ao dogma, os mistérios da Redenção e da graça. Dai, quanto à moral, os fundamentos da caridade e a noção da gravidade da heresia e da impureza. Dai, com respeito à ascese, o valor da mortificação, que "completa em nós o que falta à Paixão de Cristo em seu corpo que é a Igreja". (4) Dai, quanto à mística, a razão dos carismas diversos distribuidos a membros diversos dêste corpo. (5)

Seríamos por demais extensos quiséssemos enumerar tôdas as relações da doutrina do Corpo Místico. Basta dizer que ela é sùmula de tôda a teologia e o prisma encantador sob que nos aparecem mais belos os mais profundos e lindos mistérios.

A TRÍPLICE IGREJA

Podemos ainda fazer remontar para além do tempo, à casa da eternidade, as multiformes aplicações desta doutrina. O céu e o purgatório unem-se a Cristo Cabeça e a Cristo membros, constituindo conoseo uma só Igreja, considerada sob tríplice aspecto de Igreja *gloriosa, padecente e militante*. E entre nós, as almas do purgatório e os santos do céu, circula, em Cristo e por Cristo, a imensa onda de vida, que é a mesma de nossa Cabeça — Cristo — a quem "o Pai submeteu tôdas as cousas". (6)

(4) Col. 1, 24.

(5) 1 Cor. 12, 4-11.

(6) 1 Cor. 15, 27. Os próprios Anjos — segundo Sto. Tomás — não escapam à comunhão com o Corpo Místico, sujeitos que estão também à divina Cabeça. "De fato, Cristo — diz o grande Doutor — é Cabeça dos Anjos, pois que preside aos Anjos também segundo a humanidade... e enquanto homem ilumina os Anjos e influi sôbre eles". In Ep. Ad Eph. I, Lectio 8.

É a pujante e bela verdade da *Comunhão dos santos*, fundamentada, também ela, na teologia do Corpo Místico.

MARIA E O CORPO MÍSTICO

Mais pormenorizada a consideração que merece o nexó entre o Corpo Místico e sua Mãe — a Ss. Virgem.

Para avaliarmos em tóda a extensão êste nexó profundo, será necessário remontarmos aos *fundamentos*, ao *acabamento* e à *promulgação* do Corpo Místico. Pio XII, na monumental Encíclica sôbre o assunto, nos fornece elementos para esta rememoração.

OS FUNDAMENTOS do Corpo Místico — Vamos encontrá-los na Incarnação, mistério fundamental do Cristianismo. Cristo se torna Cabeça da Humanidade quando assume a natureza humana para lhe comunicar a graça. Como Adão no plano divino devia ser a Cabeça de todo o gênero humano e, pecando, transmite-nos o pecado original, assim Cristo, ao incarnar-se, fêz-se Cabeça da Humanidade, a quem transmite todos os dons sobrenaturais perdidos, mesmo o direito à glorificação corporal. (7)

Eis o que nos diz o Soberano Pontífice: “Sabemos que Deus constituiu o primeiro progenitor do gênero humano em tão excelsa condição, que com a

(7) Êste último ponto, natural conclusão teológica, deduz-se claro da Encíclica “*Mystici Corporis*”. Veja-se PENIDO — *O Corpo Místico*, p. 86, nota 11 à Encíclica: “é certo que o fato de ter o Verbo assumido uma natureza humana repercute sôbre tóda a natureza, valendo-lhe, por ex., o privilégio da ressurreição da carne”. E no Cap. III, § 1., p. 129: “O fato de se ter Cristo feito “nosso consanguíneo num corpo passível e mortal” (E, 46, 31) tornando-se irmão de todos os homens sem exceção alguma (E, 68, 8), nobilitou-os a todos, valendo-lhes a todos o privilégio da ressurreição”.

Este fato — concluímos nós — é também o principal fundamento, teológico de conveniência da Assunção de Maria. Foi Maria, por assim dizer, o órgão de nossa incorporação a Cristo, e causa, d’algum modo, do insigne privilégio da ressurreição, que havemos em Cristo. Não era, assim, conveniente, que êste órgão nos antecipasse na fruição de tão insigne privilégio?

vida terrena transmitiria aos seus descendentes a vida sobrenatural da graça celeste. Mas depois da triste queda de Adão tôda a humana linhagem, infeccionada pela mancha original, perdeu o consórcio da natureza divina (cf. 2 Ped. 1,4) e todos ficamos sendo filhos da ira. (Ef. 2,3) Deus porém na sua infinita misericórdia “amou tanto ao mundo que lhe deu o seu Filho unigênito”; (Jo. 3,16) e o Verbo do Eterno Padre, com a mesma divina caridade, revestiu a natureza humana da descendência de Adão, mas inocente e imaculada, para que do novo e celeste Adão dimanasse a graça do Espírito Santo a todos os filhos do primeiro pai; e êstes que pelo primeiro pecado tinham sido privados da filiação adotiva de Deus, pelo Verbo Incarnado, feitos irmãos segundo a carne do Filho unigênito de Deus, recebessem o poder de virem a ser filhos de Deus. (cf. Jo. 1, 2)”

Na Incarnação, portanto, os lineamentos do Corpo Místico, ou da Igreja. E qual a causa *material, física*, dêste mistério?

Maria, “de quem nasceu Jesús.” (8) Foi pelo seu consentimento, foi de seu sangue, foi sob seus carinhos de Mãe, que se fez a Igreja na sua realidade fundamental. E é por isto que seu “Fiat” era o consentimento da Humanidade tôda à união com Cristo, como ensina o Doutor Angélico. (9)

O ACABAMENTO do Corpo Místico — Os fundamentos lançados na Incarnação tiveram seu acabamento no Calvário. Ai se concretiza a realidade do Corpo Místico. Ai nasce a Igreja “do lado entreaberto de Cristo”, como ensina Pio XII citando o grande Ambrósio. “E é pela virtude da cruz — diz o Pontífice — que o Salvador, *constituído Cabeça de tôda família humana já desde o seio da Virgem*, exerce plenamente o seu múnus de Cabeça da Igreja.”

Efetivamente, do sacrificio de Cristo promana tôda a plenitude de graças que é aplicada às almas. A fonte

(8) Mat. 1, 16 (9) *Summa Theol.* IIIa. P. Q. 30, a. 1.

das graças é a Cabeça, Cristo, mas disposição foi do Pai que os membros começassem a receber esta divina plenitude de seu lado trespassado.

Ora, quem tornou possível o sacrificio de Cristo? Foi Maria. Deu-lhe a matéria, que é o sangue. Preparou a Vítima do divino sacrificio. “Maria — diz Pio X — tinha por missão preparar uma Vítima para a salvação dos homens, nutri-la e apresentá-la no dia querido por Deus ao altar dos holocaustos.” (10)

Mas, sobretudo, por disposição celeste, esteve Ela presente a êste divino holocausto e completou-o d’algum modo com a oblação materna. Já o observamos em diversas partes dêste livro. Mãe do Corpo Místico em seus fundamentos na Incarnação, tornou-se Mãe sobretudo em seu acabamento na Redenção do Calvário; “de modo que, a que era fisicamente Mãe de nossa divina Cabeça, foi, com novo titulo de dor e de glória, feita espiritualmente Mãe de todos os seus membros” — diz Pio XII. (11)

PROMULGAÇÃO do Corpo Místico — Pentecostes é a promulgação da Igreja, a primeira aplicação pública e solene dos frutos da Redenção aos membros do Corpo Místico.

E aí também está Maria. E está com uma função medianeira, que prolonga a função corredentora do Calvário. “Foi Ela que com suas efficacissimas orações obteve que o Espírito do divino Redentor, dado já na cruz, fôsse depois em dia de Pentecostes conferido com aqueles dons prodigiosos à Igreja recém-nascida.” (12)

Por isto mesmo, era conveniente fôsse Ela a primeira a receber copiosamente a divina efusão do Paráclito. E por isto ainda, Pentecostes é a inauguração visível de sua invisível Mediação. (13) Assim como a Igreja nasceu no Calvário e manifestou-se no Cenáculo, também a Mediação operante de Maria, nascida aos pés da cruz, inicia-se na vinda do Espírito Santo. O

(10) Encíclica no Jubileu da Imaculada.

(11) e (12) *Mystici Corporis* — Epilogo.

(13) Cf. Cap. VI da I.^a P. dêste livro.

ofício de Mãe do Corpo Místico, de que Jesú s a investiu no Calvário — diz Leão XIII — “Ela desempenhou-o magnânima, encetando-o auspiciosamente no Cenáculo.” (14)

Vê-se nesta triplíce fase gradativa por que passou o Corpo Místico — fundamentos na Incarnação, nascimento na Redenção, promulgação em Pentecostes — como Maria a tudo preside, inseparável de Cristo, a uma com Cristo, realizando, em sua totalidade, a obra mediadora do Corpo Místico.

MEDIAÇÃO E CORPO MÍSTICO

A obra mediadora de Maria relativámente ao Corpo Místico não se consumou com o mistério de Pentecostes, nem com a Assunção gloriosa.

O ponto nuclear da doutrina do Corpo Místico é que este Corpo transcende o espaço e o tempo, projetando-se na eternidade.

No céu, localizadamente, dir-se-ia, é que está a fonte de vitalidade do Corpo Místico. Alí vive a Cabeça, que é Cristo; “tendo feito a oblação de si mesmo uma só vez, entrou no santo dos santos, no tabernáculo não feito por mão de homem, onde vive sempre para interpelar por nós” — diz São Paulo. Em tórno d’Ele, Cabeça, agrupam-se os milhares de membros glorificados. A Ele volvem os olhos os membros padecentes e militantes. Todos recebem de sua plenitude e oram mediante a sua prece. Todos sobrenaturalmente vivem da efusão desta vida, que desce da Cabeça. Efusão de vida que é *glória indefectível* para os Santos, *graça confirmada* para os Padecentes, *graça amissível* para os Militantes.

Ora, era imprescindível, necessário, de uma necessidade lógica, que ao lado d’este universal Mediador estivesse também a universal Medianeira, visto como a

(14) Adjutricem Populi, de 5 set. 1895.

glória é o desabrochar necessário da graça. Eis um dos argumentos dogmáticos da Assunção.

Inseparável e querida por Deus a sua união estreitíssima à Cabeça e a todos os membros do Corpo Místico, no céu há-de se prolongar o que na terra não sofreu interrupção.

Na eternidade, Ela continua a ser o membro *principal* do Corpo Místico, o membro mais unido à Cabeça, o membro *intermédio* das comunicações divinas. Por isto, chamam-na os Padres "Pescoço do Corpo de Cristo" ou "Pescoço da Igreja". Assim São Roberto Belarmino:

"Cristo é a Cabeça da Igreja e Maria é o seu pescoço. Todos os favores, tôdas as graças, tôdas as influências celestes vêm de Cristo, como da Cabeça; e tôdas descem ao Corpo por Maria, assim como é pelo pescoço que a cabeça vivifica no organismo todos os membros. Há no corpo do homem mais de u'a mão, mais de um braço, mais de uma espádua, mais de um pé; mas uma única cabeça, um só pescoço. Assim vejo na Igreja mais de um Apóstolo, muitos mártires, muitos confessores, muitas virgens; mas na Igreja não existe senão *um* Filho de Deus e senão *uma só* Mãe de Deus." (15)

* * *

É uma analogia o emprêgo da palavra "pescoço" para designar a função mediadora de Maria na Igreja; como são analogias as palavras "cabeça" e "membros" e a própria palavra "corpo". (16) Designam realidades materiais, que devem ser transplantadas para a

(15) Cit. por Terrien, obra supra, vol. III, p. 574.

(16) Não vai aqui espaço para dissertarmos sobre analogia e darmos a conveniente aplicação à doutrina do Corpo Místico. E nem estas páginas, escritas para o povo, comportá-lo-iam. Por amor à precisão teológica, limitamo-nos a mencionar que se trata de analogia. Os desejosos de pormenores poderão compulsar: Pe. Dr. M. T. L. Penido— O Corpo Místico, cap. VI (Ed. "Vozes") e do mesmo autor: "A função da analogia em Teologia Dogmática" (Ed. "Vozes").

ordem sobrenatural. E assim as suas funções designam, com propriedade, as funções sobrenaturais de Cristo e de Maria na dispensação da graça e a nossa receptividade da graça como membros; numa palavra, exprimem todo o mecanismo sobrenatural de nossa união com Deus na sociedade da Igreja.

Dai se vê claro que Maria tem u'a mediação operante unida inseparavelmente à de Cristo, embora dela distinta, porque secundária. Dai se vê também que esta mediação não é só de *prece*, mas de *influência sobrenatural* nos membros do Corpo Místico. É, portanto, mediação de causalidade *física, instrumental* secundária na ordem sobrenatural.

Mais. Assim como é universal, para tôdas as graças, a influência de Cristo Cabeça, também universal, para tôdas as graças, é a influência de Maria, "peçoço do Corpo Místico".

"A que se destinam tôdas as graças, sem exceção?" — pergunta o Pe. Terrien. E responde: "A realizar em nós o acabamento de Jesús, a fazer dos cristãos não sòmente outro Cristo por imitação do Primogênito, mas o Cristo *total*". (17) Já Sto. Agostinho dissera que "Cristo todo" é "Cristo e nós".

As graças agora dispensadas se destinam, pois, ao acabamento do Corpo Místico ou Igreja. Maria, que gerou Cristo Cabeça, completa atualmente, por mediação operante, real e física, a sua Maternidade espiritual, formando os membros.

A Mediação de Maria é, já se vê, corolário da doutrina do Corpo Místico. E esta doutrina é a sua mais valiosa prova teológica e o seu mais lúcido esclarecimento.

DUPLA FUNÇÃO MEDIADORA

No Corpo Místico os membros são dependentes da Cabeça, formando com ela perfeita unidade, mas distintos, constituindo-se em indivíduos. E isto, ainda na

(17) Op. cit. L. V., ch. I, n. II.

ordem da graça. Na Igreja formamos um corpo social, mas nem por isto a Igreja absorve a nossa personalidade de cristãos, de membros distintos embora dependentes do Corpo Místico. (18)

Dai, relativamente ao papel mediador, seja de Cristo, seja de Maria, a distinção de dupla função mediadora: uma *social*, outra *individual*. Cristo é Cabeça de *cada* membro, e de *todos* os membros em conjunto. Maria é "percoço místico" para *todo o Corpo* da Igreja e para *cada* membro dêste Corpo.

A Mediação de Maria, deve, assim, ser considerada não só relativamente a *cada alma*, mas relativamente à sociedade de *tôdas as almas*.

Ela é a Medianeira dos cristãos e a Medianeira da Igreja.

Esta observação descortina ao nosso espírito as mais íntimas relações entre a Espôsa e a Mãe de Cristo. São as duas Mães Místicas da Humanidade, que nos aparecem unidas numa só e mesma função santificadora das almas.

Como Maria se nos afigura grande e encantadora ao lado da Igreja! E como esta, por sua vez, se torna deslumbrante e atraente ao lado de Maria!

A Igreja recebe tôda a sua fecundidade da Mediação de Maria. Maria realiza a sua fecundidade materna e mediadora na sacramentalidade da Igreja.

Os sacramentos, prolongamento da Humanidade de Cristo em sua função mediadora, são, por isto mesmo, prolongação mística da função materna de Nossa Senhora.

Particularmente o Sacramento do Altar, síntese da Mediação de Cristo no mais completo sentido, é Maria misticamente presente na Igreja para assisti-la com os encantos da presença real, enriquecê-la com o esplendor do Sacrifício, e sustentá-la e fortificá-la e nutrí-la

(18) Sirva da confirmação do que dizemos a condenação de erros defluentes da idéia contrária. Cf. a 2a. parte da cit. enciclica de Pio XII.

com a fecundidade da Comunhão eucarística, que é carne tirada de sua própria carne.

Numa palavra, pelos sacramentos, prolongamento da Humanidade Santa, e cujo recebimento é devido à intercessão de Maria, realiza-se na Igreja a dupla função mediadora — social e individual — da Mãe do Corpo Místico. Os sacramentos beneficiam cada alma, beneficiando a Igreja inteira.

CONCLUSÃO

Grande, portanto, o amor com que devemos unir em nossos corações de filhos estas duas Mães sem par: Maria e a Igreja.

O verdadeiro cristão, nunca poderá separar o que Deus tão estreitamente uniu.

“É ao pescoço da Mãe que o filhinho enlaça ternamente os braços” — diz o Pe. Lhoumeau, numa expressão feliz. (19) E Maria é o “pescoço” de nossa Mãe, a Igreja: — *Collum Ecclesiae*.

Prova de verdadeira afeição à Igreja será estarmos sempre unidos a Maria por uma devoção terna e esclarecida.

(19) A. LHOUMEAU — A' Pécole du B. de Montfort,

CAPÍTULO VI

A MEDIAÇÃO DE MARIA E O SS. SACRAMENTO DO ALTAR

Admitida a Mediação universal de Maria, inseparável da Mediação de Cristo e a ela subordinada, inferem-se para logo as suas relações íntimas com o adorável Sacramento do amor.

É que a Eucaristia é o Sacramento por excelência da mediação atual de Jesús. Tôda a ação mediadora de Cristo aí se desenvolve e aí se realiza em plenitude pelo *sacrifício*, pela *presença*, pela *comunhão sacramental*. A presença eucarística prolonga e realiza a mediação *ontológica* dAquele que, pela sua Humanidade, medeia entre Deus e nós — *nobiscum Deus*; o sacrifício eucarístico estende-lhe a mediação *operante*, propiciatória, expiatória, impetratória; a comunhão sacramental realiza, completamente e indispensavelmente, as mesmas mediações *operante* e *ontológica* com relação a cada alma que comunga.

Doutra parte, este sacramento é por excelência, ainda, o *sacramento social da Igreja*, Corpo Místico. É a fonte da vida divina, que desce da Cabeça para os membros. É o manancial sagrado, donde haure a Igreja, enquanto *corpo social*, a torrente da graça que a vivifica. A ação sacrificial que aí se efetua e renova é também a prece coletiva do Corpo Místico e a sua oblação comum e única. Por ela é que tôdas as oblações humanas tomam sentido e vida, assim como no holocausto do Calvário receberam razão de ser e se

transformaram em méritos as dôres tôdas da humanidade.

Numa palavra, que sintetiza tudo: a Eucaristia é o *centro da Mediação universal*. (1)

Maria Ss. é a Medianeira universal secundária, subordinada Àquele que é o Mediador e a essência da Eucaristia — Jesús Cristo: Logo, Maria Ss. está em relação íntima com êste augusto mistério.

Esta relação, como se verá, não é simplesmente *moral e mediata*. É *atual, imediata, real*.

PRINCÍPIOS GERAIS

É princípio universalíssimo sôbre a Eucaristia que ela é o prolongamento da Incarnação e da Redenção. Por ela Deus Incarnado, Jesús Cristo Deus-Homem, continua presente no seio da humanidade e se dá como alimento aos homens. Por ela, o sacrificio do Calvário, que nos remiu, se projeta através dos séculos, fazendo as aplicações multiformes da graça às nossas almas.

É, pois, a Eucaristia, essencialmente, o sacramento da *Humanidade de Cristo, realmente presente, sacrificando-se e dando-se em alimento*. Não é a presença da Divindade sômente. Nem tão só uma presença *virtual* da Humanidade Santíssima, como os demais sacramentos. E esta presença real do Deus-Homem se destina ao sacrificio e à alimentação das almas.

São êstes aspectos teológicos bem marcados que nos mostram a excelência da Eucaristia sôbre os demais sacramentos. Os outros nos comunicam as *virtudes sobrenaturais* que a Humanidade de Cristo nos adquiriu no sacrificio da cruz. Êste encerra — observa o Angélico — *mais que as virtualidades da Humanidade de Cristo*; (2) encerra substancialmente a própria

(1) "O mistério da Ss. Eucaristia, instituida pelo Sumo Sacerdote Jesus Cristo e por sua vontade perpétuamente renovada pelos seus Ministros é a cúpula e como que o centro da Religião Cristã". — Pio XII — MEDIATOR DEI. P. II, 1., n.º 62.

(2) *Summa Theol.* IIIa. P. Q. 65, art. 3.

pessoa do Deus-Homem. E não prolonga somente as virtudes do sacrifício redentor; renova-as; é o mesmo sacrifício essencialmente idêntico ao do Calvário. (3)

Ele pode designar-se com o nome de *Sacramento da Encarnação e da Redenção*.

E porque êstes mistérios são, necessariamente, mistérios do *corpo* ou da *Humanidade* de Cristo, denomina-se o Sacramento que os reproduz — *Sacramento do Corpo de Cristo*.

Outro princípio não menos universal, porque conclusão do precedente, é que o plano divino uniu em unidade infrangível os três mistérios: Encarnação, Redenção e Eucaristia.

Distintos cronologicamente, completam-se êles, necessariamente, visando a uma só finalidade: comunicação entre Deus e o homem pela graça e pela união mais insigne.

A Encarnação é o fundamento da Redenção e da Eucaristia. A Redenção completa a Encarnação e lhe dá razão de ser. A Eucaristia reduz ambas à perfeita unidade de fim e de objeto. Fim: nossa união perfeita com a Divindade pela Humanidade de Cristo. Objeto: Deus-Homem, prolongando sua presença e seu sacrifício no seio da Igreja.

* * *

Fácil é inferirmos dêstes princípios a posição de Maria relativamente ao mistério eucarístico.

Ela exerceu na Encarnação um papel fundamental à tôda a obra redentora. Não se pode dizer que o Verbo incarnou sem se afirmar a ação vicária de Maria em nome da Humanidade.

Não menos real a sua função no sacrifício redentor. Função *mediata* primeiro, porque o sacrifício de Cristo não se daria sem o corpo e sangue recebidos de Maria. Função também *direta* e *imediata*, pois Deus a quis associada ao Redentor no Calvário pela comunhão de dores e oblação com a divina Vítima.

(3) Conc. Trid. Sessão XXII, Cap. 2.

Concludentemente, a sua união com a Eucaristia, que prolonga e renova a Incarnação e a Redenção, deve ser a mais íntima e profunda. Ela deve continuar aí sua mediação operante fundamentada naqueles divinos mistérios.

Tôda a vida de Cristo se resume em dois fatos, reproduzidos na Eucaristia: presença e sacrificio. E ambos êstes mistérios, deve-os Cristo à sua Mãe.

Maria lhe deu estar presente e poder imolar-se pelos homens outrora, há vinte séculos. E, como é pela mesma Humanidade que outrora o tornou presente e capaz de imolar-se que Êle agora continua presente e se imola, devemos dizer, teològicamente, que o mistério eucarístico está em relação estrita, não só de origem, mas de dependência atual, com a Virgem Mãe de Deus.

Pormenorizemos.

MEDIAÇÃO E PRESENÇA REAL

A realidade fundamental no mistério eucarístico é a presença real de Cristo sob as espécies. Só a presença de Jesús pode dar objetividade ao sacrificio e à comunhão. Daí o motivo por que os teólogos da idade média, notadamente Sto. Tomás, tanto se preocuparam com resolver as dúvidas relativas ao modo da *presença* de Cristo na Eucaristia. (4) Não que desprezassem no Sacramento as riquezas do sacrificio. É que lhes parecia básico acentuar a *presença real* antes de ilustrar outros aspectos eucarísticos. Cristo não pode imolar-se nem se dar em alimento sem estar presente. A presença real, já se vê, é ponto fundamental na teologia eucarística.

Mas Cristo aí está presente pela Mediação de Maria. Eis um postulado teológico que nos parece inegável.

(4) Summa Theol. IIIa. P. Q. 76, art. 1 a 8.

Primeiramente, a presença de Jesús na Eucaristia se dá mediante a Humanidade santa de Cristo. É a carne de Cristo que aí está presente segundo as palavras de instituição deste sacramento. A propósito, o Padre Faber doutrina algures, com base muito teológica, o seguinte: no Sacramento do altar, o que se propõe em primeiro plano à nossa fé e ao nosso amor é a Humanidade de Jesús, e não a sua Divindade. A Divindade aí está como *por concomitância*. As próprias palavras da instituição deste sacramento o indicam: "*Isto é o meu corpo que será entregue por vós*"... Cristo não nos fala da sua Divindade presente no sacramento. Fala-nos, explicitamente, do seu *corpo* e do seu *sangue*. De sua *Humanidade*, portanto. Nas promessas do divino manjar, em Cafarnaum, a mesma particularidade arrebatadora: "*O pão que vos darei é minha carne*"... Tudo, tudo, a indicar a presença de Cristo enquanto *Homem*, na sua função de Mediador. Não é isto o mesmo que afirmar a mediação de Maria na presença eucarística?

Remotamente, mediatamente, a presença eucarística é devida à mediação de Nossa Senhora. É uma consequência lógica do primeiro "*fiat*" da Incarnação. *Causa causae est causa causati*.

Em segundo lugar, a *presença* de Cristo no sacramento é a maior e a mais excelente de tôdas as graças, pois Cristo em sua Humanidade é o instrumento principalíssimo comunicador da graça. Ora, sabemos que toda e qualquer graça, não só remota mas atualmente, é devida à Mediação de Maria segundo a determinação divina. É o que temos expendido nos capítulos precedentes. Logo, a graça das graças, que é a presença atual do instrumento universalíssimo da graça, depende da Mediação atual da Santíssima Virgem.

A função atual da Ss. Virgem na dispensação da graça, analisámo-la precedentemente. (5) Interceder, consentir, e por influxo sobrenatural causar instrumental-

(5) Cf. P. II, Cap. III deste livro.

mente, de modo secundário, cada graça celestial — eis a sua função mediadora universalíssima. Ora, a presença sacramental de Cristo, a se renovar cada vez que o sacerdote consagra, é uma graça fundamental para a Igreja coletivamente e para cada alma.

É de concluir-se, portanto, do fato da Mediação atual, que a Virgem Medianeira de tôdas as graças intercede, consente, e sobrenaturalmente colabora, segundo a vontade divina, na aplicação dos frutos de graça advindos do fato de Jesús Cristo estar corporalmente presente no altar em cada Missa, ou depois dela. Mais: Nossa Senhora há-de mediar sempre, à sua maneira, para o fato mesmo da presença corporal do Filho.

A presença eucarística é uma graça devida, pois, secundariamente, à Mediação universal de Maria.

Não que postulemos para a Ss. Virgem funções sacerdotais na consagração do Sacramento. Está longe da sã teologia esta aberração de pseudo-doutrina. Advogamos, sim, a causalidade mediadora instrumental da Ss. Virgem na dispensação das graças, o que sobrepuja de muito o sacramental sacerdócio. É uma função única em sua espécie. Maria é a Mãe de Cristo Homem, a quem devemos nosso sacerdócio participado, e é Mediadora universal com Cristo, e d'Ela advém a graça do ministério que desempenhamos.

Resumindo com exação teológica: Jesús Cristo fica presente na hóstia pela forma consecratória que pronunciamos sôbre a devida matéria. Mas a graça insigne da presença de Cristo, bem como os seus frutos, é um dom da Mediação universal da Mãe de Deus.

MEDIAÇÃO E SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO

Se a presença de Cristo no Sacramento do altar é o fundamento da objetividade da ação sacrificial e da comunhão — porque Cristo não pôde aí se oferecer nem dar-se em alimento sem estar presente — é contudo fora de dúvida que o *sacrifício eucarístico* é como a medula dêste grande mistério da fé. É a finalidade

da instituição da Eucaristia. E é nele que a Eucaristia se consagra e começa a existir cada vez que o Padre celebra. A comunhão, que é o termo da Eucaristia, não é senão *parte integrante* do Sacrifício eucarístico, e sob este prisma é que ela assume primária importância *subjctiva* na vida cristã. Assim doutrina a Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII. (6)

Não há, pois, negar o relêvo que tem na economia da vida da graça o Santo Sacrifício da Missa. É por êle que se aplicam à Igreja atualmente as riquezas da cruz. Todo o mundo sobrenatural, vivendo a vida da graça, se abeira do altar. Dai jorram as misteriosas "fontes do Salvador", comunicando os dons de salvação.

Ora, tôdas as graças nos vêm *por Maria e de Maria*. Logo, Maria exerce atualmente sua função mediadora no Sacrifício Eucarístico. É conclusão lógica, inegável.

Basta a noção exata, teológica, a respeito do Sacrifício Eucarístico, para mostrar-nos que não há qualquer impossibilidade duma mediação atual da Virgem Ss. neste divino mistério.

* * *

Que é o Sacrifício Eucarístico? Responde a Encíclica *Mediator Dei*: "O augusto Sacrifício do altar não é... uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Cristo, mas um verdadeiro e pròpriamente dito sacrificio, *no qual, imolando-se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz o que fêz sôbre a Cruz, oferecendo-se totalmente ao Pai Eterno como hóstia gratíssima.*" (7)

Ressalta desta definição a substância mesma do

(6) Veja-se P. II, ns. 108-113. Entre outros tópicos expressivos: "O augusto Sacrifício do altar conclui-se com a Comunhão do alimento divino. Mas, como todos sabem, para haver integridade do mesmo Sacrifício sômente se requer que o sacerdote comungue, não também o povo — conquanto isto seja muito para desejar". (n.º 108) "A Sagrada Comunhão pertence à integridade do Sacrifício e à participação nele; e, enquanto é absolutamente necessária por parte do ministro sagrado, por parte dos fiéis é sômente muito recomendável". — (n.º 111).

(7) Parte II, n.º 64.

Sacrifício da Missa: *nele, imolando-se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz o que fêz sôbre a cruz. E' a mesma ação sacrificial do Calvário que se passa misteriosamente sôbre o altar.*

“Uma e mesma é a Vítima — doutrina o Concílio Tridentino. E Aquêle que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz, divergindo, apenas, o modo de oferecer.” (8)

E aqui começam as relações sem par dêste sacrifício com a Ss. Virgem. A Vítima, que no altar se imola, é a mesma Vítima que, no dizer do Papa Pio X, “Maria tinha por missão preparar... nutrir e apresentar, no dia querido por Deus, ao altar dos holocaustos.” (9) “E' idêntica a vítima — diz por sua vez Pio XII — isto é, o divino Redentor, *segundo a sua natureza humana e na realidade de seu corpo e de seu sangue.*” (10)

Imola-se no altar e aí se oferece Cristo com aquilo que êle recebeu exclusivamente de Maria: corpo e sangue. “De fato — diz Pio XII — pela “transubstanciação” do pão no corpo e do vinho no sangue de Cristo, tem-se realmente presente tanto o seu corpo como o seu sangue; as espécies eucarísticas, sob as quais está presente, simbolizam a cruenta separação do corpo e sangue. Assim, a comemoração da sua morte, que foi real no Calvário, repete-se em cada sacrifício do altar, porque, por meio de símbolos distintos, Jesús Cristo é significado e se nos mostra em estado de vítima.” (11) Jesús Cristo aí se imola, portanto, mediante o que recebeu de Maria. Profundas relações entre Maria e o divino sacrifício!

* * *

Estas relações, entretanto, embora reais, reportam-se antes à *origem* da Vítima, que à *ação sacrificial* mesma presente sôbre o altar.

(8) Conc. Trid. Sessão XXII, Cap. II, cit. na MEDIATOR DEI.

(9) AD DIEM ILLUM, de fev. de 1904.

(10) MEDIATOR DEI, n.º 66.

(11) Ibidem.

Mas, exatamente na *ação sacrificial* da Missa é que vamos encontrar mais profunda relação entre Maria e Jesus imolados místicamente. É que entre a Missa e o Sacrifício do Calvário não existe tão só identidade de Vítima; existe *identidade substancial* completa.

Não há diferenças, senão acidentais, entre o Sacrifício da Missa e o do Calvário. Há *identidade substancial* entre os dois. Tudo o que pertence à substância do Sacrifício da cruz, na sua *essência* e nas suas *partes integrantes substanciais* segundo a vontade divina, aí se repete na ordem da graça, sobre o altar. Não importam os *acidentes externos, não integrantes* da divina oblação. O que importa é a substância idêntica da *Vítima, do Sacerdote, da Oferenda, dos fins* do divino Holocausto, que devem subsistir no altar *substancialmente*, ainda em suas *partes integrantes*, embora de modo diverso do que subsistiam no Calvário.

Ora, a esta altura, perguntamos: não é parte *integrante* da *Oferenda e Imolação* de Cristo no Calvário, a oferenda e imolação de Maria, Corredentora do gênero humano? Eis o que nos parece inegável em face do desenvolvimento da moderna mariologia.

A Corredenção de Maria, a que acenamos em várias partes desta obra, é hoje universalmente admitida, como *parte integrante* da Redenção. É o que me parece poder afirmar-se com plena exatidão doutrinária. Não é um dogma de fé. Mas negá-lo seria romper com algo de excessivamente positivo na tradição universal com fundamentos no Evangelho. (12)

Embora a colaboração de Maria na Redenção fôsse totalmente dispensável, Deus a quis como parte integrante do divino sacrifício. E assim já não podemos separar da oferenda e imolação do Redentor a oferenda e imolação da Corredentora.

Sabido, pois, que o sacrifício do altar é *substancialmente idêntico* ao sacrifício do Calvário, é forçoso

(12) Veja-se o estudo completo e rico de ROSCHINI sobre a Corredenção, em MARIOLOGIA, Tom. II, p. 251 e seguintes. (Belardetti editor — 1947).

dizer que nele se inclui, também, a função corredentora de Maria.

Nossa Senhora não só ratifica e renova a sua oblação materna no instante de cada consagração, mas esta consagração já a contém místicamente em virtude da identidade do sacrificio incruento com o sacrificio cruento. (13)

Demais, a Missa é aplicação atual dos méritos adquiridos no Calvário. (14) Ora, quanto ali se adquiriu é mérito, também, a título secundário, mas real, de Maria. *Beata Virgo de congruo meruit quod Christus de condigno* — é axioma unânime dos teólogos. Logo, Maria tem uma participação efetiva no sacrificio místico dos altares.

De difficil alcance, sem dúvida, a elevação dêste mistério. Sua explicação segue de parrelha com a explicação do Sacrificio Eucarístico. Como é que o Sacrificio do altar reproduz e renova místicamente o Sacrificio do Calvário? Como se dá, sob as espécies eucarísticas, a mesma ação sacrificial da nossa Redenção?

Com os dizeres com que respondermos a estas interrogações, é que deveremos responder ao “como” da cooperação atual de Maria Medianeira no Sacrificio Eucarístico.

Devemos, assim, afirmar que entre o Sacrificio Eucarístico e a Mãe de Deus existe mais que “relação”; existe “união” estreitíssima, a-ponto-de se poder dizer

(13) “Por isto — conclui afoitamente o Pe. Júlio Maria num estudo luminoso sôbre o assunto — quando na Santa Missa o Sacerdote pronuncia hoje a palavra que faz o Sacrificio, pode-se dizer que a palavra de Maria Ss. junta-se à sua palavra, pois cada Missa é o Sacrificio do Calvário reproduzido mais uma vez. E se é em virtude desta primeira imolação, que tôdas as outras imolações se sucedem sôbre nossos altares o é igualmente cada vez, em virtude do consentimento de Maria”. — MARIA E A EUCARISTIA p. 384.

(14) “O augusto Sacrificio do altar é um instrumento maravilhoso para distribuição, pelos crentes, dos méritos da Cruz do Redentor: “sempre que se oferece êste Sacrificio, completa-se a obra de nossa Redenção”. (Missal Rom., Secreta do IX Dom. depois de Pentecostes). — MEDIATOR DEI, de Pio XII.

que Ela continua a ser aí a Corredentora e Mediadora com Cristo e por Cristo.

COMUNHÃO EUCARÍSTICA E MEDIAÇÃO

O termo da Eucaristia é o coração do homem. Ela é presença e sacrifício que se completam e aplicam subjetivamente a cada um de nós pela comunhão. As riquezas da Eucaristia se esvaecem para o bronco coração que não quer jamais provar as doçuras desta união de amor. Só terá a vida que jorra do sacrifício e da presença de Cristo aquêle que a Cristo se unir pela comunhão. “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”, sentenciou Jesús. (15)

Dêste ponto de vista, a graça-síntese da Eucaristia é a Comunhão. Por ela participa a alma vivamente do Sacrifício de Cristo e lhe frui a dulcíssima presença. A Comunhão torna-se graça das graças, cúmulo e resumo de tôdas, encerradas na fonte e autor de tôdas — Cristo — que nela se recebe.

Neste sentido, exatamente teológico, deve-se dizer que a graça da Comunhão é devida à Mediação de Maria. Nenhuma graça, por excelente e extraordinária, já observamos, foge à lei da universal intercessão e dispensação da augusta Medianeira. Receber o corpo e sangue de Cristo é um dom da munificência materna de Maria.

Há, entretanto, outro aspecto das relações entre a Virgem Ss. e a Comunhão, não menos teológico e de vastíssimas repercussões na piedade eucarística. Refiro-me ao pensamento, familiar aos santos, e tão natural, de que a Comunhão é o prolongamento da função materna de Maria relativamente a nós. Pela Comunhão Nossa Senhora nos alimenta com a “carne que foi tomada de sua própria carne.”

Demos a palavra ao ilustrado teólogo Padre Terrien, que nos expõe com mão de mestre esta delicada doutrina:

(15) Joan. 6.

“Confessamo-lo — diz êle — há um sentido segundo o qual se pôde dizer em verdade, que, na Comunhão, recebemos a carne de Maria. Sem dúvida, um é o corpo da Virgem Ss., outro o de seu Filho. Nada na Mãe pertence pròpriamente ao Filho; nada no Filho pertence pròpriamente à Mãe. Pois que são duas naturezas e duas pessoas absolutamente distintas em tudo o que os constitui. Mas isto ainda não impede que a carne de Jesús seja de algum modo a carne de Maria. Se Judas pôde dizer a seus irmãos falando de José: “êle é nosso irmão e *nossa carne*”; com mais razão pode u’a mãe chamar ao fruto de suas entranhas não sòmente seu filho, mas sua carne, de vez que a carne do filho vem originàriamente da carne materna como de seu principio.

Ora, o que é verdade a propósito de tòda mãe, é-o sobremaneira a propósito de Maria. Primeiramente, porque, sendo mãe virgem, ninguém partilha com Ela o privilégio de ter formado de sua substância o corpo do divino Filho. Em segundo lugar, sua influência materna sobrepuja em intensidade, se assim posso dizer, à de qualquer outra mãe; pois Jesús não é tão só o fruto de seu corpo, mas também, e principalmente, de seu coração, de sua humildade, de sua fé, de seu amor, de sua virgindade, numa palavra de tòdas as suas virtudes, que, do seio do Pai, arrebataram o Verbo e o trouxeram às suas entranhas. Finalmente, o duplo amor que, nas gerações comuns, une tão estreitamente o filho à mãe, atinge em Maria incomparável grau de perfeição: não foi em virtude de amor humano, por mais puro, que Ela concebeu o Filho amado do Pai, mas pelo Amor incriado, que é o Espírito Santo; além disto, o amor que lhe faz amar esta carne de Cristo, como sua carne, e mais que sua carne, não pode ter similar, pois que Ela a ama como a carne de seu Deus.” (16)

Esta verdade toma importância quando a ilumina-

(16) Op. Cit., Vol. II, cap. II, p. 48-49.

mos com a luz daquele princípio fundamental na teologia eucarística: o que em primeiro plano é proposto à nossa fé, amor e manducação, sob as espécies sacramentais, é a Humanidade Santa de Jesús Cristo.

Neste sentido, a Comunhão é, verdadeiramente, o Sacramento da Mediação universal de Nossa Senhora, ou o Sacramento de sua Maternidade Espiritual.

Eis por que a Igreja canta, com sobriedade de termos e opulência de doutrina, na liturgia da Quinta Feira "in coena Domini":

*Nobis datus, nobis natus
Ex intacta Virgine...*

E noutro hino litúrgico:

*Ave verum corpus,
Natum ex Maria Virgine,
Vere passum, immolatum
In cruce pro homine.*

Poderíamos ir além nestas considerações, que constituem o pábulo teológico da devoção eucarístico-mariana. Poderíamos mostrar que Maria preparou com desvêlos de Mãe a Eucaristia, formando o coração de Jesús; que Ela pediu para si e para a Igreja êste dulcíssimo alimento; que Ela mereceu enfim a Eucaristia para si e para nós, enquanto Mãe de Cristo total, Cabeça e membros.

Contentamo-nos, entretanto, com assinalar êstes pontos para não sermos mais extensos. (17) Dizer mais seria repetir fastidiosamente os mesmos princípios.

Quanto dissemos é suficiente par aclarar as helissimas relações entre a Comunhão e a Mediação da Ss. Virgem.

(17) Êstes temas vêm desenvolvidos com riqueza e beleza sem par em MARIA E A EUCARÍSTIA, pelo Pe. Júlio Maria, SDN, Cap. XII.

PRESENÇA DE MARIA NA EUCARISTIA

Não podemos encerrar êste estudo sem observarmos que as funções de Maria Medianeira junto à Eucaristia exigem aí a sua presença. É mais um enunciado de exatíssima congruência doutrinária. O Rvmo. Padre Júlio Maria SDN, num dos estudos mais originais que porventura se têm publicado nos últimos decênios, defendeu com ardor êste ponto de vista. “A Eucaristia — diz êle em enunciado geral — sendo o prolongamento da Incarnação, e estando Maria em Jesús, como Jesús estava em Maria nesta Incarnação, como o temos demonstrado, é mister que Maria se encontre igualmente na Eucaristia.” (18)

Qual a natureza desta presença? Claro está, não se tratar de presença *física* de Nossa Senhora no adorável Sacramento. Não há margem no dogma para se advogar tamanho absurdo. Trata-se dum modo de presença *conveniente à ação mediadora* de Maria junto aos nossos altares.

Ora, de que natureza é a *ação atual medianeira* da Mãe de Deus no Sacramento da Eucaristia?

Não sabemos com que termo denominá-la. Ninguém à teologia expressões exatas para a maioria dos mistérios. A teologia é a ciência dos segredos de Deus expendida com palavras humanas. Entre a elevação daquela ciência e daqueles segredos, e a estreiteza dos nossos conceitos e expressões terrenas, medeia a diferença do infinito.

Assim, para se designar a natureza íntima da atuação de Maria Medianeira junto à Hóstia dos altares, falece à humana linguagem o termo preciso. Inferimos, precedentemente, à luz de princípios certos, que nossa Mãe celestial aí exerce sua Mediação atual, na ordem da graça, dum modo espiritual, sobrenatural, em virtude da identidade da ação sacrificial da Euca-

(18) Idem, p. 260. Leia-se o estudo completo nos Capítulos IX e X da obra em referência.

ristia com a ação sacrificial do Calvário. Mas como designá-la, se mal lobrigamos sua natureza?

O Pe. Júlio Maria, em sua obra, chama a esta presença — *presença mística*, à falta, diz êle, — de termo melhor. (19) E explica-a como sendo a mesma presença que une Maria Ss. a Jesús na ordem da graça. (20)

Existe, efetivamente, por fôrça da plenitude de graças de Nossa Senhora, uma presença de Maria em Jesús e de Jesús em Maria.

A graça é realidade sobrenatural que, fazendo-nos partilhar acidentalmente a vida de Deus, nos une a Cristo e Cristo a nós. Consequentemente, estamos em Cristo e Cristo em nossa alma pela graça, misticamente.

Deve-se avançar mais quando se trata da presença de Maria em Jesús. A graça que une a Medianeira ao Mediador único é graça à-parte no universo sobrenatural. Igual substancialmente à graça que nos une a Cristo, a graça da Ss. Virgem diferencia-se da nossa pelo grau e especialidade da função a que se ordena. Ela une Maria a Jesús como o “pescoço místico” à “Cabeça”. Une-os na função de influência sôbre as

(19) “Seria possível encontrar ou inventar outro termo que, talvez, exprimisse melhor a presença de Maria Ss. na Eucaristia, pois sentimos que o termo “místico” não exprime ainda tudo o que existe de intimidade entre Jesus e Maria, porém é melhor ficar na terminologia conhecida e adotada pelos teólogos, para evitar qualquer malentendido e qualquer interpretação exagerada. Examinando de perto e em tôdas as suas modalidades a presença de Maria na ordem da graça e da glória, encontramos uma presença tão íntima, tão sagrada, que se parece quase com a presença substancial. Tal termo, entretanto, tendo em filosofia e em teologia uma significação restrita, firme, não seria prudente dilatar esta significação sob pena de cair no equívoco, pois nem todos sabem distinguir logo a presença própria a cada uma das ordens: física, moral, mística e gloriosa. É preferível, pois, dizer menos, mas de um modo claro, do que dizer mais e de modo equívoco e incerto. Adotamos, pois, o termo *presença mística* como sendo o mais claro e o mais teológico no sentido aqui exposto pelas comparações da Igreja e da Sagrada Comunhão”. Pe. Júlio Maria, Loc. cit.

(20) Obra cit. Cap. IX, §§ IV e V.

almas. Une Nossa Senhora a Jesús como *causa secundária instrumental* de tôda a graça à *causa principállissima*. Pode-se falar da existência, em Maria, de uma plenitude de graças da Medianeira, por semelhança à graça capital de Cristo.

Conclusão irrefragável: a presença de Maria em Jesús, sobretudo na Eucarístia, que é por excelência o centro da influência universal da causalidade mediadora, há-de ser uma presença defluente de seu grau de graça e de sua função de augusta Medianeira.

É uma presença sobrenatural. É uma presença mística. É uma presença que une à Cabeça o Pescoço do Corpo Místico, a-fim-de que, por êle, desçam as divinas influências da graça aos membros, isto é, a tôda a Igreja de Cristo.

Maravilhosa realidade, em que não pensamos! Maria, a Medianeira universal da graça, está sempre no seio da Igreja, assim como a Igreja está sempre em seu seio materno, exatamente porque inseparável do perene vínculo de união da Igreja una e santa — a divina Eucarista.

CONCLUSÃO

Não esgotamos o assunto. É uma referência. Muitas outras relações, íntimas, profundas, fecundíssimas para a piedade cristã, podem ainda ser descobertas entre a Eucarístia e a Mediação de Nossa Senhora.

Fizemos apenas as reflexões mais gerais. Estas reflexões legitimam o significativo título de Maria — *Nossa Senhora do Ss. Sacramento*.

Ela é a Senhora do Ss. Sacramento:

porque nos deu a Eucarístia, tirada de sua própria substância;

porque a pediu e mereceu, como pediu e mereceu para a Igreja tôdas as graças;

porque a preparou com todos os desvelos de Mãe, formando Jesús Vítima dos nossos tabernáculos;

porque, sobretudo, é Medianeira universal de tôdas as graças, causa instrumental secundária de todo dom sobrenatural, místicamente e inseparavelmente unida a Cristo Mediador, Vitima, Pontífice, Holocausto, Alimento das almas, Cabeça do Corpo Místico na Eucaristia, donde procedem tôdas as graças para a Igreja.

Assim, identificam-se os títulos de *Nossa Senhora das Graças* e *Nossa Senhora do Ss. Sacramento*, fundamentados ambos na mais sã teologia.

EPÍLOGO

COROLÁRIOS DE DOCTRINA E PIEDADE

Encerrando estas páginas — que se prestariam a desenvolvimento mais amplo, se o quiséssemos — não podemos deixar de tirar algumas conclusões práticas, de grande alcance.

O cerrado da argumentação doutrinária nem sempre permite as elevações do espírito às alturas da piedade, assim como não tolera por vêzes o seu abaixamento ao terreno da pura aplicação prática; foi, por isso, necessário reservar para o remate do estudo, como nos pareceu melhor, as conclusões de ordem prática.

Referem-se algumas, ainda, à doutrina teológica em geral; outras, à história do dogma; e outras, enfim, à piedade e devoção para com Maria Santíssima. Sem querer pormenorizar tôdas, enunciemos as principais.

Na ordem *doutrinária*, parece-nos, está suficientemente elucidado que êste ponto se contém no depósito da Revelação cristã. Na Escritura encontram-se dêle sulcos mais profundos de revelação que da Assunção.

CONCLUSÕES RELATIVAS À DOCTRINA TEOLÓGICA

O que primeiro salta aos olhos do leitor inteligente, após a leitura desta páginas, é que a piedade marial não é, ou não deve ser, cousa de sentimentalismo. A devoção a Maria Ss. tem o direito de vindicar-se títulos de fundamentadamente teológica.

E, particularmente, o culto de Nossa Senhora das

Graças vem alicerçado na mais sã teologia. É que se pode dizer, sem mêdo de êrro, que à Mediação universal de Nossa Senhora se prende dalgum modo tôda a teologia.

Tudo em Cristo está em ser Êle o Mediador — dizia o Pe. Mersch. Tudo em Maria, também, está em ser Ela a Medianeira unida a Cristo. A esta unidade da mediação cristocêntrica e mariocêntrica se reduz tôda a teologia.

Êste ponto de vista aparece acentuadamente exato à luz do capítulo em que tratamos da Mediação e do Corpo Místico. (II.^a Parte, Cap. V). A doutrina do Corpo Místico é, efetivamente, a síntese de tôda a teologia, por isto mesmo que exprime, com clareza e penetração, a Mediação de Cristo. E o Corpo Místico — vimo-lo — é, também, o traço mais perfeito da teologia a exprimir a ação medianeira de Nossa Senhora. Em sua constituição, em seu aparecimento, em sua promulgação, o Corpo Místico tem Maria por mãe. Maria é a causa secundária da graça, que é sua vida. É o Pescoço místico, inseparável da Cabeça Mística. Numa palavra, é Medianeira, inseparável de Cristo Mediador.

A teologia-síntese dos mistérios, ou doutrina do Corpo Místico, é, destarte, inseparável da Mariologia.

Sob qualquer prisma, os divinos mistérios do Cristianismo vêm a dar na Mediação única, que é ao mesmo tempo de Cristo e de Maria, sua Mãe.

Assim, Maria Medianeira é o centro da Teologia católica em união com Cristo Mediador. Ainda que os teólogos não se extendam, explicitamente, sôbre Nossa Senhora, ao estudar cada um dos mistérios, (e nem seria isto possível) Ela é, entretanto, o centro de todos êles, em união com Cristo. Contém-se, implicitamente, em todos os tratados. Sem Ela, não haveria a Incarnação, base da economia redentora.

A Mariologia não é, pois, sômente, consequência (*consectarium*, no têrmo usual da escolástica) do tratado *De Verbo Incarnato*, mas antes parte sua essencial.

CONCLUSÃO RELATIVA A HISTÓRIA DO DOGMA

Assim considerada, a verdade da Mediação da Mãe de Deus rasga horizontes novos para o desenvolvimento da Teologia.

Sabemos que o dogma é susceptível de verdadeiro desenvolvimento pelo estudo e consequentes conclusões novas que dêle se tiram. Sob o aspecto da Mediação de Maria, êle ganhou, dalguns anos a esta parte, amplitude e solidez.

Até o século passado não era assim. Segundo a observação de ilustrado teólogo, o Pe. Bainvel, esta "questão teológica não tinha sido examinada talvez... com tôda a amplitude e precisão que exigia." (1) Universalmente admitida pelos Padres e pelos fiéis, a Mediação não fôra objeto de estudos aprofundados dos Mestres de doutrina. (2)

Hoje em dia, não se pode dizer que seja mais assim. A Mariologia tomou tão amplo desenvolvimento sob o aspecto da Mediação, que a bibliografia sôbre o assunto occuparia extensas páginas.

A conclusão consoladora dêstes estudos, muitos dêles de teólogos de renome, é que a Mediação de Nossa Senhora não é sômente mediação *moral* e *longínqua*, mas *atual* e *física* na ordem sobrenatural. Maria exerce, na dispensação atual das graças, *causalidade física secundária*, assim como Cristo exerce *causalidade física primária*. Entre outros estudos teológicos, já citámos o de Roschini, cuja MARIOLOGIA se nos afi-

(1) Marie, Mère de grâce (Retaux-Editeur — 1903), p. 8.

(2) Foi em 1896 que o Pe. La Broise tomou com maior fôlego a questão num artigo publicado em *études* (t. LXVIII, p. 5). Entretanto, observa o Pe. Bainvel, a quem tomamos êstes pormenores, é de justiça se nomeiem, embora não sejam sistematizados estudos teológicos da questão, as obras de Grignon de Montfort, de Sto. Afonso de Ligório, de Faber, de Petilatot, Jeanjacquot e Mgr. Pie. Quase pelo mesmo tempo da obra do Pe. La Broise, appareceu o monumental escrito do Pe. Terrien SJ, em 4 volumes — *La Mère de Dieu et la Mère des Hommes*. Sem ser a última palavra no assunto, êste trabalho foi, sem dúvida, o que de melhor se escreveu nos fins do século passado e nos começos dêste.

gura o mais avançado passo na doutrina da Mediação da Virgem Ss.

* * *

Com o desenvolvimento incontestável que tomou, portanto, êste ponto doutrinário, pode-se adivinhar a promulgação do dogma da Mediação de Maria. A recente promulgação da Assunção gloriosa é aliás meio passo andado para o novo dogma da Mediação universal.

Que é necessário para a promulgação de um dogma?

Na ordem *doutrinária*, é necessário esteja suficientemente elucidado que êle está contido no depósito da Revelação cristã, na Escritura ou na Tradição — ou melhor, nas duas, pois esta não é senão a elucidação daquela. Na ordem *prática*, é necessário, para se promulgar um dogma, ou que êle tenha sido impugnado pela heresia com prejuízo das almas, ou que de sua definição advenha particular proveito para a Santa Igreja.

Nenhuma destas condições, cremos, falece à verdade da Mediação universal de Maria.

Na ordem *doutrinária*, parece-nos, está suficientemente elucidado que êste ponto se contém no depósito da Revelação cristã. Na Escritura encontram-se dêle sulcos mais profundos de revelação que da Assunção da Ss. Virgem. Na Tradição, e na fé arraigada nalma dos fiéis, cremos não existir verdade tão acordemente confessada e em têrmos tão explícitos.

E, descendo aos motivos de ordem *prática*, quantas conveniências para acréscimo de amor dos cristãos à Mãe de Deus!

Podemos, assim, afirmar, sem querermos antecipar-nos aos juízos da Santa Madre Igreja, que a verdade da Mediação universal de Maria é um dogma *próximamente definível*.

Muito podemos fazer nós católicos, que vivemos na

metade dêste século, por apressarmos a colocação de mais êste diadema sôbre a fronte da Imaculada.

Na promulgação recente do dogma da Assunção, o Soberano Pontífice mencionou, entre os fatos que postulavam a sua definição, os pedidos quase unânimes de todo o mundo e o ter sido aquela doutrina “esplêndidamente explicada e declarada pelos estudos, sabedoria e prudência dos teólogos.” (3) Eis aí o que fazer com relação ao dogma da Mediação universal.

Neste ponto, grande serviço poderão prestar, quer a doutrinação do povo nas pregações do mês de maio e nas festas da Ss. Virgem, quer os estudos acurados dos teólogos em certames especializados nas cátedras dos seminários. Congressos marianos para o povo e para o clero, nos quais se verse o assunto com clareza e sem subterfúgios; debate desta doutrina; a ocupação com o tema em círculos de estudo da Ação Católica; — aí ficam algumas sugestões altamente práticas, segundo cremos, para apressar o palpitante dogma da Mediação. Tudo isto sem se esquecer a força incontestável das preces particulares e coletivas ao Divino Espírito Santo no mesmo sentido.

Dêste modo, teremos dado ativa e consciente contribuição à história do dogma católico.

(3) Constituição Apostólica “*Munificentissimus Deus*”. Citemos todo o texto do Papa, que êle é valioso esclarecimento ao assunto correlato que ora versamos. “Considerando que a Igreja universal — que é assistida pelo Espírito de verdade que a dirige infalivelmente” para o conhecimento das verdades reveladas, — no decurso dos séculos manifestou de tantas formas a sua fé; considerando que os Bispos de todo o mundo quase unânimemente pedem que seja definida como dogma de fé divina e católica a verdade da Assunção corpórea da Santíssima Virgem ao céu; considerando que esta verdade se funda na Sagrada Escritura, está profundamente gravada na alma dos fiéis, e desde tempos antiquíssimos é comprovada pelo culto litúrgico, e concorda inteiramente com as outras verdades reveladas, e tem sido esplêndidamente explicada e declarada pelos estudos, sabedoria e prudência dos teólogos — julgamos chegado o momento estabelecido pela Providência de Deus para proclamarmos solenemente êste privilégio insigne da Virgem Maria”.

CONCLUSÕES RELATIVAS À PIEDADE

As conclusões mais importantes dêste livro, porém, são certamente as relativas à piedade *afetiva e efetiva*.

Na ordem *afetiva*, temos as grandezas e riquezas sobrenaturais a admirar em Maria. É o que deflui principalmente da primeira parte do estudo que empreendemos. Quantos motivos para nos alegrar e para amarmos a Maria Ss. vendo-a tão bela, ornada de todos os dons de Deus!

E' verdade que o brilho excessivo ofusca a nossa fraca visão. Sta. Teresinha dizia não poder compreender Nossa Senhora assim tão elevada que se tornasse diferente de nós. Seria supôr u'a mãe distanciada dos filhos...

É isto repreensão para aqueles que contemplam Maria só intellectualmente, sem vivificar o estudo pelo amor filial.

Não e não. A grandeza de Maria não aparta de seus filhos e nem deve afugentar a êstes. Sua grandeza, considerada com amor, aumenta o amor. Não é alegria para o filho considerar os dotes de sua mãe? Demais, tudo o que Maria recebeu, recebeu-o por causa de seus filhos. Os dons da graça que nEla refulgem são a nossa riqueza. Que motivo, pois, de nos alegrarmos, de nos abismar-nos em suaves pensamentos de afeto para com esta boa Mãe!

Na ordem *efetiva*, é necessário observar que o verdadeiro amor vive de atos e não de vãs considerações. *Probatio ergo dilectionis exhibitio est operis* — diz São Gregório Papa. (4)

É preciso conhecer Nossa Senhora e admirá-la tal qual Ela é. Consequentemente, é necessário cultuá-la com o culto teológico a que sua grandeza e posição no plano divino fazem jus.

Lex orandi legem statuit credendi, têm dito os teó-

(4) Homilia 30.^a in Evangelia — (Breviário Rom. na festa de Pentecostes).

logos. Este princípio é reversível. *Lex credendi statuit legem orandi*, podemos dizer. Como cremos ser Maria, assim importa que a veneremos e amemos.

A lei da nossa crença na Mediação de Maria deve estabelecer a lei das nossas preces, do nosso amor, da nossa devoção. Se nada vem dos céus que não passe pelas mãos de Maria, nada deve subir aos céus sem passar também por suas mãos.

Se Maria é “cheia de graça para no-las comunicar”, importa busquemos a graça em Maria. Maria é o caminho das ascensões divinas, o órgão de nossa comunicação com a Cabeça — Cristo.

Daí defluem várias conclusões, que, num crescendo lógico, formam o arcabouço de uma teologia da devoção marial. Enumerêmo-las.

1. *A devoção a Maria, substancial na vida cristã.*
— A devoção a Nossa Senhora é algo substancial na vida cristã. Não é mero ornato de piedade. Não é cousa que se dispense. É, digâmo-lo, *exigência* da vida verdadeiramente cristã.

“A piedade de uma alma — escreve Dom Columba Marmion — não seria verdadeiramente cristã, se não compreendesse, em seu objeto, a Mãe do Verbo Incarnado. A devoção para com a Virgem Maria é não só importante, mas necessária, se quisermos beber, com abundância, na fonte da vida. Separar Cristo de sua Mãe, em nossa piedade, é dividir Cristo, é perder de vista o papel essencial de sua santa humanidade na colação da graça divina.” (5)

Admitida como teologicamente certa a doutrina da Mediação universal de Maria, será necessário concluir que a devoção à Mãe de Deus é *indispensável* para a aquisição da graça.

Em que sentido? Em sentido *absoluto* com relação ao menos às graças de maior progresso espiritual; em

(5) JESUS CRISTO, VIDA DA ALMA p. 388.

sentido *relativo* somente, com respeito às graças comuns para a salvação.

Isto quer dizer que é impossível à alma cristã atingir a perfeição sem devotar-se com particular amor a Nossa Senhora, muito embora possa salvar-se quando por ignorância inculpada não é devota de Maria. Creio piamente que o Espírito Santo não deixa de inspirar o amor da Virgem Imaculada a todos quantos, por divina providência, estão predestinados à eterna salvação. É um corolário da Mediação universal. E assim, *hipoteticamente*, poder-se-ia dizer que ninguém, não só *não se santifica*, mas *nem mesmo se salva*, a não ser que seja devoto de Nossa Senhora. Esta crença exprime, noutros termos, a afirmação peremptória comum dos Santos, que a devoção a Maria é infalível sinal de predestinação, assim como a ausência desta devoção é sinal ao menos relativo de reprovação.

2. *Caráter desta devoção* — Devemos, portanto, cultivar sincera devoção a Maria, se queremos receber com abundância a graça divina.

Mas, como se deve caracterizar esta devoção? Não é a devoção, essencialmente, no ensino de Sto. Tomás, transmitido pelo comum dos nossos catecismos, uma dedicação da alma com suas potências, feita ao *próprio Deus*? Não viria, assim, a devoção a Maria separar-nos do verdadeiro espírito de devoção tão bem caracterizado no espírito da Liturgia pelo qual a Igreja, nossa Mestreira suprema, nos une a Deus por Jesus Cristo — *per Dominum Nostrum Jesum Christum*? Como caracterizar, então, repetimos, a nossa devoção necessária a Maria?

Respondemos: antes de tudo, a verdadeira devoção a Nossa Senhora — que produzirá salutareos frutos espirituais — há-de ser *inseparável* da de Jesus Cristo, sobretudo de Cristo Eucarístico, centro da ação mediadora. Este o caráter essencial da devoção à Mãe de Jesus. Assim, esta devoção, longe de ser óbice à *união*

com Deus, — em que consiste essencialmente a *devoção* — será o mais perfeito meio desta união. O mais perfeito — no dizer de S. Luiz de Montfort — porque o meio escolhido por Deus para se unir a nós em Cristo.

3. *A devoção a Maria e a vida litúrgica*. — É preciso ainda adiantar que esta devoção de modo algum separa, antes une mais perfeitamente o fiel à Igreja e ao espírito de sua Liturgia? Negar esta verdade fôra esquecer que a Igreja jamais desune Maria de Cristo Jesús, ao menos implicitamente, na prece litúrgica. Fôra esquecer a estreita união entre Maria e o Sacrifício Eucarístico, “última perfeição e consumação da Liturgia”, “para a qual convergem tôdas as funções eclesiásticas, bênçãos e administração dos sacramentos”, e “donde recebem tôda fôrça, energia e santidade”, na expressão do Cardeal Bona. (6)

É de ver-se, efetivamente, como a Sta. Igreja se dirige à Mãe de Jesús, já no coração do Santo Sacrifício, comemorando o seu nome antes dos Apóstolos, estreitamente unido ao de Cristo, (7) já nas Horas da prece litúrgica oficial, que se iniciam com o *Pater* e *Ave*, e terminam sempre por uma Antífona marial. Tudo sem falarmos do preponderante número de festas da Ss. Virgem no calendário litúrgico e das frequentes referências à augusta Mãe nos hinos, antífonas, tractos, e responsórios. (8)

É forçoso afirmar, por tudo isto, que a devoção a Nossa Senhora, bem compreendida, inseparável da de

(6) Haec maiorum nostrorum religio fuit, ut omnes sacrae et ecclesiasticae functiones, sacramentorum administrationes et quaecunque benedictiones intra Missarum solemnia peragerentur. Omnium enim ultima perfectio et consumatio Eucharistia est, a qua vim energeticam et sanctitatem accipiunt”. — *De rebus liturgicis*, 1. 2, cap. 14, § 5.

(7) “Communicantes et memoriam venerantes, in primis gloriosae semper Virginis Mariae, Genitricis Dei et Domini Nostri Jesu Christi...” — *In Can. Missae*.

(8) Para mencionar um só exemplo, vejam-se quão ricos de motivos marianos os responsórios, quer no Breviário quer na Missa, da Liturgia do Advento e do Natal.

Jesús Cristo, é precioso e efficacíssimo meio de união à vida litúrgica da Igreja.

4. *A devoção a Maria e os Sacerdotes.* — Particularmente, já se vê quão fecunda a devoção acendrada dos sacerdotes à Maria Medianeira. Esta devoção unilhos-á do modo mais perfeito à Liturgia da Igreja, de que êles são, por excelência, os *participantes*, porque *Ministros*.

Além disto, porque nenhuma alma se salva senão por Maria, esta devoção comunicará fecundidade ao apostolado sacerdotal.

“Se Maria viver no coração de um apóstolo, pode êsse operário evangélico ficar seguro de que terá a eloquência maternal para tocar almas nas quais se frustraram todos os demais meios. Parece que, por uma delicadeza admirável, Nosso Senhor quer reservar para a Mediação de sua Mãe as conquistas mais difíceis do apostolado e concedê-las apenas àqueles que vivem intimamente com Ela. *Per te ad nihilum redegit inimicos nostros.*” (9)

Aliás, ninguém que traduza nas suas funções e na sua dignidade semelhança mais acentuada com a Virgem Medianeira, do que o Sacerdote. Êle é também Mediador. É “outro Cristo”. É portador da graça. O caudal infinito dos sacramentos está em suas mãos. Dêle pode dizer-se, certo ponto o que se diz de Maria: “nenhuma graça que não passe por suas mãos.”

Hà, pois, um traço marcante na ordem sobrenatural que quase identifica as funções de Maria Medianeira e as do Sacerdote. Maria efetiva normalmente a sua mediação em ordem à salvação das almas pelo ministério sacerdotal. E o ministério sacerdotal deve tôda a sua fecundidade salvadora à Mediação de Maria.

Tem-se às vêzes dito errôneamente que o sacer-

(9) A ALMA DE TODO O APOSTOLADO, p. 250 (Ed. Francisco Alves).

dócio é superior à dignidade de Maria. Muito longe disto, a dignidade sacerdotal haure tôda a sua grandeza e beleza nas relações íntimas existentes entre o Sacerdote e Maria. O Sacerdote é Mediador visível fazendo as vêzes de Cristo e Maria, invisíveis. Ele exerce *ação vicária, fazendo as vêzes* de Cristo e de Maria. Maria, ao contrário, unida a Cristo, faz um papel substancial, indispensável, de causalidade instrumental inseparável de Cristo na colação da graça. O Sacerdote aplica quanto Maria dispensa às almas. O sacerdócio está a serviço da Mediação primariamente de Cristo, e secundariamente de Maria.

Estas relações crescem de vulto se as considerarmos sob o prisma da Eucaristia. Aí prolonga a Virgem sua função corredentora. E o Sacerdote, que aí faz as vêzes de Cristo, faz também as vêzes de Nossa Senhora. O Sacrifício Eucarístico, que é primariamente do Redentor, é secundariamente da Mãe Corredentora; é êste Sacrifício que o Padre renova e prolonga por seu poder sacerdotal.

Quantos motivos de uma devoção teológica, interior, afetuosa, para com Maria Medianeira! E quanto esta devoção se irmana com o espírito litúrgico, volvido sempre para o Sacrifício Eucarístico, seu centro e foco de sua vida!

5. *Qual forma de devoção a Maria é mais recomendável?* — Postas essas considerações, plenamente informados da imprescindível necessidade da devoção a Maria Virgem, podemos formular a seguinte pergunta: que forma prática de devoção a Maria é mais recomendável?

A pergunta, que pode parecer ociosa para sacerdotes, não deixa de carecer de elucidações para o povo. Infelizmente, pululam tantas devoções exóticas e falsificadas, tantas práticas por vêzes ridículas, até entre pessoas de mais acurada formação, que não é desneces-

sário lembrar nesta conclusão verdades fundamentais. Não é tal e tal prática de devoção que nos faz verdadeiros devotos de Nossa Senhora; nem mesmo grande número delas é que nos unirá intimamente a Deus. É, antes, o espírito de verdadeiro amor, nascido da vontade retamente intencionada, com o desejo sincero de agradar a Nosso Senhor, o que constitui a *devoção*.

Não se pode, assim, dizer *própriamente* que esta ou aquela devoção a Maria seja a melhor. A melhor será aquela que melhor nos unirá a Deus, fazendo-nos fugir do pecado e praticar a virtude.

E isto é bastante subjetivo. Depende, primariamente, dos atrativos da graça do divino Espírito Santo, e, secundariamente, dum conjunto de circunstâncias mais ou menos importantes, tais como: o estado que se abraçou (matrimonial, religioso ou sacerdotal), as orientações do confessor, as próprias disposições físicas, etc.

É verdade, entretanto, que, independentemente do ponto de vista subjetivo, há práticas objetivamente mais perfeitas e de si mais capazes de unir as almas a Nosso Senhor. Podíamos apresentar numerosas. Preferimos fazer referência àquela que S. Luiz De Montfort, o grande doutor da Mediação universal, chamou *verdadeira devoção a Nossa Senhora* — a santa Escravidão de amor.

Em que consiste? Na doação *total* que a alma faz de si mesma a Nossa Senhora, e por Ela a Nosso Senhor, com o propósito amoroso de viver numa vida de união interior completa com Jesús e Maria.

Poucas almas, como previu seu instituidor, compreendem em toda a extensão esta prática de elevado amor a Nossa Senhora. Ela não é o ato exterior de redigir uma consagração e assiná-la nem mesmo com o próprio sangue. Mede-se-lhe o valor sobretudo pela *constância e intensidade da vida de união espiritual da alma* com Maria e, por Ela, com Jesús Cristo.

A prática de perfeita intimidade com Jesús e Maria, ensinada por Montfort, é capaz de elevar a alma

não só às mais heróicas virtudes, mas aos mais acendrados graus do amor místico, derradeiras etapas da santidade.

Não temos espaço nestas páginas — de mera conclusão — para analisar o alto valor teológico da espiritualidade montfortiana. Outros autores já o fizeram, aliás com riqueza de pormenores práticos e vantagem imensa para a devoção à Virgem Santíssima. (10) Queremos apenas assinalar como que o seu cerne e alimento substancial: a *vida de intimidade com Maria*.

6. *Prática da vida de intimidade com Maria* — Vimos, ao tratarmos do “como” da Mediação, que ela consiste, principalmente, na influência sobrenatural que a Virgem Medianeira exerce sôbre as almas em união com o Espírito Santo. Assim sendo, quanto mais disposta se achar a alma pela união interior com esta boa Mãe, tanto mais receberá a sua celestial influência, assim como se aproveita mais das inspirações do Espírito Santo quem melhor se dispõe a captá-las, pela vida interior. Ora, outra cousa não é a *vida de intimidade* com a Ss. Virgem que a própria *vida interior*, ou *exercício dos dons* do Divino Espírito Santo em plena atividade espiritual.

Para elucidação mais prática, demos a palavra a um autor que versou a vida de intimidade com grande proficiência: (11)

“A vida de intimidade, — pode-se dizer mesmo a vida interior em geral — é composta de dois atos distintos: um para chamar Deus até nós, ou antes para o

(10) Entre outras obras, teóricas e práticas, podem citar-se: A. Lhoumeau, À L'ÉCOLE DU B. DE MONTFORT; Giraud — LA VIE D'UNION AVEC MARIE. P. J. M. De Lombaerde — LES PRINCIPES DE LA VIE D'INTIMITÉ AVEC MARIE. Dêste último autor, ainda: MEU DIA COM MARIA (Ed. “O Lutador”), O SEGRÊDO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO PARA COM MARIA SS. e L'ESPRIT DE LA VIE D'INTIMITÉ.

(11) P. J. M. De Lombaerde — LES PINCIPES DE LA VIE D'INTIMITÉ AVEC MARIE.

descobrir em nós; outro, para arrojá-lo nele o nosso coração. O primeiro é o ato de recolher-nos, o segundo é aspiração da alma recolhida...

“Este recolhimento pode fazer-se por um simples olhar de fé:” Maria vê tudo em Jesús. Ela me vê. Ela está perto de mim. Ela me observa, e espera de mim um olhar de amor.”

“Este ato de recolhimento, por mais curto que se queira, comporta uma pausa positiva. É uma parada; não basta, portanto, uma lembrança passageira. É um retrospecto sobre nós mesmos, uma curta ascensão para o céu.”

“Eis aí o primeiro ato. Como êle, deve ser também o segundo. Este ato de recolhimento alimenta as aspirações, e, por sua vez, as aspirações o fecundam. É como um todo cujas partes se completam, mas têm suas leis e indústrias particulares.”

A nosso ver, aí está a essência da prática da perfeita devoção a Nossa Senhora. Ser seu verdadeiro devoto é estar-lhe sempre unido pela vida interior mais intensa, para mais intensamente se unir a Cristo.

Ninguém que não veja como esta devoção é prática e de amplas repercussões em toda a vida cristã. Ela é o aspecto mais doce, mais suave, mais afetuoso da vida interior. Viveram-na os maiores devotos de Maria, entre os quais importa lembrar o melífluo S. Bernardo. Este santo sintelizou toda a suavidade da vida interior com Maria na seguinte exclamação, que pode ser o remate destas páginas:

Dulce est de te audire, dulcius est de te cogitare; imo dulcissimum et suavissimum per Christi vulnere in Cor tuum intrare.

CONCLUSÃO FINAL

Aos pés de Maria depositamos êste livro. Se foi estudado com denôdo, muito mais o foi com amor sincero.

Que um acréscimo de amor seja também a única recompensa para quem escreveu e para quem ler estas humildes páginas.

Die Pentecostes, in festivitate Dominae Nostrae
Smi. Sacramenti, XIII Maji MCMLI.

Pe. A. M.

LAUS DEO VIRGINIQUE MARIAE

Composio e Impresso na
EDITORA CUPOLC LTDA.,
R. Seminário, 187 - S. Paulo

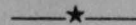
“MULHER BENDITA”

Acaba de sair do prelo, e já está à venda o formoso volume de 292 páginas: “MULHER BENDITA” da autoria do Pe. Júlio Maria. Edição revista e simplificada. — Uma preciosa obra sobre NOSSA SENHORA, que a Editôra “O Lutador” reedita, Faça, desde já, o seu pedido Cr.\$ 20,00



BIOGRAFIA DE UM GRANDE MISSIONÁRIO

Está sendo vendido na Editôra “O Lutador” o livro sensacional, intitulado: — “PADRE JÚLIO MARIA, SUA VIDA E SUA MISSÃO” da lavra do Rev. Pe. Antônio Miranda, S. D. N. — História palpitante de um santo Missionário dos tempos novos — Belo volume, capa artística e atraente. — Pedidos à Editôra “O Lutador” — Manhumirim — E. F. L. — Minas Cr.\$ 30,00



DESEJA CONHECER A MAÇONARIA?

Adquira então o livro que melhor trata do assunto: “O Segrêdo da Maçonaria”, pelo Pe. Antônio Miranda, S.D.N. — Pedidos à Ed. “O Lutador”, Manhumirim, Minas Cr.\$ 8,00



“UM ANJO DA EUCARISTIA”

Biografia de uma jovem Religiosa brasileira, Ir. Maria Celeste, pelo Pe. J. Maria. Nesta Editôra . . Cr.\$ 15,00



“O DIABO, LUTERO E O PROTESTANTISMO”

(da autoria do Pe. Júlio Maria, S. D. N.)
Nova e bem confeccionada edição. Um livro que se lê com agrado. — Pedidos à Editôra do “O LUTADOR” —
Prêço: Cr\$ 20,00.

